



**UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO
CURSO DE MESTRADO**

REBECA ARAÚJO CARVALHO NASCIMENTO

**CANTANDO, LENDO A BÍBLIA, ORANDO: as Escolas Bíblicas
Dominicais como estratégia de implantação das confissões de fé
protestantes em solo brasileiro**

Recife, 2023

N244c Nascimento, Rebeca Araújo Carvalho.
Cantando, lendo a Bíblia, orando : as Escolas Bíblicas
Dominicais como estratégia de implantação das confissões de
fé protestantes em solo brasileiro / Rebeca Araújo Carvalho
Nascimento, 2023.
113 f. : il.

Orientador: Luiz Carlos Luz Marques.
Coorientador: Edjaelson Pedro da Silva.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica de Pernambuco.
Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião.
Mestrado em Ciências da Religião, 2023.

1. Protestantismo - Brasil - Doutrina bíblica.
2. Escolas dominicais. 3. Protestantes - Brasil - Missões.
I. Título.

CDU 284(81)

REBECA ARAÚJO CARVALHO NASCIMENTO

**CANTANDO, LENDO A BÍBLIA, ORANDO: as Escolas Bíblicas
Dominicais como estratégia de implantação das confissões de fé
protestantes em solo brasileiro**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Católica de Pernambuco, como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Mestre em Ciências da Religião, elaborada sob a orientação do Prof. Dr. Luiz Carlos Luz Marques e co-orientação do Prof. Dr. Edjaelson Pedro da Silva.

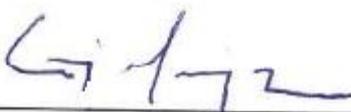
Recife, 2023

REBECA ARAÚJO CARVALHO NASCIMENTO

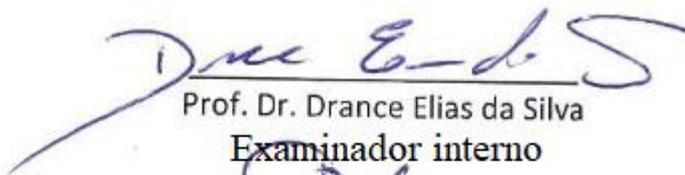
**CANTANDO, LENDO A BÍBLIA, ORANDO: as Escolas Bíblicas
Dominicais como estratégia de implantação das confissões de fé
protestantes em solo brasileiro**

Aprovada em 15 de maio de 2023

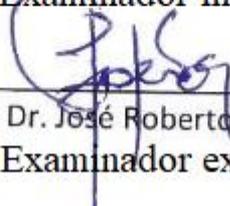
Banca Examinadora



Prof. Dr. Luiz Carlos Luz Marques
(Presidente da Banca Examinadora)



Prof. Dr. Drance Elias da Silva
Examinador interno



Prof. Dr. José Roberto de Souza
Examinador externo

DEDICATÓRIA

*À minha mãe Conceição e ao meu Pai Luseny,
pelo amor incondicional.*

AGRADECIMENTOS

Ainda que escrever seja considerado por muitos um ato solitário, nenhum trabalho pode ser feito sem a participação e ajuda de várias pessoas. Diante das dificuldades encontradas, entre tristezas e alegrias o trabalho foi concretizando-se e diversas pessoas auxiliaram nessa trajetória, a elas dedico meus sinceros agradecimentos. Primeiramente agradeço a Deus por consolar-me nas horas difíceis dessa jornada, agindo sempre como um guia nas minhas decisões. Agradeço a saúde, coragem, determinação e “luz” na hora de escrever.

Sou infinitamente grata ao meu orientador Professor Dr. Luiz Carlos Luz Marques, por fazer parte da minha formação acadêmica. As conversas, as preocupações, as orientações, as palavras de incentivo, a sua benignidade presente em todo esse processo. A sua organização e competência são exemplos a serem seguidos. Aos Professores Dr. José Roberto de Souza, Dr. Drance Elias da Silva e Dr. Edjaelson Pedro da Silva, pelas sugestões e indicações de leituras que nortearam e organizaram todo o meu trabalho. Meu respeito e admiração. À Professora Dr^a Maria Betânia, responsável por inserir-me no campo da pesquisa em Ciências da Religião.

À pessoa mais importante e, com certeza a que mais se fez presente nesta caminhada, Filipe. Obrigada pela cumplicidade, por toda a paciência e dedicação, principalmente nos ataques de nervosismos e nas “crises” ocorridas durante o mestrado. Sua ajuda foi essencial, sem você eu não teria conseguido. Grata por tudo.

Aos meus pais Luseny Araújo Nascimento e Maria da Conceição pelo profundo amor e dedicação na minha formação de vida e nos meus estudos. Mesmo distantes acompanharam cada angústia, choros e vitórias deste mestrado. Sou grata pela minha Igreja Evangélica Batista de Floriano (PI), lócus no qual, passei grande parte da minha vida, onde conheci a EBD pela primeira vez; grata ao Pr Manoel Antonio de Freitas e ao Pr José Alécio. Agradeço ao Pr Francisco Bonato por toda bondade para comigo, no fornecimento de fontes para a pesquisa.

Meu muito obrigada!

RESUMO

Este trabalho pretende apresentar uma visão panorâmica e teológica do que se escreveu e estudou sobre a Escola Bíblica Dominical, fazendo a conexão do seu desenvolvimento no Brasil. Isto é, no tocante ao seu papel estratégico de consolidação do protestantismo brasileiro de missão, em meados do século XIX e início do século XX, por meio dos manuais didáticos de Escola Dominical. Nesse sentido, esta pesquisa tem como objetivo geral: Identificar, demonstrar e analisar a importância do processo pedagógico historicamente conhecido como Escola Bíblica Dominical que, através dos cânticos, da leitura da Bíblia e da prática da oração, foi adotado como uma das estratégias de implantação do protestantismo em solo brasileiro, em meados do século XIX e início do século XX. Visa demonstrar, comparando-os, os modelos implantados em solo brasileiro, com modelos clássicos do mundo anglo-saxão, buscando as explicações e justificativas de eventuais mudanças adaptativas à realidade social dos convertidos, na construção de um novo *habitus* e na conquista de um novo campo, em meio a uma sociedade em que o catolicismo popular imperava há séculos. A análise do corpus bibliográfico de pesquisa oportunizou a redescoberta de certos manuais didáticos que fulcrados na Bíblia, imprimem a perspectiva do protestantismo de origem missionária norte-americana, notadamente dos grupos congregacionais e batistas; o viés pedagógico desses manuais, desvela uma nova confissão de fé religião que estava surgindo no Brasil, durante o período já referido. Outrossim, no tocante aos resultados: as estratégias educacionais missionárias de Escolas Dominicais, de padrão norte-americano, no Brasil, não podem ser dissociadas do próprio projeto norte-americano de expansão: o “destino manifesto” de meados do século XIX. As Escolas Dominicais fundadas no Brasil dessa época, nascem vinculadas ao idealismo missionário dos congregacionais, presbiterianos e batistas de evangelização do Brasil. Adotou-se como procedimentos metodológicos a pesquisa histórica de caráter bibliográfico, elegendo-se como referencial teórico os autores discutidos no campo das Ciências da Religião, dentre eles, P. Bourdieu, A. G. Mendonça e P. Garcez, utilizando-se, também, da conceituação de M. de Certeau, no tocante à estratégia.

Palavras-chave: Igreja; Estado; Poder; Movimentos de Resistência; Educação confessional.

ABSTRACT

This paper intends to present a panoramic and theological view of what has been written and studied about the Sunday School, making the connection of its development in Brazil. That is, regarding its strategic role in the consolidation of the Brazilian mission Protestantism, in the middle of the 19th century and beginning of the 20th century, through the Sunday School textbooks. In this sense, this research has as a general objective: To identify, demonstrate and analyze the importance of the pedagogical process historically known as Sunday School that, through songs, Bible reading and the practice of prayer, was adopted as one of the strategies of implantation of Protestantism in Brazilian soil, in the mid-nineteenth century and early twentieth century. It aims to demonstrate, by comparing them, the models implanted in Brazilian soil, with classical models from the Anglo-Saxon world, seeking the explanations and justifications of eventual adaptative changes to the social reality of the converts, in the construction of a new habitus and the conquest of a new field, in the midst of a society where popular Catholicism had reigned for centuries. The analysis of the bibliographical corpus of the research allowed the rediscovery of certain textbooks that, based on the Bible, print the perspective of the Protestantism of North-American missionary origin, notably the Congregational and Baptist groups; the pedagogical bias of these textbooks reveals a new confession of faith and religion that was emerging in Brazil during the above-mentioned period. Furthermore, regarding the results: the missionary educational strategies of the North-American Sunday Schools in Brazil cannot be dissociated from the North-American expansion project itself: the "manifest destiny" of the mid 19th century. The Sunday Schools founded in Brazil at that time were born linked to the missionary idealism of the Congregationalists, Presbyterians and Baptists for the evangelization of Brazil. We adopted as methodological procedures the historical research of bibliographical character, electing as theoretical reference the authors discussed in the field of Religion Sciences, among them, P. Bourdieu, A. G. Mendonça and P. Garcez, also using the conceptualization of M. de Certeau, regarding the strategy.

Key-words: Church; State; Power; Resistance Movements; Confessional Education.

Índice das imagens

Figura 1: Junta de Escolas Dominicais e Mocidade da Convenção Batista Brasileira	67
Figura 2: Edgar Francis Hallock (Diretor Geral da Casa Publicadora Batista)	68
Figura 3: Texto explicativo sobre a Junta de Publicação, Escolas Dominicais, Uniões de Mocidade e Escolas Populares	68
Figura 4: O Diretor e as auxiliares do Departamento de Escolas Dominicais	68
Figura 5: Corpo docente do Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil (RJ)	68
Figura 6: Primeira turma de professores diplomados pelo Curso Normal, 1917	95
Figura 7: Capa do livro Manual da Escola Dominical, 1946	100

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 A PEDAGOGIA PROTESTANTE: A EDUCAÇÃO NA CONCEPÇÃO DA REFORMA PROTESTANTE E A RELAÇÃO COM OS MOVIMENTOS DE ESCOLAS DOMINICAIS.....	17
2.1 TRILHAS DA EDUCAÇÃO NA REFORMA PROTESTANTE DO SÉCULO XVI	17
2.2 O CONTEXTO DE SURGIMENTO DA ESCOLA DOMINICAL: PROGRESSO DA ESCOLA DOMINICAL COM OS SENHORES ROBERT RAIKES E WILLIAM FOX	24
2.3 UMA NOVA CULTURA PARA A INSTRUÇÃO: ANTECEDENTES HISTÓRICOS E CULTURAIS DA ESCOLA DOMINICAL.....	37
2.4 RELIGIÃO E EDUCAÇÃO: PELAS LENTES DA ESCOLA DOMINICAL	41
3 A ESTRATÉGIA DOS MANUAIS: UM ENFOQUE NOS MATERIAIS DIDÁTICOS DA ESCOLA DOMINICAL	53
3.1 A ESCOLA DOMINICAL DENTRO DA ASCENSÃO DAS MISSÕES MODERNAS.....	53
3.2 OS PIONEIROS METODISTAS E A ESCOLA BÍBLICA DOMINICAL: SPAULDING, KIDDER E FLETCHER	58
3.3 A ESCOLA DOMINICAL NASCENTE NO CONGREGACIONALISMO DE ROBERT KALLEY E SARAH KALLEY E NO RAMO PRESBITERIANO.....	59
3.4 A ESCOLA DOMINICAL NO IDEÁRIO PEDAGÓGICO BATISTA.....	63
3.5 OS DEPARTAMENTOS SEGUNDO O MANUAL DA ESCOLA DOMINICAL DE WALTER KASHEL E EDGAR HALLOCK.....	72
3.6 BASES DA EDUCAÇÃO CRISTÃ DE HAYWARD ARMSTRONG E O PROGRAMA DE EDUCAÇÃO RELIGIOSA POR CATHRYN SMITH	75
4 UMA ANÁLISE DOS MANUAIS COMO ESTRATÉGIA DA ESCOLA DOMINICAL	88
4.1 <i>MANUAL DA ESCOLA DOMINICAL</i> DA CASA PUBLICADORA BATISTA (1946) PERTENCENTE À CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA	96
4.2 O <i>HABITUS</i> RELIGIOSO NOS MANUAIS DE ESCOLA DOMINICAL	101
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	104
REFERÊNCIAS	111

1 INTRODUÇÃO

A Escola Dominical é amiga da infância, inspiração da mocidade, força da maturidade e conforto da velhice.

A Escola Dominical tem o dia de Deus por seu dia, a casa de Deus por seu local, o livro de Deus por seu texto e a glória de Deus por seu propósito.

A Escola Dominical é dirigida e ensinada, por homens e mulheres crentes que dão voluntariamente do seu tempo, dos seus talentos, dos seus poderes e do seu dinheiro, a fim de que o perdido seja salvo e o salvo fortalecido.

A Escola Dominical edifica o caráter, instrui a mente, aquece o coração, alimenta as aspirações, encoraja o enfraquecido, protege o tentado e aponta o caminho da vida a todos.

A Escola Dominical estende sua mão amiga a todos, moços e velhos, e os convida a entrar na casa do Pai, onde poderão ouvir-lhe a voz mansa e suave em sua Santa Palavra (M.E. Dodd).

Religião se aprende. Durante a infância, a adolescência e juventude fui inserida no contexto eclesial da Escola Bíblica Dominical, EBD, desde cedo, através dos meus pais. Como o nome já sugere, é uma escola que ocorre aos domingos e, por tradição, no horário das nove da manhã. E, ainda, na idade adulta frequento a EBD. Tenho lembranças de professoras leigas me contando histórias bíblicas, na sala dos Principiantes lá em Floriano, no interior do Piauí. Lembro com afeto do livreto com a *História de Moisés* que ganhei por ter acertado às perguntas feitas. Aquela professora captou-me com seu jeito de contar e obviamente com o método do reforço positivo, fazendo com que me sentisse motivada a prestar atenção ao encontro. Eu deveria ter entre 5 e 6 anos, mas como é de se admirar que, por serem memórias afetivas, a pequena menina Rebeca não deixou o tempo levar essas lembranças. Educação e religião caminhando juntas. Cantávamos músicas, corinhos, hinos dos *Cânticos de Salvação* da Aliança em Prol de Evangelização de Crianças, APEC, modelávamos com massa de modelar caseira, feita com trigo, água e corante advindo de sucos artificiais, éramos incentivados a apresentações teatrais com relação a conteúdos de cunho missionário da Junta de Missões Mundiais da Convenção Batista Brasileira, além de jograis, cantatas, tudo isto na Escola Dominical. Desse modo, a formação sociorreligiosa ia sendo desenvolvida com diversos estímulos que uma educação da infância requer. Vale ressaltar, portanto que há, por assim dizer, um certo primor da formação intelectual, social e humanístico do indivíduo inserido na Escola Dominical.

Tendo sido professora da EBD da Igreja Evangélica Batista de Floriano, Piauí, desde janeiro de 2012 até dezembro de 2014, trabalhei com alunos de 7 a 8 anos. Recentemente, já como pesquisadora, tive a oportunidade de conhecer e desenvolver práticas educativas na Escola Dominical batista de Floriano como também de participar da idealização da mesma, durante 6 meses na sua liderança, no ano de 2022.

A presença protestante, foi um tema que me chamou a atenção na leitura do clássico “O Celeste Porvir” de Antônio Gouvêa Mendonça (1984). Quando o autor toca no assunto das atividades missionárias leigas, aloca a Escola Dominical nesse campo, e sem fazer grandes considerações, discorre de forma breve sobre o trabalho que contribuiu para a inserção do protestantismo no Brasil, no século XIX.

A Escola Dominical não é de hoje, ela tem uma trajetória que dura cerca de duzentos anos e quarenta e dois anos, poder-se-ia de modo singelo, defini-la como uma organização de cunho educacional-religioso, no âmbito das instituições religiosas advindas do protestantismo missionário. Há uma alteração dentro de sua terminologia com uma explicação histórica que será exposta no decorrer desta dissertação, esse movimento é também chamado de Escola Bíblica Dominical – EBD ou Escola Dominical – ED no contexto das igrejas protestantes, dependendo de qual seja a denominação eclesiástica haverá modificação na terminologia. Na Escola Dominical se condensa o estudo bíblico em todas as faixas-etárias, da infância à velhice, os alunos e alunas dessa escola nunca se formam. Esta pesquisa tem como objetivo retratar o início do trabalho da Escola Dominical, trazendo pesquisas anteriores no Brasil do século XIX.

Diante das reflexões até aqui prestadas, surgiram algumas indagações: O que impulsionou os missionários e as missionárias protestantes de missão a criarem a Escola Bíblica Dominical – EBD no Brasil? Qual era o objetivo dessas escolas? A quem interessava? Onde ocorriam essas reuniões? Existia algum horário específico? No contexto do protestantismo de missão, qual a primeira Escola Dominical fundada no Brasil? Como a Escola Bíblica Dominical ajudou no processo de consolidação do protestantismo no Brasil? Qual o modelo de educação religiosa hoje? As escolas bíblicas dominicais, que acontecem nos dias de hoje, permanecem com os mesmos intuítos e resultados que tiveram com os missionários pioneiros? Será que a Escola Dominical ainda tem pertinência? Uma vez que há quem a considere retrógrada, ultrapassada, é relevante perguntar, quais seriam as contribuições para a vida dos fiéis que passam por essa escola informal?

Justifica-se então, o desejo de pesquisar sobre a Escola Dominical, para que a sociedade possa conhecer sobre esta temática que é pouco pesquisada em sua abrangência a nível de Brasil, mormente na área de Ciências da Religião. É perceptível pesquisas que retratam as concepções pedagógicas do ensino protestante, a didática por assim dizer, a análise das origens do direito à educação e sobre seu papel. Pode-se perceber que, não obstante aos estudos já elaborados, muitos aspectos ainda permanecem à sombra da pesquisa, principalmente na área educacional fora dos muros da escola formal, e em como isso se repercutiu de fato no Brasil, como é o caso da inserção do protestantismo brasileiro através da Escola Bíblica Dominical.

Consoante Nicole Bertinatti (2011) a Escola Bíblica Dominical é caracterizada como um espaço de educação extraescolar presente nas igrejas protestantes. Os resultados apresentados pela autora indicam que a Escola Dominical Presbiteriana foi concebida como um espaço de realização de práticas pedagógicas, onde se visava ensinar a doutrina protestante por meio da Bíblia. Cabe, desse modo, as questões: e as outras escolas dominicais advindas do protestantismo de missão? Como foi o seu processo de inserção no Brasil?

Outro motivo é pelo fato da pesquisadora ser de tradição protestante e, ao longo de suas pesquisas entrou em contato com as propostas de Lutero para a educação, uma característica do reformador pouquíssimo explorada e de certa forma desconhecida pela maioria das pessoas que tiveram um contato mínimo com a perspectiva social dos reformadores. Surge assim também o interesse pela pesquisa e em saber como se desenvolveu a educação protestante no Brasil em seus termos não-escolares.

Inicialmente cabe afirmar que, referente aos estudos dedicados à Escola Dominical, grande parte deles dedica-se a apresentá-la a partir de um prisma pedagógico e linguístico no que concerne à análise crítica de sua literatura, seja batista, presbiteriana e assembleiana. Após algumas pesquisas acerca da temática em voga, deparou-se com a dissertação de Bertinatti (2011) intitulada “A Escola Dominical Presbiteriana como divulgadora de saberes e práticas pedagógicas religiosas (1909-1928)”. Essa pesquisa investigou como as Escolas Dominicais colaboraram e contribuíram para a disseminação da pedagogia moderna brasileira. No mesmo trabalho, discutiu-se sobre o surgimento da Escola Dominical no contexto do movimento missionário Presbiteriano e a Escola Dominical no Brasil aludindo a Ashbel Green Simonton e a Escola Dominical Presbiteriana.

A autora percebeu que os trabalhos sobre as Escolas Dominicais eram pouquíssimos, é evidente que ela afirma no lócus da pesquisa em história educacional, todavia existem

trabalhos que permeiam a análise crítica de lições da EBD, história da EBD no bojo das Ciências da Religião. Sob esse enfoque está a dissertação de Ramos (2013) denominada “Escola Dominical: história e situação atual”, na qual o autor procurou demonstrar o contexto histórico da escola dominical, os desafios superados, bem como a contribuição dos missionários e igrejas a fim de que esta escola se tornasse uma realidade a partir do seu surgimento, outrossim dos subsídios da EBD para a formação humana do indivíduo. Através do exame de escritos da Escola Dominical, afirma que contribuiu na formação da cultura e da personalidade das pessoas nela inseridas, com destaque para os enfrentamentos da EBD na contemporaneidade.

Outra pesquisa publicada no direcionamento da educação, foi a dissertação de Moraes (2012) com o título: “Educação não-formal e o movimento Metodista: uma discussão a partir da Escola Dominical!” cuja proposta foi observar a contribuição da educação não-formal para a educação formal, no processo formativo dos sujeitos, a partir da linha histórica da Escola Dominical da Igreja Metodista.

Há também na área das Ciências da Religião a dissertação de Freitas (2006) “Adolescência, Escola Dominical e Educação: perspectivas de um novo processo” a qual, teve como intuito procurar as possíveis causas de evasão que levam o adolescente matriculado na Escola Dominical de Igrejas Locais em quatro dos oito distritos na Quinta Região Eclesiástica no interior do Estado de São Paulo.

Nesta perspectiva, está a tese de doutorado em Linguística, de Silva (2020), intitulada “[...]será essa prática de leitura e escrita relacionada aos conhecimentos da Bíblia? [...]”: características e contribuições do letramento religioso na Escola Bíblica Dominical”. Nela, discutiu-se sobre a prática social do letramento, considerando o letramento religioso dos eventos distintos e práticas de letramento da Igreja Evangélica Assembleia de Deus, através de pesquisa com adolescentes frequentadores da EBD da referida igreja, assim como professoras e familiares.

Além disso, o trabalho de Barros (2012) discorreu sobre: “Criança queimada tem medo de fogo: Robert Reid Kalley: “Tática, astúcias e identidades religiosas protestantes no Brasil (1855-1876)”. Nesta dissertação de mestrado em História, Barros (2012) desenvolve uma interessante análise bibliográfica e documental da vida e obra de Robert Kalley e do Kalleyanismo, esquadrinhando as táticas, astúcias e identidades religiosas que têm caracterizado o protestantismo no Brasil, particularmente na cidade do Rio de Janeiro, entre os anos de 1855 e 1876.

Quanto à conceituação teórica, iremos trabalhar com os conceitos de *Habitus* e Campo de Pierre Bourdieu. A nossa proposta de pesquisa, como já mencionamos é relatar e analisar a chegada de um grupo de protestantes em um local totalmente dominado e administrado por outro grupo oposto denominado de católicos. Onde haverá nitidamente embates no campo religioso, objetivando a continuidade do domínio ou a implantação do outro. E é dentro desse processo de análise e na necessidade para uma melhor compreensão desses embates, que julgamos salutar a compreensão de “campo” de Pierre Bourdieu.

Bourdieu compreende que todo o campo “é um campo de lutas para conservar ou transformar esse campo de forças” (BOURDIEU, 2004, p. 22). Para ele, qualquer que seja o campo, ele é objeto de luta tanto em sua representação quanto em sua realidade. “Os agentes sociais estão inseridos na estrutura e em posições que dependem do seu capital e desenvolvem estratégias que dependem, elas próprias, em grande parte, dessas posições, nos limites de suas disposições” (BOURDIEU, 2004, p. 29). Dentro dessa perspectiva, o conceito de campo nos ajudará a entender como foram construídas estrategicamente relações de poder pelos diversos agentes sociais na construção de um espaço social marcado por novas ideias políticas, religiosas e, principalmente, com relação ao futuro da Igreja.

Percebemos que o espaço social se configura como um campo de poder capaz de modificar, solidificar e redefinir o que é interessante para a construção da hegemonia da elite dirigente da denominação, mesmo que seja afastando aqueles que se contrapõem a esta hegemonia. Bourdieu considera o espaço social com um espaço multidimensional, formado por um conjunto aberto de campos relativamente autônomos, isto é, subordinados quanto ao seu funcionamento e as suas transformações. O conflito é evidente em todo tipo de campo e cada um, dentro das suas possibilidades, procura legitimar suas posições, alianças e oposições, configurando, portanto, um espaço social marcado pela lógica dos interesses de cada grupo. O espaço social é formado por campos, microcosmos ou espaço de relações objetivas, que possui lógica própria e irreduzível. O campo é tanto um “campo de forças”, uma estrutura que constrange os agentes nele envolvidos, quanto um “campo de lutas”, onde os agentes atuam conforme suas posições relativas no campo de forças, conservando ou transformando a sua estrutura (BOURDIEU, 1996, p. 50).

A instituição religiosa é, portanto, uma organização humana composta por agentes produtores e consumidores de capital simbólico religioso, participantes de um campo religioso que abarca conflitos de poder. Nesta instituição há uma liderança pensante, eleita, que em

algumas ocasiões age seja de forma autoritária, seja consensual, que, por sua vez, detém o poder sobre o capital simbólico religioso e é capaz de legitimar e de qualificar, bem como de deslegitimar ou desqualificar determinados agentes produtores de capital simbólico, bem como o próprio capital simbólico por eles produzido, a fim de manter o controle do campo. Por sua vez, verifica-se que a Igreja contribui para a manutenção da sua ordem política mediante o reforço simbólico das divisões desta ordem. Na sua função de manutenção, a instituição religiosa naturalmente lança mão de vários instrumentos tanto de defesa, como de ataque.

Antônio Gouvêa Mendonça, além de ser um dos pioneiros do curso de Ciência da Religião no Brasil é o grande contribuinte para a compreensão da inserção do protestantismo brasileiro, é de sua autoria o clássico: *O Celeste Porvir: A Inserção do Protestantismo no Brasil*. Além de várias parcerias em publicações de livros, Mendonça, também têm inúmeros artigos publicados em livros, revistas e anais de congressos, seminários e encontros. Mendonça não só é uma referência ao protestantismo clássico, mas um conhecedor como poucos do seu desdobramento histórico. Quanto ao liberalismo protestante, afirmou: “A compreensão dos fenômenos históricos e sociais depende, na maioria das vezes, do percurso de longos e sinuosos caminhos. [...] As ideias do liberalismo refletiam-se na teologia do voluntarismo conversionista, do perfeccionismo pessoal e do denominacionalismo” (MENDONÇA, 2008, p. 359-360).

Quanto à questão da reação de determinadas instituições religiosas, Mendonça, chega a dizer que “toda a religião que chega a graus sofisticados de organização do poder para a manutenção do dogma, seja por meio de instâncias pessoais ou coletivas (concílios), de tradições, ou magistérios, de códigos canônicos ou confissões de fé, mostram um grau máximo do Sagrado e, como consequência, da centralidade do poder.” (MENDONÇA, 2008, p. 262).

De acordo com Minayo (1994, p.14) “entendemos como metodologia o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade”. Incluindo-se a mesma o método, as técnicas de concepções teóricas sobre abordagem e a criatividade do pesquisador articulados entre si. Percebemos que o método norteia a intencionalidade do pesquisador, pois revela sua forma de investigar, de direcionar a pesquisa e sua visão de mundo em relação à realidade e ao objeto de estudo, elementos interligados num mesmo processo conjuntural. Como bem sabemos, o empreendimento de uma pesquisa constitui-se numa tarefa que se pressupõe em várias etapas. A saber, a da coleta de dados, os instrumentos mais apropriados para tal fim, e subsequentemente sua análise bem como o nível em que a pesquisa se dará, enfim um conjunto de elementos a ser bem orquestrados pelo pesquisador, sem nunca perder de vista as

necessidades postas pelo objeto de estudo. No caso desta pesquisa, os dados foram coletados apenas em caráter bibliográfico e não como pesquisa empírica.

Neste trabalho enfocou-se na pesquisa bibliográfica, e para isso, alguns teóricos que de alguma forma abordaram o assunto relacionado ao protestantismo e o conceito de *habitus* de Bourdieu, assim o *habitus* religioso gestado nas práticas educativas nos espaços religiosos de Escolas Dominicais no Brasil, partindo do ponto de vista dos manuais didáticos da Igreja Congregacional e Igreja Batista da Convenção Batista Brasileira – CBB.

Esta pesquisa pretende identificar, analisar e demonstrar a importância do processo pedagógico historicamente conhecido como Escola Bíblica Dominical que, através dos cânticos, da leitura da Bíblia e da prática da oração, foi adotado como uma das estratégias de implantação do protestantismo em solo brasileiro, em meados do século XIX e início do século XX. Portanto, delimitou-se como objetivo geral: trazer uma visão panorâmica e teológica do que se escreveu e estudou sobre a Escola Bíblica Dominical, fazendo a conexão do seu desenvolvimento no Brasil. Isto é, no tocante ao seu papel estratégico de consolidação do protestantismo brasileiro de missão, em meados do século XIX e início do século XX, por meio dos manuais didáticos de Escola Dominical. Nesta perspectiva de identificar os processos pedagógicos historicamente conhecidos como Escolas Bíblicas Dominicais, que diversas confissões de fé trouxeram para o Brasil, a partir de meados do século XIX, como uma das estratégias de implantação de suas narrativas salvíficas em solo brasileiro a partir de meados do século XIX.

Assim, no primeiro capítulo intitulado: “A pedagogia protestante: a educação na concepção da Reforma Protestante e a relação com os movimentos de Escolas Dominicais”, no qual se buscou identificar, na bibliografia científica disponível e em publicações das diversas confissões de fé protestantes trazidas para o Brasil a partir de meados do século XIX, bibliografia que permita mapear a presença e os modelos pedagógicos de Escola Bíblica Dominical nas missões do século XIX e início do XX. Descreveu-se neste capítulo, as trilhas da Reforma Protestante do século XVI e suas novas formas educativas adotadas, depois apresentou-se o contexto de surgimento da Escola Dominical, perpassando pelo seu progresso nas consagradas figuras de Robert Raikes e William Fox, seguindo de escrita sobre uma nova cultura para a instrução; Religião e educação pelas lentes da Escola Dominical e mapeamento histórico do Protestantismo brasileiro e as primeiras classes de instrução bíblica no Brasil.

O segundo capítulo, denominado “A Estratégia dos Manuais: um Enfoque nos materiais didáticos da Escola Dominical”, no qual, se propõe a demonstrar os modelos pedagógicos norte-americanos da Escola Dominical por meio do clássico *Manual da Escola Dominical*, sendo este um dos meios utilizados para a consolidação do protestantismo brasileiro no início da década de 1940. Assim como *As bases da Educação cristã* de Hayward Armstrong, ambos editados pela Casa Publicadora Batista. Além do *Programa de Educação Religiosa* de Cathryn Smith, mas primeiro fez-se uma dissecação do processo da Escola Dominical na ascensão das missões modernas.

No terceiro capítulo “Uma Análise Dos Manuais Como Estratégia Da Escola Dominical” o objetivo é analisar as determinações de três manuais pedagógicos criados para o estudo dos professores leigos das classes de EBD oriundos do mundo batista, identificando as pedagogias mais diletas a esse grupo e seus conteúdos discursivos. Outro documento utilizado é o livro publicado em 1932, intitulado– *Esboço Histórico da Escola Dominical da Igreja Evangélica Fluminense*, que contém um balanço histórico das atividades empreendidas na Escola Dominical entre 1855 e 1932 na visão congregacional de EBD.

2 A PEDAGOGIA PROTESTANTE: A EDUCAÇÃO NA CONCEPÇÃO DA REFORMA PROTESTANTE E A RELAÇÃO COM OS MOVIMENTOS DE ESCOLAS DOMINICAIS

Este capítulo tem como objetivo identificar, na bibliografia científica disponível e em publicações das diversas confissões de fé protestantes trazidas para o Brasil a partir de meados do século XIX, bibliografia que permita mapear a presença e os modelos de Escola Bíblica Dominical nas missões do século XIX e início do XX. Para tanto, procura relatar e discutir os acontecimentos anteriores advindos do movimento reformista do século XVI, sobre o qual, as Escolas Dominicais têm como seu fundamento.

2.1 TRILHAS DA EDUCAÇÃO NA REFORMA PROTESTANTE DO SÉCULO XVI

Segundo os dados fornecidos por Mário Manacorda, nos anos Quinhentos e Seiscentos a instrução ainda não era difundida de forma universal. Embora, na Florença do século XV, por exemplo, se pensa em algumas exceções. Na realidade, “a instrução não é frequente em quem veste pobres panos” (MANACORDA, 1989, p.194), havia dificuldades para o homem elevar-se culturalmente, entretanto já nessa época falava-se de uma instrução útil, e não de uma aculturação por imposição, bem como para as classes dos produtores. (MANACORDA,1989).

Sobre a Reforma e a escola, Manacorda (1989) afirma que de acordo com a tradição, os movimentos populares *heréticos* impulsionaram a difusão da instrução com a finalidade de que cada um pudesse ler e interpretar individualmente a Bíblia, sem o intermédio do clero. Na Inglaterra, John Wycliffe (1320-1384) predissera que cada um virasse um teólogo, e na Boêmia, Jan Huss (1374-1415) contribuiu concretamente para a instrução, codificando a ortografia tcheca e na composição de um silabário, em que as frases de conteúdo religioso eram apresentadas em ordem alfabética, o ABC de Hus. Até mesmo os inimigos do protestantismo davam bom testemunho de sua proposta educativa, que segundo eles apesar de serem infiéis, amavam a instrução. O amor à instrução, apesar de suas contradições, na visão de Manacorda (1989), será uma característica comum aos povos que se rebelaram contra a Igreja romana. Precisamente, “surgirá deles, e não dos países católicos, não obstante o forte empenho de novas Ordens Religiosas, a iniciativa mais avançada de novos modelos de instrução popular e moderna” (MANACORDA,1989, p.194).

Para esta exigência de instrução e de democracia dão resposta os chamados movimentos heréticos e dos reformadores que, na parte religiosa, levantam questões sociais

bem concretas. Como expressões típicas destas exigências populares as reivindicações proporcionadas na Alemanha pela linha mais radical do movimento, durante as lutas pela Reforma e, em específico, durante a revolta dos camponeses que acabou numa cruel repressão de 1525. Os municípios, nos quais o povo simples dos pequenos artesãos e dos pobres tiveram associação ao campesinato, projetaram de modo corajoso um sistema de instrução popular. (MANACORDA,1989). Por exemplo, a cidade de Meiningem deliberou: “que os feudos sejam abolidos e que deles se tire o necessário para manter um pároco, capelão, mestre, que ensinem juntos, gratuitamente, os filhos dos ricos e dos pobres” (MANACORDA, 1989, p.195).

Outra informação relevante trazida por Manacorda (1989) é que desse modo, a cidade alemã, Munerstadt, estabelece em alguns artigos que:

Não deve ser mais tolerado que existam livremente párocos e monges como houve até agora; mas, segundo a palavra de Paulo, devem ser eleitos dois homens excelentes, eloquentes e doutos. Os dois devem cumprir fiel e diligentemente seu ofício e, para que isso se verifique com maior diligência e cuidado, eles devem ser ordenados como levitas; e estes mantenham e cuidem de uma escola comunal, na qual todos os filhos dos cidadãos da cidade devem ser instruídos e doutrinados com diligência e gratuitamente nas escrituras cristãs evangélicas e sem nenhum pagamento aos mestres ou à escola, para que cada criança, segundo suas capacidades, possa tornar-se cada vez mais hábil no seu ofício ou atividade e para que, entre os que aprendam a escrever, se possa ter também pregadores e anunciadores da palavra de Deus. E se tais pregadores e mestres com o tempo queiram passar ao estado matrimonial, suas mulheres, que devem ser de conduta honrada e cristã, sejam orientadas no sentido de instruir com boas maneiras suas filhas e de ensinar-lhes a Escritura, para que os primeiros e as outras, do sexo masculino e feminino, criados juntos por Deus, possam tornar-se cada vez mais anunciadores da lei e da fé (MANACORDA, 1989, p.195)

Porém o desaparecimento das estruturas eclesíásticas nem sempre levou à imediata instituição de escolas comunais reformadas. Erasmo dizia: “Onde floresce o luteranismo, as escolas defínham” (MANACORDA,1989, p.195). Entretanto, os grandes inspiradores da Reforma alemã, Lutero e Melanchton, estão situados na linha ideal não somente de Wycliffe e de Hus, mas até, pelo menos em parte e não sem embates, no humanismo. De fato, se a Reforma demonstra mormente as exigências populares, por outro lado não dispensam também heranças cultas e atitudes da aristocracia (MANACORDA,1989).

Em 1501, antes dos prenúncios da Reforma luterana, quando enormes levantes sociais já haviam abalado a Alemanha, Jacob Wimpteling propôs às autoridades de Strasburgo um plano escolar para a cidade baseado em Pier Paolo Vergerio. Este projeto será realizado em

1538 por um humanista reformado, Johan Sturm, amigo de Melanchton e de Lutero (MANACORDA,1989).

Na Suíça, Ulrich Zwinglio (1484-1531) lançava seu *Livreto para instrução e a educação cristã das crianças (1523)*; porém, Lutero na Alemanha embora tenha se posicionado posteriormente sobre a escola comparado às propostas de seus colaboradores, foi ele em especial quem deu impulso prático e força política para organizar um novo sistema escolar, voltado também à instrução de meninos destinados não à continuação dos estudos, mas ao trabalho. “*Mesmo se não existisse nem alma nem inferno – escrevia Lutero deveríamos ter escolas para as coisas deste mundo.*” (MANACORDA, 1989, p. 196). Percebe-se a força da concepção de Lutero acerca da educação e de seu sistema organizacional, mesmo tendo sido algum tempo depois dos outros reformadores. Na carta enviada “*Aos conselheiros de todas as cidades da nação alemã, para que instituem e mantenham escolas cristãs*”, o reformador alemão defende:

Caros Senhores, cada ano gasta-se tanto em espingardas, estradas, caminhos, diques e tantas outras coisas desse tipo, para dar a uma cidade paz e conforto; mas por que não se investe muito mais ou pelo menos o mesmo para a juventude pobre e necessita da, de modo que possam surgir entre eles um ou dois homens capazes, que se tornem mestres de escola? Hoje nós temos aqui os jovens e os homens melhores e mais instruídos, conhecedores de línguas e de tantas artes, os quais poderiam trazer-vos tanta utilidade, se quiséssemos destiná-los à instrução da juventude. Não é, talvez, evidente que hoje um rapaz pode ser instruído em três anos, de tal modo que aos quinze ou dezoito anos ele saiba muito mais do quanto se sabia quando existiam tantas escolas superiores e tantos conventos? E assim o que se aprendia até agora nas escolas superiores e nos contos, a não ser tornar-se uns burros, patetas e cabeçudos? Estudava-se vinte, quarenta anos e não se aprendia nem o latim nem o alemão... Mas a prosperidade, a saúde e a melhor força de uma cidade consiste em ter muitos cidadãos instruídos, cultos, racionais honestos e bem-educados, capazes de acumular riquezas e tesouros, conservá-los e usá-los bem... E neste ponto os professores nos propõem, para nossa vergonha um grande desafio, eles que antigamente, especialmente os gregos e os romanos, sem saber que isto agradava a Deus, instruíam e educavam seus filhos e filhas com tanto empenho, que se tornavam realmente hábeis: tanto que me envergonho de nossos cristãos e especialmente de nós, alemães, quando penso que somos verdadeiros caras-de-pau ou bestas, pois, contudo, ousamos dizer: 'Bah! para que nos servem as escolas, a não ser para formar padres?'. Não obstante sabemos ou deveríamos saber o quanto é necessário, útil e agradável a Deus que um príncipe, senhor ou conselheiro seja instruído e capaz de viver cristãmente segundo sua condição. E, como disse, mesmo se não existisse a alma e não fossem necessárias a escola e as línguas para conhecer a escritura divina, todavia, para instituir escolas de ótima qualidade, para os meninos e as meninas juntos, em todas as localidades, bastará só esta razão: que o mundo, para conservar exteriormente sua condição terrena, precisa de homens e de mulheres instruídos e capazes; de modo que os homens sejam capazes de governar adequadamente cidades e cidadãos e as mulheres capazes de dirigir

e manter a casa, as crianças e os servos. Ora, homens desse tipo devem ser educados assim desde crianças, como também mulheres desse tipo se educam assim desde pequenas. Portanto, é necessário que meninos e meninas sejam bem-educados e instruídos desde a infância (MANACORDA, 1989, p. 196)

Fica claro que Lutero pensava além de seu tempo. Também aqui há o projeto de uma escola nova, que em três anos realize um programa educativo equivalente àquele que normalmente exigia uma vida inteira, baseiam-se numa crítica cruel à escola tradicional, fabricante de gente *cretina*, termo utilizado por Manacorda (1989); e a atitude humanística transparece na evocação da escola antiga. Mas é situado especialmente na utilidade social da instrução, destinada a formar homens capazes de governar o Estado e mulheres capazes de dirigir a casa, conforme uma divisão do trabalho entre os sexos, divisão esta, embora não revolucionária, mas é realista. Por meio do referido programa, Lutero dirige-se não somente aos políticos bem como aos pais, para que, além de preparar os filhos para o trabalho nas empresas familiares, os mandem à escola: “Se os pais não se podem privar das crianças o dia inteiro, mandem-nos (à escola) pelo menos uma parte do dia” na sua prédica acerca do dever de mandar os filhos à escola.

Observa-se como ele tenta harmonizar o respeito pelo trabalho manual com o tradicional prestígio do trabalho intelectual (MANACORDA, 1989). Sobre o trabalho manual, Lutero diz:

Deus chamou o homem para trabalhar porque ele mesmo trabalha e se ocupa em ofícios comuns: Deus é o alfaiate que faz para o veado um vestido que durará mil anos, é o sapateiro que faz sapatos que durarão mais que o próprio animal. Deus é o melhor cozinheiro, porque o calor do sol fornece todo o calor necessário para cozinhar, é um cantineiro que prepara um banquete para os pássaros e gasta para eles todo ano muito mais do que todas as entradas do Rei da França. O próprio Cristo trabalhava como carpinteiro... A Virgem Maria trabalhava e após o grande anúncio, voltou a ordenhar as vacas, a arear panelas e a varrer a casa como qualquer outra moça. Pedro trabalhou como pescador e era orgulhoso da sua habilidade (MANACORDA, 1989, p. 197)

E eis o que diz sobre o trabalho intelectual, de modo particular sobre o ensino:

"Os trabalhadores manuais são inclinados a desprezar os trabalhadores da mente, como os escrivães municipais ou os escola. O soldado gaba-se das dificuldades de cavalgar madura, suportando o calor, o gelo, a poeira, a sede; mas eu gostaria de ver um cavaleiro capaz de ficar sentado o dia inteiro com o nariz fincado num livro... O escrever não empenha somente mão ou o pé, deixando livre o resto do corpo para cantar ou brincar, mas empenha o homem inteiro. Quanto ao ensinar, é um trabalho tão cansativo que ninguém deveria ser obrigado exercê-lo por mais de dez anos" (MANACORDA, 1989, p. 197).

Embora aqui não se possa dizer que haja superação das divisões sociais, Manacorda (1989) não considera Lutero, como um revolucionário, entretanto as classes produtoras são consideradas não mais como os principais destinatários da catequese cristã, mas também como partícipes ativos no processo comum instrucional; Lutero põe a problemática da relação instrução-trabalho. Se o fundamento desta nova exigência da cultura popular, for a necessidade de ler as Sagradas Escrituras e a capacidade de cada um interpretar a palavra divina, é, porém, o desenvolver as capacidades produtivas aliado à participação do povo na vida política que exigem este processo. Há a possibilidade que a nova consciência se expresse mais aclarada em Filipe Melanchton, no seu *In laudem novae scholae (Em louvor da nova escola)*, de 1526:

Antes de tudo uma cidade bem ordenada precisa de escolas, onde as crianças, que são o viveiro da cidade, sejam instruídas: engana-se gravemente, de fato, quem pensa que sem instrução possa adquirir-se uma sólida virtude e ninguém é suficientemente idôneo para governar as cidades sem o conhecimento daquelas letras que contêm o critério do governo de todas as cidades (MANACORDA, 1989, p. 198)

Surge aqui uma nova mentalidade, Manacorda (1989) usando uma terminologia de Platão, mas com a intenção de desmenti-lo, do fato de que todos são ou podem ser, não somente "governados", mas também "governantes". Melanchton é o *praeceptor Germaniae* (Mestre da Alemanha), que no "*De corrigendis studiis adolescentia - 1518*" (A melhoria dos Estudos da Juventude - 1518) organiza um projeto de instrução:

Os estudos pueris, chamados gregamente proginnasi, isto é, gramática, dialética e retórica, devem ser aprendidos a tal ponto que quando plenamente o falar e o julgar, possas enfrentar com fundamento os estudos mais elevados... Seguem-se a matemática, a poesia e a oratória, sem as quais ninguém se pode considerar instruído. De posse destas noções como um viático, aproxima-te da filosofia (sob cujo nome eu compreendo a ciência da natureza, os critérios e os exemplos morais). Mas entre as coisas melhores escolhe as melhores, e aquelas que se referem à ciência da natureza e à formação dos bons costumes. Neste ponto é necessário conhecer o grego... E torna-se absolutamente necessária a história: esta, melhor do que Crisipo ou Crantore, faz entender o que é belo e o que é torpe; ninguém pode dispensá-la nem na vida pública nem na vida privada, porque os ensinamentos que ela dá capacitam a administrar quer a vida pública quer a vida privada. Acho que este mundo não pode dispensar o sol, que é a sua alma, menos ainda é possível, sem prejuízos, dispensar a história, que é o relatório dos negócios civis (MANACORDA, 1989, p. 199).

Fica notório no projeto, o primar por uma educação infantil de qualidade. Nestes novos conteúdos da instrução, focalizando o valor do conhecimento da história civil e política, que Melanchton integra à batalha do humanismo por uma pedagogia serena e humana, talvez esteja

o espírito mais puro da Reforma, a sua capacidade relacional entre escola e cidade, instrução e governo, semanticamente autogoverno. No plano político, a força educativa da Reforma reside no fato de que a própria autoridade imperial teve que assumir esta nova concepção de uma escola pública para a formação dos cidadãos ou, pelo menos, dos governantes (MANACORDA, 1989). Na Dieta de Augusta, de 1549, o imperador Carlos V decretou:

"As escolas são viveiros não somente de prelados e de ministros da Igreja, mas também de magistrados e de quantos com seus conselhos governam a cidade; e se elas são negligenciadas ou se corrompem, inevitavelmente, as Igrejas e os Estados estarão em perigo: portanto, é preciso ter muito zelo em instituí-las" (MANACORDA, 1989, p.199).

Por mais que no referido trecho não apareça claramente a exigência de uma cultura popular, é, porém, de grande relevância histórica, tomar consciência do valor laico, do Estado para com a instrução, entendida não mais como algo reservado aos clérigos, mas como base estatal. E, é preciso salientar, do Estado moderno, ainda que permaneça o nome de Sacro Império Romano: "muitos fermentos modernos se agitam efetivamente no seu interior". O Decreto de Carlos V apressa as iniciativas dos soberanos iluminados do Setecentos para avocar as escolas ao Estado (MANACORDA, 1989, p.199).

Sobre essa questão Neves (2014) nos informa que Lutero foi o homem que dividiu a Igreja Católica, no seu dizer o homem que, há 505 anos, agitou os alicerces da Igreja Católica. Mas as marcas não foram unicamente essas, de mera ruptura ou de divisão de um sistema clerical. A Reforma está contextualizada dentro do que se chamou de Renascimento, aliada a isso estava também o humanismo.

Nessa perspectiva, Aranha (1996) elaborando sobre o contexto histórico do humanismo, diz que a Renascença europeia é o período que se compreendeu entre os séculos XV e XVI tem esse nome por causa da retomada de valores greco-romanos. O Renascimento desencadeou um movimento denominado de humanismo, que revela a busca da imagem humana e cultural distante das concepções teológicas medievais. Assim, a autora acrescenta que o Renascimento não era irreligioso, mas fazia um esforço para superar o teocentrismo, colocando o homem no centro - caráter antropocêntrico, focando nos valores terrenos.

No Renascimento predominou a tendência de chamar a Idade Média de "Idade das Trevas", defende que não seria uma colocação justa, alegando não ser só uma época de obscuridade. Os renascentistas aspiravam novos tempos, desse modo recusavam os pensamentos medievais. Há a construção da imagem de um novo mundo heliocêntrico, a

ascensão da burguesia, a produção cultural acelerada em artes. Na medicina iniciou-se a dissecação de cadáveres, que era uma prática proibida pela Igreja e uma visão humanista da religião. Acentuou-se a busca da individualidade, esta foi marcada pela confiança na razão de cada ser instituir seus próprios caminhos. Há a oposição ao princípio de autoridade e incentivo ao espírito de liberdade e crítica (ARANHA, 1996).

Esse espírito inovador do Renascimento aparece também na religião, com a crítica ao sistema autoritário da Igreja e à figura papal. Segundo Aranha (1996), esses movimentos de ruptura, luteranismo, calvinismo (após a Reforma Luterana) e anglicanismo eram sustentados por interesses políticos nacionalistas bem como de natureza econômica. Mas a crise de maior grau se dá, no século XVI, com o advento da Reforma Protestante, uma vez que a autora citada menciona movimentos contra a Igreja não só de natureza religiosa, libertação dos senhores feudais e da condenação de empréstimos que a Igreja impunha.

A Reforma Protestante desejava mudanças. Diferentemente dos católicos, os protestantes veem no enriquecimento um favor de Deus. Aranha (1996) afirma que Lutero recebeu a adesão dos nobres que queriam confiscar os bens clericais e Calvino (seu representante em Genebra) é apoiado pela burguesia. Argumenta que as divergências não eram só no âmbito religioso, mas representam as mudanças sociais e econômicas mergulhando a Europa em lutas.

De acordo com Neves (2014), surgiu a necessidade de se pensar nas escolas cristãs, pois a Reforma abolira os conventos, colégios, abadias e episcopados. Então teria que abrir espaços educativos para as crianças e jovens. Lutero foi transformado naturalmente em pedagogo. Usou-se de argumentos do Antigo Testamento e Novo Testamento para propor aos políticos esta tarefa tão importante.

Assim, Lutero deu um importante passo na educação, o qual foi extremamente inovador. Entregou a educação protestante dos cidadãos ao governo político. Acrescenta que houve a imposição das línguas fundamentais da escola: Grego, Latim e Hebraico. A Bíblia definiria os campos sociais e doutrinários das Artes, da História, da Música e das Matemáticas. Estava previsto nos conteúdos o ensino do alemão, bem como “a descoberta da imprensa para uma educação mais aberta aos estados protestantes, fugindo das catedrais e dos conventos como o diabo foge da cruz” (NEVES, 2014, p. 205).

Caminhando a presente discussão para o contexto da História da Educação, que também é importante para a área de Ciências da Religião, mediado pela afirmação do professor Lorenzo Luzuriaga:

a história da cultura se refere antes aos produtos da mente do homem, tais como se manifestam na arte, na técnica, na ciência, na moral ou na religião e em suas instituições correspondentes. A educação é uma dessas manifestações culturais; e também tem sua história (LUZURIAGA,2001, p.1)

Tomando a definição acima, pode-se pensar sobre a questão da educação intrínseca à religião, incontestavelmente, existe, entre esses dois campos do saber, uma relação íntima, orgânica. Decorrente disso, a educação é, pois, “a influência intencional e sistemática sobre o ser juvenil, com o propósito de formá-lo e desenvolvê-lo” (LUZURIAGA,2001, p. 1). Tanto a educação como a religião estão imbricadas nesse processo de formação do ser humano, nesse contexto, portanto, se insere a Escola Dominical, temática discutida nesta pesquisa, que exerce esse tipo de influência na vida das pessoas iniciadas no referido modelo de formação religiosa.

Dando continuidade, abordaremos sobre o surgimento da Escola Dominical no contexto inglês, nos idos de 1780, demonstrando as principais figuras envolvidas nesse processo: Robert Raikes e William Fox- e como se desembocaram certas controvérsias atinentes ao Dia da Escola Bíblica Dominical, naquele período.

2.2 O CONTEXTO DE SURGIMENTO DA ESCOLA DOMINICAL: PROGRESSO DA ESCOLA DOMINICAL COM OS SENHORES ROBERT RAIKES E WILLIAM FOX

Para entender o contexto da Escola Dominical e como ela se deu historicamente, é necessário relatar alguns dos fatores que corroboraram para a eclosão do movimento. A Escola Dominical surgiu na Inglaterra com o jornalista Robert Raikes, no ano de 1780, e segundo Mendonça (1984) ela teve uma repercussão na educação. Em se tratando de Inglaterra, é interessante salientar um ponto de vista de Mateo Lelièvre que tece elementos acerca da vida e obra de João Wesley, o autor expõe que o cenário da Inglaterra no início do século XVIII era complexo. Essa descrição do marco temporal é importante uma vez que, se torna precioso para situar a época que se mostram os indícios de Escola Dominical e para que se compreenda bem a natureza dessa obra nascente fora dos muros da igreja e tendo permanecido até os dias de hoje.

A situação moral e religiosa imperante naquela nação era defeituosa, pois o protestantismo consistia na aceitação imperfeita dos princípios da Reforma Protestante. Esta, por sua vez teve a infelicidade de ter como patrocinador. Henrique VIII, um fingido reformador que queimava como hereges os partidários das doutrinas luteranas, e enviava os católicos à forca como traidores os que permaneciam fiéis ao papa (LELIÈVRE, 1997).

A rigor, a Escola Dominical manifestou-se na Inglaterra do século XVIII, com o jornalista Robert Raikes. Antes de abordar sobre o movimento da Escola Dominical como estratégia de inserção do protestantismo no Brasil, é interessante ressaltar sobre o contexto histórico e cultural do seu surgimento, descrever sobre o período que antecedeu ao acontecimento da educação cristã reformada, uma vez que houve um preparo, por assim dizer, para que movimentos desta estirpe ocorressem no seio eclesiástico e na sociedade. Neste sentido, deparou-se com algumas surpresas relativas ao dia da realização da Escola Bíblica e quanto à sua própria terminologia.

John Carroll Power, ao construir uma biografia de Robert Raikes e William Fox, obra datada de 1863 *O surgimento e ascensão da Escola Dominical* (ainda não traduzida para o português), na qual usa o termo *Sabbath School*, portanto, Escola Sabática ou Escola Sabatina. Ele faz uma apresentação de um movimento de escolas sabatinas na América do Norte (1680), que antecedia um século à chegada de Robert Raikes na Inglaterra (nos idos de 1780, 1781 ou 1782), na cidade de Plymouth, Massachusetts guiados através da *Igreja do Peregrino*, sob os cuidados do reverendo John Robinson. Power (1863, p. 22) discorre sobre uma votação da igreja na forma de um pedido: “que os diáconos da igreja sejam solicitados a auxiliar o ministro no ensino das crianças durante o intervalo no sábado” Há uma problemática no tocante ao surgimento da Escola Dominical, conforme ilustram os relatos, essa reivindicação veio da cidade de Savannah, Geórgia, que em 1737 o Rev. John Wesley instituiu as Escolas Sabatinas, e que elas foram continuadas pelo Rev. Charles Wesley e pelo Rev. George Whitefield. Esta informação é deveras valiosa, pois nas pesquisas referentes à Escola Dominical não há menção sobre a Escola Sabática, que ocorriam nos sábados à tarde, na qual havia o ensino da Bíblia para crianças, isso implica dizer que o movimento iniciou nos Estados Unidos e não na Inglaterra como é comumente dito nos estudos de historiografia protestante. Ao que parece as escolas sabatinas se chamavam assim por ocorrerem aos sábados, evidentemente as escolas dominicais por serem no domingo, o curioso é que esse movimento de educação religiosa acontecia no seio dessa igreja americana, com cânticos e ensino da Bíblia, e pelo que é indicado

pela literatura havia o primado pelo ensino da leitura e da escrita ancorados na mundividência bíblica.

Dentro desse construto, o autor faz menção à História do Metodismo de Dr Stevens, o qual narra que já em 1769, uma jovem metodista, Miss Hannah Ball, (outro autor a menciona como episcopal – ambos podem estar corretos, pois todos os metodistas eram então episcopais) fundou uma Escola Dominical em High Wycombe, (Inglaterra) e foi instrumento no treinamento de muitas crianças no conhecimento das Sagradas Escrituras. (POWER, 1863).

Power (1863) assevera que a *Era das Escolas Dominicais* data do ano de 1781 ou 1782, quando Robert Raikes as iniciou na cidade de Gloucester, Inglaterra. O Sr. Raikes foi mais longe do que qualquer um que o precedeu no fornecimento de livros, mas não há nenhuma indicação de que ele esperava deixar qualquer sistema organizado de abastecimento após sua morte, sem o que ele certamente nunca teria sido conhecido como o Fundador das Escolas Dominicais. Um dos motivos alegados ao sucesso do empreendimento de Raikes fora porque ele, pode-se dizer que naqueles primeiros dias a arte da impressão estava presente em sua infância, de modo que livros e outros materiais impressos teriam sido difíceis de obter, mas na época do Sr. Raikes a arte tinha avançado tanto que os livros eram comparativamente baratos, dando uma melhor oportunidade para testar o valor das escolas. Também os cristãos estavam se tornando mais geralmente imbuídos do verdadeiro espírito missionário. Apesar de todas essas vantagens, as Escolas Dominicais poderiam e sem dúvida teriam sido novamente perdidas (pois elas deixaram de existir em Gloucester por volta da época da morte do Sr. Raikes) se outros meios não tivessem sido usados para perpetuá-las.

A grande causa de todos esses fracassos foi a ausência de qualquer esforço para sistematizar o trabalho com vistas à sua perpetuação e extensão - conseqüentemente, quando o primeiro motor de qualquer empreendimento morria, o trabalho morria, por mais abnegado e perseverante que ele pudesse. foram enquanto viviam. O Sr. Raikes foi mais longe do que qualquer um que o precedeu no fornecimento de livros, mas não há nenhuma indicação de que ele esperava deixar qualquer sistema organizado de abastecimento após sua morte, sem o que ele certamente nunca teria sido conhecido como o Fundador das Escolas Dominicais.

Nesse sentido, Power narra que ao mesmo tempo em que o Sr. Raikes frequentava pacientemente suas escolas em Gloucester, desconhecido para o resto do mundo, havia um comerciante atacadista na cidade de Londres chamado William Fox, cujo negócio exigia que

ele viajasse extensivamente pelo reino, dando-lhe oportunidade de testemunhar a deplorável ignorância das classes mais pobres do povo.

O Sr. Fox, movido de compaixão ao ver sua condição degradada, tentou inventar alguns meios de estabelecer uma Sociedade para apoiar escolas durante a semana em toda a Inglaterra, na qual *crianças pobres pudessem ser ensinadas a ler a Bíblia*. Ele chegou ao ponto de levar o assunto a uma reunião de negócios da igreja da qual era diácono, e nomeou uma comissão para investigar o assunto e relatar em uma reunião futura. Antes que chegasse a hora de relatar, o primeiro anúncio impresso das escolas do Sr. Raikes caiu em suas mãos, e ele imediatamente abriu uma correspondência com o Sr. Raikes -e quando chegou a hora de o comitê relatar, o Sr. Fox como presidente recomendou que prosseguissem com a organização de sua sociedade, e que ao invés do nome original proposto, ela fosse chamada de " A Sociedade para a Promoção de Escolas Dominicais em todos os Domínios Britânicos “. O relatório foi adotado, e após algumas reuniões suspensas., a sociedade foi organizada em 7 de setembro de 1785.

Contribuindo com essas reflexões, Walter Kaschel e Edgar Hallock (1962) apresentam suas intuições a respeito de Robert Raikes e de William Fox. Antes de Raikes, Zinzendorf na Alemanha, Wesley na Inglaterra, e alguns agrupamentos religiosos se interessaram pela educação religiosa das crianças. Mas o trabalho deles ficou restrito a pequenos grupos e se realizava esporadicamente. A *Roberto* Raikes cabe, portanto, a honra de conseguir popularizar tão abençoado movimento. Era ele o redator e proprietário do “Gloucester Journal”. Em junho de 1780 ele começou a reunir algumas crianças pobres numa casa particular para instruí-las na leitura e no catecismo. É de notar-se que o movimento se iniciou fora das portas das igrejas para só mais tarde ser recebido dentro delas

Essas primeiras Escolas apresentavam um caráter eclesiástico, em que não só se ensinava religião, mas também princípios de moral e cívica, leitura, gramática e aritmética. Só mais tarde vieram a adquirir uma feição inteiramente religiosa protestante. É interessante notar-se também que o professorado era pago no princípio. As quatro primeiras professoras contratadas recebiam um xelim por domingo (KASHEL e HALLOCK,1962).

Robert Raikes ocupava uma posição privilegiada para propagar sua ideia como redator e proprietário do “Gloucester Journal”, mas o fato é que, só depois de experimentar o seu novo plano por mais de três anos, teve coragem de anunciá-lo ao público através do seu jornal. No dia 3 de novembro de 1783 apresentou pela primeira vez um esquema do seu trabalho entre as

crianças de Gloucester, mas não ligou seu nome ao movimento. O artigo despertou logo a atenção de várias pessoas de influência e as cartas de Raikes explicando a natureza do movimento, foram publicadas em diversos jornais. Deste modo o movimento se propagou como rastilho de pólvora. Tal foi o interesse pela nova instituição que em 1787 (sete anos depois de funcionar a primeira Escola Dominical), já havia 250.000 alunos arrolados nas Escolas da Inglaterra (KASHEL e HALLOCK,1962).

Na tentativa de realizar uma conexão e revelar o protagonismo dos batistas nos primórdios da Escola Dominical, há a figura de William Fox. Isso porque em geral, o nome de Robert Raikes é o único a aparecer em conexão com o pioneirismo da Escola Dominical. A verdade histórica, entretanto, nos manda ressaltar a contribuição decisiva dos batistas para o êxito deste movimento ainda incipiente.

Merece menção especial, aqui, o nome de William Fox, rico negociante e diácono de uma igreja batista em Londres. Sem saber do movimento iniciado por Raikes, em 1783 este consagrado servo de Deus iniciou as primeiras Escolas em que somente a Bíblia era ensinada, exceção feita dos que não sabiam ler e que usavam a Cartilha. Verifica-se, pois, a vantagem do plano de Fox, visto que dava a primazia às Escrituras e insistia no caráter religioso da Escola. Realizavam-se as Escolas de Fox durante a semana, a princípio, mas depois que esteve com Raikes em Gloucester começou a realizá-las aos domingos (KASHEL e HALLOCK,1962).

Foi Fox, ainda, o fundador da primeira organização com o propósito de promover o trabalho de Escolas Dominicais. Em 1785, em cooperação com pastores e leigos batistas de Londres, formou uma Sociedade de Escolas Dominicais, com o fim de divulgá-las por toda a Inglaterra. Sobre a *Repercussão do Movimento* João Wesley deu franco apoio ao movimento e o integrou à Igreja Metodista, em período de formação na época. A própria rainha chamou Raikes para ouvir de seus lábios do crescimento da nova cruzada e lhe deu seu apoio. Não se pense, entretanto, que a Escola Dominical não teve também os que a combatessem. Pregadores atacaram-na dos seus púlpitos. O próprio Arcebispo de Cantuária chegou a convocar os bispos para juntos estudarem um plano que visava impedir a propagação da ideia. Os presbiterianos da Escócia e os Congregacionais de Nova Inglaterra também a combateram.

Aos poucos, porém, o espírito de desconfiança foi desaparecendo. As igrejas receberam a Escola Dominical em seu seio e lhe deram feição exclusivamente religiosa. O governo, por sua vez, como decorrência do movimento de Raikes, assumiu a responsabilidade

da educação secular das crianças. *Destarte, a escola pública nasceu da Escola Dominical* (KASHEL e HALLOCK,1962).

Segundo os autores supracitados, em 1785 William Fox fundou a primeira Associação de Escolas Dominicais que incluía a Inglaterra e o País de Gales. Não se pode dizer ao certo quando foi introduzido o movimento da Escola Dominical na América. Existiram algumas iniciativas, mas que não prosseguiram. A primeira de que se há menção, data de 1786, mas pouco se sabe a respeito. Aqui também apareceram os opositores à ideia, que diziam ser isso uma profanação do domingo. O movimento espalhou-se, entretanto, com a mesma rapidez que teve na Inglaterra. Em 1791 organiza-se a *Primeira Associação de Escolas Dominicais na América do Norte*. Data de 1840 a participação ininterrupta dos batistas americanos neste trabalho com a fundação da *American Baptist Publication Society*. Em 1891 foi fundada a Junta de Escolas Dominicais dos Batistas do Sul dos Estados Unidos, atualmente a maior agência denominacional de promoção da Escola Dominical e de divulgação de literatura religiosa no mundo, servindo a dez milhões de pessoas.

No ano de 1889, organizou-se em Londres a Convenção Mundial das Escolas Dominicais. Tinha na década de 1960, duas seções, uma para a Europa e outra para a América, ambas com secretaria geral. Conforme os dados postos foram realizadas 12 reuniões, tendo sido a 11ª Conferência no Estado do Rio de Janeiro em julho de 1932. Nesse aspecto, contabiliza “mais de 50 milhões de alunos e uns 4 milhões e meio de professores nas Escolas Dominicais espalhadas pelo mundo” (KASHEL e HALLOCK,1962, p.12).

A literatura usada a princípio constava de catecismos para serem decorados. Não havia uniformidade de ensino nem plano geral. Em 1820 aparecem as primeiras ‘lições seletas’. Em 1872 organizou-se o plano de ‘lições internacionais’, que é ainda hoje o sistema mais usado pelas igrejas evangélicas em todo o mundo. Durante os anos, este sistema tem sofrido muitas modificações e adaptações. O plano atual visa o estudo da maior parte da Bíblia em seis anos, repetindo as passagens de maior importância para a religião cristã. Os batistas no Brasil usam essas lições, fazendo as adaptações necessárias (KASHEL e HALLOCK,1962).

Segundo Power (1863), aponta que sem intuir o desmerecimento do trabalho de Raikes e Fox, apesar da feliz combinação de circunstâncias que os levaram a conhecer os esforços de cada um, “não pode ser vista sob outra luz senão a de um desígnio da Divina Providência para dar ao mundo, ao lado da Igreja, a mais eficiente das organizações missionárias” (POWER,1863, p.27). A seguir, descrever-se-á um tanto da história de vida de Robert Raikes,

destacando o seu interesse social pelo povo de Gloucester, suas primeiras ideias sobre a instrução dominical e contemplar suas relações com a igreja naquele período.

De acordo com Power (1863), por mais de três séculos, o nome de Raikes tem sido associado a posições de honra na sociedade e nobres feitos na história inglesa, como pode ser visto na seguinte genealogia extraída dos escritos de Burke, um dos historiadores ingleses. "A família de Raikes", segundo Bigland, viveu 64 anos em Kingston-upon-Hull , e outros lugares no condado de York em um período muito remoto , como parece , não apenas por testamentos de família provados no tribunal de prerrogativa de York já no ano de 1507 , mas também pelas antigas entradas no registro paroquial de Hull , que são tão numerosas, particularmente no reinado de Elisabeth , que a identificação necessária para justificar a inserção nos *pedigrees* de outras linhas ascendentes não pode ser rigorosamente apurada.

Dos três irmãos, Richard, Thomas e Robert, que viviam em Hull em 1610, Thomas desempenhou um papel proeminente nas importantes transações das quais aquela cidade foi palco no início da guerra civil. Tendo exercido o cargo de Prefeito pela primeira vez em 1633 , ele foi novamente eleito em 1642 , e durante o cerco , como aparece em uma ata datada de 3 de setembro de 1643 , na eleição do prefeito para o ano seguinte , os burgueses se reuniram tomando em consideração a vigilância e cuidado do prefeito (Thomas Raikes) com os assuntos da cidade no ano passado , e sua fidelidade à causa pública , e o grande perigo que a cidade está agora , sendo atualmente fortemente sitiada pelo Conde das forças de Newcastle, estando quase e diariamente atirando na cidade com seu grande artilharia, rogou sinceramente ao prefeito para continuar como prefeito; ou que ele seria eleito prefeito novamente para o próximo ano (POWER,1863).

Ele consentiu quando Lord Fairfax, Governador tinha vindo à assembleia e pediu-lhe que o fizesse. O dito Thomas Raikes morreu em 1662, e foi enterrado na Igreja da Santíssima Trindade em Hull. Ele, assim como seu irmão Robert, deixou descendência, mas seus descendentes na linha masculina parecem ter se extinguido antes de 1700. Seu irmão mais velho, Richard Raikes, um comerciante em Hull, teve por sua esposa, Anne, vivendo em 1640, gêmeos, Richard e Joshua, e cinco filhas: Anne casou-se em 1619 com Christopher Shore, esq.; Hester casou-se com William Wilberforce, esq.; Elizabeth casou-se em 1630 com William Mather; Isabel casou-se em 1638 com James Nettleton, e Alice casou-se com Anthony Stephenson (POWER,1863).

O Rev. Robert Raikes, o filho mais velho, foi vigário de Hessle, condado de York, em 1640, e morreu em 1671 deixando por sua esposa Jane três filhos e três filhas. Seu filho mais velho, o Rev. Timothy Raikes, graduou-se no *St. John's College*, Cambridge, em 1670, e foi o primeiro vigário de Tickhill, depois vigário de Hessle. Morreu em Hessle, em 1722. Por Sarah, sua esposa, filha de Partridge, do condado de Gloucester, teve três filhos, Robert, Richard e Timothy, e duas filhas. De Timothy descende a família de Ricardo de São Petersburgo. O filho mais velho, Robert Raikes, estabeleceu-se em Gloucester e morreu em 1759. Ele se casou com Mary, filha do Rev. Richard Drew, de Nailsworth, naquele condado, e com ela teve uma filha, Mary, casada com Francis Newby., de Heathfield Park, condado de Sussex, e cinco filhos; Robert, o conhecido filantropo e fundador das Escolas Dominicais, que viveu e morreu em Gloucester. Casou-se em 1767, Ann, filha única de Thomas Trigge de Newenham, e teve seis filhas e dois filhos. Robert Napier Raikes, reitor de Drayton, condado de Norfolk, nasceu em 3 de novembro de 1783. William Henly Raikes, coronel da Guarda, nasceu em 1785. Robert Raikes, o filantropo mencionado acima, é o tema deste livro de memórias. Ele nasceu na cidade de Gloucester, Inglaterra, em 14 de setembro de 1736 (POWER,1863).

Ainda conforme Power (1863), pela genealogia acima, Robert Raikes era o filho mais velho de um cavalheiro de mesmo nome. O nome de solteira de sua mãe era Mary Drew. Mas pouco se sabe sobre a infância e juventude de Robert Raikes. Os artigos que foram publicados sobre ele foram escritos sem a devida consideração pela importância do assunto. Por conseguinte, eles são privados daqueles incidentes domésticos, que têm a mesma relação com a biografia, que os condimentos têm com nossa comida; e prenuncia na infância o que se pode esperar do homem. Ele passou algum tempo na Universidade de Cambridge, mas nunca se formou em nenhum departamento dela, pois preferia ser educado nos negócios. Seu pai era impressor e editor de um jornal chamado *Jornal Gloucester*

O pai do Sr. Raikes morreu quando ele tinha cerca de vinte e um anos de idade, e ele o sucedeu na publicação do *Jornal*, que parece ter sido mantido, mais com o objetivo de promover alguns objetivos religiosos e políticos, do que para o pequeno lucro que proporcionava; a família possuindo uma grande fortuna, ele poderia assim satisfazer seus gostos e inclinações. Quando os homens são bem-sucedidos em atividades mundanas, ou herdaram fortunas de seus ancestrais, eles são naturalmente inclinados a se entregar à comodidade, gratificar desejos e paixões egoístas e excluir de suas mentes e corações as reivindicações de seus semelhantes. afortunados do que eles mesmos (POWER,1863).

As ações de Robert Raikes nos convencem de que o egoísmo não era a paixão dominante nele, mas que sentimentos mais elevados e nobres dirigiam seus passos e o faziam sentir que o que ele tinha não era seu, mas estava confiado aos seus cuidados como mordomo de seu Pai Celestial a quem ele deve prestar contas.

Na perspectiva de Power (1863), *neste mundo pecaminoso*, os objetos de benevolência estão sempre à mão, para aqueles que não são cegos deliberadamente. O primeiro deles que chamou a atenção do Sr. Raikes foi a condição daqueles que estavam sofrendo justamente por seus crimes na casa de trabalho do condado na cidade de Gloucester. Sendo a casa de trabalho parte da prisão do condado, as pessoas cometidas pelos magistrados entre as sessões do tribunal por pequenos delitos, associadas por necessidade a criminosos da pior espécie. Esta prisão estava frequentemente lotada de criminosos, e nenhuma apropriação feita para alimentá-los, e havia poucos meios para eles conseguirem comida pelo trabalho. Os esforços de John Howard, Miss Dix e outros com o mesmo espírito, não influenciaram então, como agora, os governos a reconhecer as reivindicações de humanidade nos criminosos mais abandonados, proporcionando seu conforto físico, ao mesmo tempo em que a segurança dos cidadãos cumpridores da lei exigia que eles fossem punidos adequadamente. Portanto, esses criminosos dependiam principalmente da caridade daqueles que visitavam a prisão, seja por negócios, curiosidade ou prazer (POWER,1863).

Para aliviá-los e tornar sua situação pelo menos suportável, o Sr. Raikes empregou sua pena, sua influência pessoal e sua propriedade para prover-lhes as necessidades da vida. Enquanto empenhado nesses louváveis esforços para melhorar a condição daqueles que haviam violado as leis de seu país, ele se convenceu de que a ignorância era o trampolim para os crimes que os tornavam objetos de sua atenção. Ele, portanto, decidiu, se possível, obter-lhes alguma instrução moral e religiosa. Nisso ele conseguiu encorajar de várias maneiras os prisioneiros que sabiam ler. Estes, ao serem direcionados para os livros apropriados, melhoraram a si mesmos e aos companheiros de prisão, e deram grande encorajamento ao Sr. Raikes para perseverar em seu desígnio benevolente. Em seguida, ele providenciou para eles um suprimento de trabalho que pudesse ser feito dentro dos muros da prisão, com o objetivo de manter suas mentes ocupadas e de encorajar a formação de hábitos de trabalho (POWER,1863).

Enquanto o Sr. Raikes estava empenhado nesses esforços benevolentes e louváveis para aliviar os excluídos do sofrimento da vida civilizada, ele foi levado a muitas reflexões sérias. Diz-se que sua mente foi particularmente afetada pelas tristes consequências decorrentes

da negligência, ou melhor, da total ausência de oportunidades de instrução precoce entre os pobres. Ele foi assim induzido a se dedicar a um segundo projeto em benefício deles, a saber, o estabelecimento de Escolas Dominicais, que se diz ter sido apresentado à sua mente, indo aos subúrbios de sua cidade natal, uma manhã na última parte de 1781 ou início de 1782, para efeito de aluguer de jardineiro. Como o jardineiro não estava em casa, o Sr. Raikes esperou seu retorno. Enquanto assim passava o tempo vagarosamente, um grupo de meninos muito barulhentos que havia se reunido na rua atraiu sua atenção. Ele perguntou à esposa do jardineiro a causa de serem tão negligenciados e depravados. Sem responder diretamente às suas perguntas, ela disse a ele que se ele fosse visitar o local no sábado, ele se solidarizaria com as pessoas da vizinhança, pois o barulho e a confusão eram tão grandes que os privavam do prazer tranquilo daquele lugar. Ele então perguntou a ela se havia algum professor que pudesse ser induzido a dar instrução às crianças no sábado, e foi encaminhado para aqueles que ela supôs que estariam dispostos a se envolver no trabalho. O Sr. Raikes foi ouvido dizer que neste momento importante a palavra “tentar” foi tão poderosamente impressa em sua mente que o levou a avançar sem demora (POWER,1863)

Acompanhando a narrativa de Power (1863), Raikes de imediato foi e fez um acordo com cada uma das quatro professoras para cuidar de um certo número dessas crianças no próximo sábado e este foi o início de suas Escolas Dominicais. Ele continuou seus esforços, e alistou outros na causa, até que as Escolas Dominicais foram aumentadas para um número considerável nas vizinhanças de Gloucester, tanto que no terceiro dia de novembro de 1783, ele publicou o seguinte artigo em seu jornal, colocando modestamente encaminhar aqueles a quem ele alistou no serviço, como os impulsionadores da boa obra. Começou no sábado ou aos domingos? Alguns membros do clero em diferentes partes deste condado empenharam-se em tentar uma reforma entre as crianças. das classes mais baixas, estão estabelecendo Escolas Dominicais para tornar o Dia do Senhor subserviente aos fins da instrução, que até agora tem sido prostituída para maus propósitos. Fazendeiros e outros habitantes das cidades e vilas reclamam que sofrem mais danos em suas propriedades no sábado do que durante toda a semana; isto em grande parte procede do estado desregrado da classe mais jovem, que pode correr livremente naquele dia, livre de qualquer restrição. Para remediar este mal, pessoas devidamente qualificadas são empregadas para instruir aqueles que não sabem ler – e aqueles que podem ter aprendido a ler, aprendem o Catecismo e são conduzidos à igreja. Mantendo assim suas mentes ocupadas, o dia passa proveitoso e não desagradável. Nas paróquias onde este plano foi adotado, “garantimos que o *comportamento das crianças é muito civilizado*”. A

ignorância bárbara em que eles viviam antes sendo dissipada em algum grau, eles começam a dar provas de que aquelas pessoas estão enganadas que consideram as classes inferiores da humanidade como incapazes de melhorar e, portanto, pensam que uma tentativa de as recuperar seria impraticável, ou pelo menos não valeria a pena. Sendo este o primeiro aviso público dado sobre as Escolas Dominicais, foi copiado nos jornais de Londres, em consequência do que numerosos pedidos de informação sobre o assunto foram endereçados ao Sr. Raikes e outros residentes. na cidade de Gloucester. Entre eles, o coronel Townley, um cavalheiro de Lancashire, perto de Liverpool, vendo este parágrafo circulando nos jornais, escreveu ao prefeito de Gloucester pedindo mais informações sobre o assunto. A carta anexa, foi escrita como resposta pelo Sr. Raikes, na qual narra aos *25 dias de novembro do ano de 1783*:

Senhor, Meu amigo prefeito acaba de me comunicar a carta com a qual o senhor o homenageou, indagando sobre a natureza das Escolas Dominicais. O início do esquema foi *inteiramente accidental*. Alguns negócios levando-me certa manhã aos subúrbios da cidade, onde residem principalmente as pessoas mais baixas - que trabalham principalmente na fábrica de alfinetes -, fiquei preocupado ao ver um grupo de crianças, miseravelmente esfarrapadas, brincando na rua. Perguntei a um morador se aquelas crianças pertenciam àquela parte da cidade e lamentei sua miséria e ociosidade. "Ah, senhor", disse a mulher com quem eu estava falando, *"você poderia dar uma olhada nesta parte da cidade em um domingo, você ficaria realmente chocado*, pois então a rua está cheia de multidões desses miseráveis - que, liberados naquele dia do emprego, gastam seu tempo em barulho e motins, jogando bola, e xingando e xingando de uma maneira tão horrível que transmite a qualquer mente séria uma ideia de inferno ao invés de qualquer outro lugar (POWER,1863, p.36-37).

Havia um clérigo chamado reverendo Thomas Stock – ministro da paróquia, que pôs alguns deles na escola; mas, no sábado, todos eles são abandonados para seguir suas inclinações sem restrições - como seus pais, totalmente abandonados a si mesmos, não têm ideia de inculcar na mente de seus filhos princípios aos quais eles mesmos são totalmente estranhos. A conversa sugeriu ao sr Raikes que seria pelo menos uma tentativa inofensiva, se não fosse de todo produtiva, algum plano deveria ser formado para impedir essa *deplorável profanação do sábado* (POWER,1863).

De acordo com essa história, pode-se ousar dizer que em nenhum registro historiográfico protestante que se observou durante a pesquisa, discursasse sobre a *Escola Dominical* aos sábados, o que causou certa estranheza e espanto.

Dando prosseguimento à carta, o Sr Raikes indaga à uma determinada mulher se havia alguma mulher decente e bem-disposta na vizinhança que mantivesse escolas para

alfabetização. Eu estava atualmente direcionado para quatro. Robert Raikes fez um acordo com elas para receber determinada quantidade de crianças, que ele enviaria no domingo, a quem elas deveriam instruir na leitura, e no Catecismo da Igreja. Por isso, comprometeu-se a pagar a cada uma delas um xelim pelo dia de trabalho e as mulheres pareceram satisfeitas com a proposta. Eu então atendi o clérigo antes mencionado, e comuniquei a ele meu plano. Ele ficou tão satisfeito com a ideia que se comprometeu a prestar sua assistência indo às escolas em uma tarde de domingo para examinar o progresso feito e impor ordem e decoro entre esse grupo de *pequenos pagãos* (POWER,1863)

Este registro revela que a despeito da grande invenção, Robert Raikes é ainda um herdeiro do padrão eurocêntrico seja da visão de mundo, de ser humano e da sociedade na qual está inserido, ao mesmo tempo que tal como a sociedade, tal é a religião.

Acerca do desenrolar das aulas, Power afirma, transcrevendo as palavras de Raikes ao William Fox, em Carta publicada ao *Gentleman's Magazine*,1784:

Este, senhor, foi o começo do plano – já se passaram cerca de três anos desde que começamos, e eu gostaria que você estivesse aqui para fazer uma investigação sobre o efeito. Uma senhora que mora em uma viela onde eu havia construído uma escola, disse-me há algum tempo que o lugar era um verdadeiro paraíso aos domingos, em comparação com o que costumava ser. O número dos que aprenderam a ler e a recitar seus catecismos é tão grande que me surpreende. Na *tarde de domingo*, as patroas levam seus estudantes à igreja – um lugar onde nem elas nem seus ancestrais jamais entraram com vistas à glória de Deus. Mas o que é mais extraordinário, neste mês, esses pequenos maltrapilhos, em grande número, resolveram frequentar as orações matinais, que são realizadas todas as manhãs na catedral às sete horas. Eu creio que havia perto de cinquenta esta manhã. Eles se reuniram na casa de uma das senhoras, e caminharam antes dela para a igreja em ordem como uma companhia de soldados. Eu geralmente estou na igreja, e depois do culto todos eles vêm ao meu redor para fazer suas reverências - e se alguma animosidade surgir, para fazer suas reclamações. O grande princípio que inculco é ser gentil e de boa índole um com o outro - não provocar um ao outro - ser obediente aos pais - não ofender a Deus xingando e xingando - e pequenos preceitos simples que todos possam compreender. Como minha profissão é na imprensa, imprimi um livrinho que entrego a eles; e alguns amigos meus, assinantes da Sociedade para a promoção do conhecimento cristão, às vezes me presenteiam com um pacote de Bíblias, Testamentos etc., que distribuo como recompensa aos merecedores (POWER, 1863, p.39).

Raikes expressa que o sucesso desse esquema induziu um ou dois de seus amigos a adotar o plano e estabelecer escolas dominicais em outras partes da cidade - e agora uma paróquia inteira adotou o assunto, de modo que me orgulho em com o tempo, os bons efeitos parecerão tão evidentes que se tornarão geralmente adotados.

“O número de crianças atualmente ocupadas assim no sábado está entre duzentas e trezentas, e elas estão aumentando a cada semana, pois o benefício é visto universalmente” (POWER, 1863, p.40) E grande era o esforço para envolver o clero. Diz ainda Raikes a Fox que alguém entrara no esquema com grande fervor e foi para estimular outros a seguir o exemplo que ele havia inserido em seu jornal, o parágrafo que supusera Fox ter visto nos jornais de Londres.

Não posso expressar a você o prazer que muitas vezes sinto em descobrir gênios e boas disposições inatas entre esta pequena multidão. É botânico na natureza humana. Frequentemente também tenho a satisfação de receber agradecimentos dos pais pela mudança que percebem em seus filhos. Amiúde dei-lhes gentis admoestações, o que sempre faço da maneira mais branda e gentil. O fato de ir entre eles, fazer-lhes pequenas gentilezas, distribuir recompensas triviais e cair nas boas graças deles, segundo ouvi dizer, me deu uma ascendência maior do que jamais poderia ter imaginado; pois fui informado por suas amantes que eles têm muito medo do meu desagrado. Se algum dia você passar por Gloucester, ficarei feliz em apresentar meus respeitos a você e mostrar-lhe os efeitos desse esforço de civilização. Se a glória de Deus for promovida em algum, mesmo no menor grau, a sociedade deve colher algum benefício. Se a *boa semente for semeada* na mente em um período inicial da vida humana, embora não apareça novamente por muitos anos, pode agradar a Deus em algum período futuro fazê-la brotar e produzir uma colheita abundante. (POWER, 1863, p.40)

Ainda dentro do conteúdo da carta, Raikes escreve:

Quanto às regras adotadas, exige apenas que viessem à escola no domingo os mais limpos possíveis. Muitos foram a princípio dissuadidos porque queriam roupas decentes, mas eu não poderia me comprometer a suprir esse defeito. Eu defendo, portanto, que se você pode vagar por aí, sem sapatos e com um casaco esfarrapado, você também pode vir para a escola e aprender o que pode contribuir para o seu bem nesse traje. Não rejeito nenhum nesse sentido. Tudo o que exijo são mãos limpas, rosto limpo e cabelo penteado; se você não tem camisa limpa, venha com a que você está vestindo. A falta de vestuário decente, a princípio, manteve muitos à distância, mas agora eles começam a ficar mais sábios, e todos estão se esforçando para aprender. Tive a sorte de conseguir lugares para alguns que mereciam, o que foi de grande utilidade. Você entenderá que essas crianças têm de seis anos a doze ou quatorze anos. Meninos e meninas acima desta idade que foram totalmente indisciplinados, geralmente são muito refratários a este governo. Uma reforma na sociedade me parece apenas praticável estabelecendo noções de dever e hábitos práticos de ordem e decoro em uma idade precoce. Mas para onde estou correndo? Tenho vergonha de ver o quanto ultrapassei sua paciência, mas pensei que a ideia mais completa das Escolas Dominicais seria transmitida a você contando o que primeiro sugeriu o pensamento. Os mesmos sentimentos teriam surgido em sua mente se tivessem sido evocados, como foram sugeridos a mim. Não tenho dúvidas de que você encontrará grandes melhorias a serem feitas neste plano. *A mente dos homens se apegou muito a esse preconceito, de que não devemos fazer nada no dia de sábado que possa ser considerado trabalho e, portanto, devemos ser dispensados de toda aplicação da mente, bem como do*

corpo. A erradicação desse preconceito é o que almejo como meu objeto favorito. Nosso Salvador se esforça particularmente para manifestar que tudo o que tende a promover a saúde e a felicidade de nossos semelhantes, são sacrifícios peculiarmente aceitáveis naquele dia. Acho que não escrevo uma carta tão longa há alguns anos. Mas você vai me desculpar, meu coração está aquecido na causa. Acho que esse é o tipo de reforma mais necessária neste reino. Que nossos patriotas se dediquem a resgatar seus compatriotas desse despotismo que as paixões tirânicas e as inclinações viciosas exercem sobre eles, e eles descobrirão que a verdadeira liberdade e o bem-estar nacional são promovidos mais essencialmente do que por qualquer reforma no Parlamento. Todas as vezes que tentei concluir, alguma nova ideia surgiu. Isso é estranho, pois estou escrevendo para uma pessoa que nunca vi e talvez nunca possa ver; mas senti que pensamos da mesma forma; devo, portanto, apenas acrescentar meus desejos ardentes, que suas ideias de promover a felicidade da sociedade possam ser atendidas com todo sucesso possível, consciente de que seu próprio prazer interno será assim consideravelmente avançado (CARTA DE ROBERT RAIKES A WILLIAM FOX no Gentleman's Magazine, 1784, apud Power, 1863, p.41-46)

As escolas aconteciam nos sábados e domingos? Pareceu um tanto dúbio no texto de Raikes para Fox. O assunto poderá ser aprofundado em tempos posteriores. Ao pretender fundar “acidentalmente” a Escola Dominical, como a carta de Raikes revela, a Escola não se iniciou apenas porque as crianças estavam ociosas aos domingos, mas pelo fato de o sábado ser considerado simbolicamente como *dia santo*, portanto não se poderia profanar o sábado, uma vez que a leitura permitiu compreender que a igreja a qual Raikes participava “guardava o sábado”. Este foi um achado deveras curioso na pesquisa sobre as origens europeias da EBD.

Nas orientações durante o curso de mestrado, o professor Dr. Luiz Carlos Luz Marques, sempre teve o cuidado e a acuracidade de guiar na perspectiva decolonial: “abrem-nos novos horizontes interpretativos, faz-se mister olhar para nossas próprias produções intelectuais, tão arduamente construídas, com a coragem da análise de seus pressupostos, com resultados sempre promissores” (MARQUES; NASCIMENTO, 2021, p.1).

2.3 UMA NOVA CULTURA PARA A INSTRUÇÃO: ANTECEDENTES HISTÓRICOS E CULTURAIS DA ESCOLA DOMINICAL

A respeito das *pedagogias burguesas* na Inglaterra, Franco Cambi (1999) nos ajuda no entendimento subjacente às escolas dominicais, uma vez que a hegemonia pedagógica da classe burguesa delineou-se nitidamente em toda a Europa na primeira metade do século XIX mediante um processo diferenciado por áreas nacionais, mas, agrupado por ideais e princípios que extraíam exemplo e força do trabalho de crítica realizado pelo Iluminismo, também em

relação aos fins e aos meios da educação na sociedade burguesa em fase de expansão, bem como pelas realizações educativas da Revolução e por meio da escola, da propaganda etc., orientado na direção predominantemente civil. Deste modo, entre guerras napoleônicas, Restauração e espírito de 1848 (revolucionário e democrático, voltado para a libertação dos povos), fica decididamente ultrapassado o modelo educativo do *Ancien Régime*, caracterizado por escolas elitistas, indiferença pelo povo e delegação à Igreja dos problemas formativos, configurando-se um novo modelo: laico, estatal e burguês. Isso significa, inspirado numa ideologia laica, destinado a formar o cidadão, coordenado pelo Estado e orientado em torno à visão do mundo própria da burguesia que fora inspirada na ordem social, na ética do trabalho, na hierarquia das classes, no respeito do direito (CAMBI, 1999).

Para o autor supracitado, tal hegemonia assume aspectos diversos nas diferentes áreas nacionais: mais multiforme e conflituosa na França, onde se alargaram modelos bem diferenciados no plano ideológico e filosófico, embora convergentes na maior parte em torno da instauração de uma completa sociedade burguesa, na qual também o povo participasse ativamente; organizada em torno de ideologias utilitarista-evolucionistas, embora aberta a soluções mais radicais e inserida numa realidade educativa que atingia o máximo da dramaticidade, da qual políticos e pedagogos tomavam consciência e que era produzida pelo desenvolvimento capitalista-industrial; mais lenta e confusa na sua evolução na Rússia, onde ainda persistente estrutura feudal da sociedade vai produzindo impulsos para a renovação, inclusive pedagógica, de modo bastante radical, com o populismo, com a lição de Tolstoi (embora esta se coloque na segunda metade do século); mais linear em países como a Bélgica e a Holanda, que realizam modelos mais avançados de educação laica e burguesa, ou na Suíça, onde se elaboram algumas pedagogias “de ponta” na primeira metade do século XIX.

A hegemonia burguesa não foi isenta de contrastes, que se manifestaram especialmente por meio da afirmação do socialismo utópico e depois do anarquismo, mas todo o século - e em particular a sua primeira metade - foi a fase de um verdadeiro crescimento e *afirmação da pedagogia burguesa*, isto é, gerida pela burguesia, inerente aos seus interesses e nutrida pela sua ideologia, mas que produziu uma superação também das concepções educativas ao *Ancien Régime*, operou um processo intenso de modernização e delineou na sociedade moderna instâncias de democracia e de emancipação mesmo nas classes subalternas, que produziram, por sua vez, pedagogias ainda mais inovadoras e radicais (como serão as socialistas, as anárquicas, as libertárias).

Na Inglaterra, o quadro é, ao mesmo tempo, mais linear e mais dramático. Mais linear na teoria, mais dramático na prática. As teorias pedagógicas giram em torno do empirismo, ora em chave utilitarista - com Jeremy Bentham (1748-1832) e com James Mill (1773-1836) -, ora em chave positivista e evolucionista - com John Stuart Mill e Herbert Spencer, sobretudo. O utilitarismo visava a uma educação (ou reeducação, em relação aos “criminosos”) não coercitiva, mas que promovesse a participação do sujeito, estimulando suas necessidades e expectativas. Partindo do prazer era possível obter melhores frutos também no âmbito da aprendizagem, como ainda a formação humana era coordenada sobretudo pelo “bem social”. Através do princípio da utilidade, o empirismo elaborava uma teoria social (e uma teoria da formação, uma educação) que desse curso - realisticamente - à moral da simpatia de Hume, pois, partindo do útil, era possível construir um entendimento efetivo entre os homens (CAMBI,1999). Para o referido autor, o positivismo e o evolucionismo - em contato com as ciências naturais e com a sua reflexão epistemológica, retomaram e reelaboraram os princípios de uma pedagogia empirista, apontando-a assim como modelo nacional de pedagogia, capaz de adquirir, porém, cada vez mais crédito e atenção em toda a Europa com a difusão do positivismo, do qual Stuart Mill e Spencer - em duas diferentes direções: um, lógica e metodológica; outro, naturalístico-metafísica - foram dois campeões. Em posição de total alteridade em relação aos modelos empiristas de pedagogia colocou-se o pensamento de Wilham Godwin (1756-1836), o grande teórico do anarquismo, que, na sua obra-prima de 1793 - *Investigação sobre os princípios da justiça política* -, sublinha o caráter de corrupção inerente em todo vínculo de autoridade (seja na família, na sociedade civil e no Estado) e na propriedade privada, indicando como princípio para edificar uma nova sociedade a igualdade que deve ser promovida, em particular, pela educação. A ação educativa deveria consistir num método racional destinado a aproximar as jovens mentes dos sadios princípios da virtude e da sabedoria, mediante um método libertário, não constrictivo, e instituições não estatais, mas livres, confiadas à iniciativa de grupos e de mestres que trabalham para “ensinar a liberdade”. “Com Godwin toma corpo aquele filão pedagógico que estará no centro dos debates mais radicais do século XIX europeu e das correntes políticas mais revolucionárias, dos anarquistas e dos socialistas utópicos” (CAMBI,1999, p.440).

Ao tratar sobre as pedagogias burguesas na Inglaterra, Cambi diz que: “entrementes, alguns filantropos intervinham procurando melhorar a situação educativa das classes inferiores. Já em 1780, o reverendo Robert Raikes (1735-1811) abriu em Gloucester uma “escola

dominical” para os pobres, ensinando a ler e escrever utilizando a Bíblia” (CAMBI, 1999, p.440-441).

Percebe-se baseando nesse dado, que a Escola Dominical vem de uma linha de educação burguesa, com claro objetivo de instrução popular. Depois, Andrew Bell (1753-1832) inaugurou o modelo do ensino mútuo, criando classes para os pobres nas quais os maiores e mais adiantados ensinavam aos menores e mais atrasados e apresentando tal método como econômico e eficaz para ensinar a ler (CAMBI, 1999).

Em concordância com Cambi (1999), um dos campos de renovação pedagógica que estabeleceu uma ruptura com o passado diz respeito ao currículo de estudos. Na sua visão, a Modernidade começa com um retorno à Paideia clássica e da sua ideia de cultura, literária e retórica, histórica e humanística, que era característica da tradição antiga, de Isócrates a Quintiliano, mas também de Platão aos estoicos, aos neoplatônicos, mesmo que reativada por meio de um trabalho de restauração científica, filológica, em relação a textos, conceitos, léxicos etc., de modo que a recuperação dos clássicos comportasse também reviver seu mundo, na sua inteireza, complexidade e especificidade, assumindo-o como um novo modelo de formação do homem.

Sendo assim, o humanismo nascia retórico e filológico, o desenvolvimento da cultura moderna que se vinha acionando com este processo revelará também outras dimensões: religiosas, políticas, científicas. No que diz respeito à dimensão religiosa tocante à educação e a procura por espaço nos currículos formativos, serão sobretudo os anos seiscentos que trarão à luz essas novas tensões na cultura escolar, incluindo-as no projeto formativo e escolar: com Comenius, por exemplo. Isso significa que a filosofia humanística era já um início de mentalidade científica e se punha na linha daquela renovação da cultura que explodirá nos anos seiscentos e que terá no centro a nova ciência (CAMBI, 1999)

Ainda segundo Cambi (1999) serão novas instâncias religiosas com o protestantismo e depois com a Contra-Reforma, que influenciarão também o curso dos estudos (como manifesta exemplarmente Comenius, cujo pensamento educativo, inclusive no sentido escolar, se move sobre o fundo de um objetivo irenista, religioso e político, que coloca a formação num itinerário de compreensão do sentido do real no seu conjunto, humano, cósmico e metafísico, que vê na concepção cristã seu próprio fundamento); Tanto Locke como Rousseau, tanto Comenius como os mestres de Port-Royal ou Fénelon delineiam currículos mais ricos e complexos do que os da escola humanística e vão esboçando os conteúdos culturais da escola

moderna que, retomados pelos propagandistas do Iluminismo europeu, se tornarão o modelo e o itinerário formativo da escola burguesa (CAMBI, 1999, p.208-209).

2.4 RELIGIÃO E EDUCAÇÃO: PELAS LENTES DA ESCOLA DOMINICAL

Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação. (...) Não há uma forma única nem um único modelo de educação; a escola não é o único lugar onde ela acontece e talvez nem seja o melhor; o ensino escolar não é a sua única prática e o professor profissional não é o seu único praticante (BRANDÃO, 2006, p.7-9).

A rigor, Brandão (2006) diz que a cada dia misturamos a vida com educações, como bem ensinado por Brandão, a igreja também é um ambiente onde as pessoas ensinam e aprendem. Historicamente, os protestantes são conhecidos pela importância que dão à formação educacional das pessoas de modo que se tornam letradas e aptas a lerem a bíblia por conta própria. Salta-me os olhos a citação do brilhante professor Drance Elias da Silva, ao prefaciar o livro *Lideranças Protestantes no Brasil: Ensaios Biográficos* (2015):

Podemos lembrar de um fato de muito tempo atrás, quando os protestantes chegam no Brasil e desenvolvem campanhas de doação de bíblias, sinalizando uma exigência de fundamental importância do novo pertencimento religioso: *uma vez convertido, ler é preciso*. Ter um livro na mão e aprender que esse livro é uma revelação de Deus e não saber como isso ali se expressa... De que adianta? O referido fato significou muito para àquele momento e repercutiu, no seu processo, de diversas formas. Face uma cultura religiosa hegemônica católica, sem incentivo à leitura e à posse do livro, a novidade evangélica, poderíamos dizer, soou como um exemplo de valor de cidadania, na medida em que criava nos fiéis, uma expectativa de mudança simplesmente por ler o livro sagrado da sua própria religião. Afinal, poder ler o texto sagrado da religião a que se pertence, contribuiria muito para a formação da ideia que o grupo faria de si mesmo. E não só. Levaria também a uma compreensão fundamental a ser levada em consideração na explicação do seu comportamento. Logo, a identidade evangélica seria marcada por sua relação com o livro sagrado, o que favoreceu uma significativa autonomia do fiel em relação ao tradicional poder eclesiástico. A experiência religiosa protestante seria marcada, então, pela forte emoção que daí provinha, pois esse aspecto contribuiria, também, para firmar, no Brasil, sua fundação. E tudo isso repercutiu na relação indivíduo e sociedade. Não devemos esquecer que, a luta contra o analfabetismo no Brasil, se constituiu numa questão fundamental de cidadania (SILVA, 2015, p. 9).

Sem dúvida é uma excelente interpretação do autor acima citado, uma vez que analisa o fato da estratégia protestante, enquanto cientista social, distante do objeto e como consegue

captar o desenvolvimento do protestantismo no Brasil, no lado sociorreligioso na questão da cidadania, destacada pelo autor.

Raylane Barreto (2021) ajuda-nos a refletir sob a ótica da História da Educação, sobretudo da educação das mulheres no Brasil no contexto do seu acesso à escolarização, a temática em voga nesta pesquisa, quando a autora recorda sobre:

Um evento também importante para a educação de mulheres no Brasil tem início em 1850, ano em que as primeiras escolas dominicais protestantes começam a aflorar no país, pois existe aí um ensaio de coeducação, de educação mista. Embora fosse uma escola, que o próprio nome diz como dominical, e restrita aos protestantes, num país eminentemente católico, temos um elemento que reverberou significativamente: homens e mulheres poderiam, no mesmo espaço, serem escolarizados (BARRETO, 2021, p.104).

Com espanto, percebemos o sutil destaque que toca no eixo das Escolas Dominicais dentro de um conteúdo da Pedagogia, inserido nos estudos da disciplina de História da Educação, nos quais foram possíveis notar a relevância para a área citada, no âmbito da educação de mulheres ao longo do século XIX, e por que não dizer para a área de Ciências da Religião. Ainda que sutil, parece interessante a Escola Dominical ser mencionada numa contribuição significativa para a escolarização de mulheres, tendo em vista temáticas protestantes serem pouco estudadas no geral, em cursos de Pedagogia.

Nas trilhas da pedagogia e fé cristã, o teólogo Danilo Streck (1994) profere que:

educação tem a ver com a medida que damos a homens e mulheres, tem a ver com os sonhos que alimentamos em relação à sociedade. Por isso a tentativa de compreender a educação ultrapassa os limites de uma área de conhecimento ou disciplina acadêmica. A reflexão sobre educação é, pela própria natureza do objeto, uma atividade interdisciplinar (...) falar de educação é antes de tudo um exercício de humildade intelectual, que exige o diálogo com outras áreas do conhecimento, com outras experiências (STRECK, 1994, p.11).

Neste bojo, pode-se inserir as Ciências da Religião, posto que a religião, parafraseando o referido autor, também tem a ver com os sonhos que alimentamos em relação à sociedade. Streck (1994) assinala a grande figura do educador João Comenius, considerado o pai da pedagogia moderna, que fez um trabalho magistral na sua obra *Didática Magna: a arte de ensinar tudo a todos*.

A Escola Dominical é uma das modalidades de ensino não-escolar, de que se tem ciência, advinda da educação protestante de caráter proselitista e pietista. O campo da religião, na perspectiva da educação, é sobretudo um dos recursos que a cultura oferece a homens e

mulheres para socializarem e crescerem enquanto pessoas. Seja qual for a religião há evidentemente, a coexistência do processo educativo, a educação permeia a religião, em todas as suas manifestações, sendo um poderoso instrumento para divulgação de saberes e práticas culturais. Para interesse da presente investigação percebe-se essa ocorrência na práxis educativa das escolas dominicais.

Deste modo, Letícia Jungel, expressa a história da Escola Dominical como um fato “fascinante” (2004, p.16). Na concepção da autora, a percepção de como essa história vem se desenvolvendo em mais de 200 anos de existência da Escola Dominical em diversos países, é algo digno de ser estudado. Conforme Jungel (2004), a chegada da Escola Dominical no Brasil, se deu através de iniciativas do assim denominado protestantismo de missão.

2.5 Protestantismo brasileiro e as primeiras classes de instrução bíblica no Brasil

Seguindo a ideia de Mendonça (2002, p.11) “o que chamamos “protestantismo brasileiro” na verdade são vários protestantismos”, os quais se inseriram no Brasil inicialmente como desfecho do movimento imigratório no começo do século XIX, depois decorrentes da grande expansão missionária ocorrida na mesma época. Por conta da variedade de tendências e instituições gestadas pelo protestantismo, é muito mais adequado na visão de Mendonça falar em protestantismos (luterano, calvinista, metodista etc.) que em *protestantismo brasileiro*. A complexidade do protestantismo brasileiro é ainda exorbitante, uma vez que ao migrarem para a América do Norte, esses protestantismos europeus passaram por infindáveis transformações institucionais, teológicas e culturais que fizeram deles um fenômeno religioso distinto de suas origens históricas mais próximas (MENDONÇA, 2002). Corroborando com isso, a presença dos protestantes no Brasil até meados de século XIX “estava restrita a estrangeiros europeus, constituindo-se em comunidades fechadas, onde se prestava assistência religiosa a grupos de imigrantes, a maioria suíços e alemães” (CHAMON,2005, p.50). Esse movimento era chamado de protestantismo de migração, ou mesmo protestantismo de colônia, e teve entrada em terras brasileiras a partir de 1808, com a vinda da Família Real e com os tratados estabelecidos, que abriam o país às nações amigas (CHAMON,2005, p.50).

No tratado de Comércio e Amizade, assinado em 1810, a Inglaterra exigiu liberdade de culto para seus súditos que se instalassem no Brasil. A concessão portuguesa veio acompanhada da proibição a esses protestantes de pregar contra a religião católica e de fazer proselitismo entre os brasileiros” (CHAMON,2005). Esse grupo de protestantes, que era formado por anglicanos e luteranos, não fez nenhum tipo de atividade missionária e não buscou

adeptos para sua fé em terras brasileiras. Todavia, vale neste momento, fazer uma breve digressão do texto jornalístico de Solange Cardoso de Abreu d’Almeida (2015) que aborda algo bastante peculiar: as primeiras classes de instrução bíblica no Brasil. Estas, por sua vez, apareceram em conexão com a presença dos huguenotes na cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, no século XVI. Os holandeses no Norte do país, principalmente em Pernambuco, criaram também escolas de instrução religiosa. Na sequência, D’Almeida elenca as igrejas que aderiram à Escola Dominical.

Como já foi descrito, o movimento que redundou no que atualmente conhecemos como “Escola Dominical” no Brasil teve início em 19 de agosto de 1855 em Petrópolis. O reverendo Robert Kalley e sua esposa, dona Sara, missionários escoceses da Igreja Congregacional, foram os organizadores desta Escola Dominical. No primeiro domingo compareceram cinco crianças. Com o desenvolvimento do trabalho, organizaram-se classes, em português, alemão e inglês, em razão dos colonos estrangeiros que chegavam a essa região do estado do Rio de Janeiro (D’ALMEIDA, 2015).

Os metodistas registram em suas obras históricas o aparecimento da Escola Dominical em junho de 1836 com o reverendo Justin R. Spaulding e os presbiterianos falam em trabalho pioneiro com o missionário Ashbel Green Simonton em 12 de abril de 1860. Como batistas, por exemplo, não temos registro algum do aparecimento da Escola Bíblica Dominical, mas, em relatório de 12 de dezembro de 1882, o missionário William Buck Bagby fala em tradução de um catecismo batista para crianças e fala também da tradução de uma história batista. Concluiu-se então que a Escola Dominical, se ainda não existia com o aparecimento, em 15 de outubro de 1882, da Primeira Igreja Batista da Bahia, estava prestes a ser implantada (D’ALMEIDA, 2015).

De 1855 até 1911 o trabalho das Escolas Dominicais dependia em grande parte da iniciativa particular das igrejas locais. Em 1911, foi organizada a União de Escolas Dominicais do Brasil. Foi o primeiro esforço para arregimentar os elementos que se interessavam na instrução religiosa por meio das Escolas Dominicais. Em 1928, a União de Escolas Dominicais foi transformada em organismo oficial das igrejas evangélicas com o nome de Conselho Nacional Evangélico de Educação Religiosa. Em 1931, passou a chamar-se Conselho Evangélico de Educação Religiosa do Brasil. Em 1934, o Conselho foi incorporado à Confederação Evangélica do Brasil, que era o órgão representativo das igrejas congregacionais

e cristãs, episcopal, metodista, presbiteriana e presbiteriana independente (D'ALMEIDA, 2015).

A autora destaca que os batistas no Brasil, antes mesmo de se constituírem em Convenção, perceberam logo de início a importância da educação religiosa. No ano de 1900 foi organizada a Casa Editora Batista, tendo como seu diretor o missionário William Edwin Entzminger. A autora descreve que O Jornal Batista, fundado em 10 de janeiro de 1901, começou, já em janeiro de 1903, a publicar *as lições da Escola Dominical* para adultos. Nesse mesmo ano apareceu “O Infantil”, livreto contendo histórias e a lição da Escola Dominical para as crianças. Em 1907, quando os batistas completavam 25 anos de presença no Brasil, surgiu a “Revista de Adultos” e, em 1909, “O Amigo da Juventude”.

Contribuindo com a reflexão de D'Almeida (2015), Paulo Donizéti Siepierski tece a questão dos huguenotes, ao contar, que acerca dos primórdios:

O protestantismo atingiu pela primeira vez a região de Pernambuco quando do período da colonização holandesa no Nordeste (1630-1654). Neste período, apesar da tolerância religiosa promovida por Maurício de Nassau, ocorreu a formação de paróquias reformadas que seguiam passo a passo as conquistas territoriais; sendo que a maior e mais prestigiosa destas paróquias foi a do Recife. Os reformadores holandeses deram bastante atenção a evangelização e muitos índios se converteram ao calvinismo; e mesmo após a expulsão dos holandeses do Brasil certas noções calvinistas ficaram profundamente arraigadas na mente dos índios nordestinos.

Ao delinear um perfil do protestantismo brasileiro, Siepierski (1986) na sua obra *Evangelização no Brasil: o caso Pernambuco*, a qual aborda a respeito da realidade social, política e econômica da presença histórica do protestantismo, apresentando os desafios contemporâneos, bem como as suas estratégias de evangelização. Na busca do estudo sobre a inserção e o desenvolvimento do protestantismo na sociedade brasileira, é imprescindível o desejo de aprender com o passado e entender melhor a realidade na qual se está inserido.

Siepierski (1986) afirma que o caso do protestantismo é por demais atraente e explana o porquê:

Pois é uma “mescla, de expansão (no sentido de que é em parte resultado da expansão do protestantismo norte-americano) e de confrontação (a parte pentecostal que não busca apenas penetrar nos espaços vazios); tudo isto inserido num meio hostil, católico-romano, que apesar de apresentar as mais variadas tendências tem conseguido conviver com todas elas e apresenta uma

forte unidade. A fragmentação do protestantismo, que demonstra sua incapacidade de acomodar tensões

Ao tratar sobre civilização protestante e a ideologia do “Destino Manifesto” Mendonça (1984) assevera que os americanos carregavam convictamente um anseio por um modelo de sociedade, no espírito do evangelho, que fosse propagada para todas as nações, abreviando a vinda do Reino de Deus, tendo em vista a expectativa do milênio. Sendo assim, concordando com Léonard:

a fé prática das Igrejas norte-americanas levou-as a um grande desenvolvimento das instituições 'para-eclésiásticas' que oferecem a vantagem de permitir uma propaganda indireta, contribuindo para a criação de uma 'civilização cristã', senão a realização do Reino de Deus na terra, mais ou menos conscientemente identificado com o sistema econômico dos Estados Unidos (LEONARD, 1963, p.133).

E ao abordar essa ideia na conjuntura do século XIX Mendonça (1984) declara, pois:

Pelo menos no século XIX, o melhor e mais eficiente condutor da ideologia do “Destino Manifesto” foi a religião americana, ou melhor dizendo, o protestantismo americano com a sua vasta empresa educacional e religiosa, que preparou e abriu caminho para o seu expansionismo político e econômico. No caso do Brasil, se no campo religioso seu sucesso foi quase nulo, na educação e cultura em geral, para não dizer no político e econômico, a influência americana não pode deixar de ser sentida, embora não logo após a implantação do protestantismo, mas ao longo dos centos e tantos anos de sua chegada (MENDONÇA, 1984, p. 57).

A esse respeito, essa sensibilidade foi perceptível na questão educacional e religiosa através das escolas bíblicas. O protestantismo aparece, se apresenta e se insere de modo sensível na educação. De formas sistemáticas e escolares, pode-se elencar tantos colégios protestantes nas grandes capitais. Mas há um impacto protestante na sociedade brasileira, no que tange à educação não formal, dentro do espaço religioso, que foi como uma semente para germinar o trabalho dos missionários pioneiros, que é a também denominada Escola Bíblica. Dominical.

Em termos de práticas educativas Nascimento; Bertinatti (2011) inserem a Escola Dominical na educação extraescolar, porque na compreensão das autoras, as Escolas Dominicais inserem-se nas práticas de educação extraescolar, levando-se em consideração que as práticas de ensino podem ser realizadas também fora dos muros das escolas, embasando-se no conceito de cultura escolar elaborado por Dominique Julia (2001) quando afirma que para além dos limites da escola, pode-se buscar identificar em um sentido mais amplo, modos de pensar e de agir largamente difundidos no interior de nossas sociedades, modos que não

concebem a aquisição de conhecimentos e de habilidades senão por intermédio de processos formais de escolarização (JULIA, 2001, p.11 apud NASCIMENTO;BERTINATTI,2011,p.96).

Ao endossar o conceito de representação definido por Roger Chartier (1999, apud NASCIMENTO; BERTINATTI,2011), diz que ao criarem representações, os indivíduos descrevem a realidade tal como pensam que ela é ou como gostariam que fosse. Dessa forma, os missionários viam nas Escolas Dominicais uma das maneiras de modificar a sociedade brasileira que, na concepção dos norte-americanos,” [os brasileiros eram] ignorantes e supersticiosos sobre os preceitos bíblicos” (NASCIMENTO; BERTINATTI, 2011, p.96).

Outro conceito benéfico para analisar as Escolas Dominicais como espaços educacionais é o de educação extraescolar que, para Jorge Nascimento, deve-se compreender “as prerrogativas que são próprias à escola como agência educativa e aquelas que estão em outros espaços, outras agências de Educação organizadas pelas práticas da vida social” (NASCIMENTO, 2008, p. 8).

A agência educativa refere-se à educação formal de uma escola, enquanto a agência de educação organizada caracteriza-se por uma educação com objetivos traçados e uma organização consciente, porém fora dos muros da escola, com uma atividade que visa um aprendizado. Esse tipo de organização e relação dependerá do meio social em que o indivíduo estiver inserido, pois, além de frequentar a escola, eles praticam e inserem-se em outras atividades, as quais podem ser organizadas ou não.

Mendonça (1984) advoga que existiram fatores filosóficos e teológicos que contribuíram para o referido direcionamento missionário no século XIX. O fundamento da empresa missionária era construir uma civilização cristã como um paradigma para além das fronteiras americanas, o ímpeto era de uma reforma no mundo, na qual, o tripé era: “religião-moralidade-educação”. Nesse aspecto, Mendonça (1984) apresenta a *Era da Bondade Desinteressada* na qual a paixão pela educação foi um elemento importante para as missões do século XIX, denominações importantes nos EUA reconheceram que a educação era imprescindível para uma América cristã. Ele expressa que, apenas uma cidadania bem formada poderia desenvolver sua divina missão no mundo. Relata a importância das instituições educativas, e a subida de nove para duzentas, entre 1780 e 1860, vendo que a maioria dessas escolas, eram sinal de uma preocupação em reforçar os ideais de vida protestantes (MENDONÇA, 1984).

O mesmo Mendonça, acerca das estratégias missionárias de penetração do protestantismo no campo religioso brasileiro, afirma que a educação foi uma delas, e sempre esteve presente entre os missionários norte-americanos. Segundo ele, os missionários faziam o duplo desempenho de evangelistas e professores, incluindo na maior parte de seu pessoal, a presença feminina. Dentre estas, cita que algumas conquistaram reconhecimento na educação brasileira, “como Carlota Kemper, Marcia Brown e Martha Watts” (MENDONÇA, 1984, p. 93).

Oswaldo Henrique Hack (2003) compreende que:

O binômio evangelização-educação fez parte da *estratégia* dos missionários presbiterianos norte-americanos. A propaganda religiosa estava atrelada à educação, principalmente à alfabetização. Ao analisarmos o cenário brasileiro, encontramos motivações que justificam a preocupação missionária. A propaganda religiosa protestante, como estratégia de evangelização dos povos, priorizou a alfabetização como o primeiro passo para a tomada de consciência. A fé protestante firma-se nos escritos da Bíblia Sagrada e requer que o seguidor da doutrina tenha condições de buscar o registro dos fatos bíblicos históricos para estar ciente e informado. A religiosidade firma-se em mistérios, tradições e costumes, porém, a teologia cristã reformada leva o interessado a tomar consciência e a posicionar-se por convicção e não por tradição religiosa ou familiar.

A educação foi, deveras um forte componente da estratégia missionária no Brasil. Nesse contexto, não sobre a Escola Dominical, mas a respeito das escolas paroquiais, Mendonça (1984, p. 101) diz que “as escolas paroquiais e os cursos elementares dos colégios protestantes, tinham o objetivo fundamental de oferecer um mínimo de instrução como condição *sine qua non* da introdução do protestantismo na sociedade brasileira”. Tal como as escolas paroquiais, a Escola Dominical estava ligada diretamente à atividade de introdução e permanência da nova forma de fé, através da leitura da Bíblia.

O Protestantismo de missão ou protestantismo missionário é a designação da qual se utilizam Mendonça e Velasques Filho (2002), tratando-se do protestantismo que se instalou e afetou à população no Brasil foi apenas a partir de 1850, quando vieram missionários (sobretudo norte-americanos) para o Brasil com a finalidade explícita de propagar a sua fé. Foi através desses missionários protestantes que se instalaram no Brasil a Igreja Congregacional, a Igreja Presbiteriana, a Igreja Metodista, a Igreja Batista e a Igreja Episcopal.

Contribuindo com essa afirmativa, José Roberto de Souza (2021) faz algumas considerações acerca do protestantismo de missão no Brasil. Uma das que são postas pelo autor é que o ambiente daquela época no Brasil, estava sob a égide do Império, outro destaque é o

proceder dos missionários, eles não podiam fazer prosélitos, nem pregar na língua portuguesa, por conta do domínio católico como religião oficial, todavia, não foi assim que sucedeu (SOUZA,2021, p. 16). Assevera que com a chegada de Simonton, o principal fundador do presbiterianismo no Brasil, teve como seu primeiro objetivo a aprendizagem da língua portuguesa com vistas à pregação para os brasileiros, o que de fato veio a calhar.

Nesse sentido, vale pontuar o texto jornalístico de Solange Cardoso de Abreu d’Almeida (2015) que aborda algo bastante peculiar: as primeiras classes de instrução bíblica no Brasil. Estas, por sua vez, apareceram em conexão com a presença dos huguenotes na cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, no século XVI. Os holandeses no Norte do país, principalmente em Pernambuco, criaram também escolas de instrução religiosa. Na sequência, D’Almeida elenca as igrejas que aderiram à Escola Dominical.

Como já foi descrito, o movimento que redundou no que atualmente conhecemos como “Escola Dominical” no Brasil teve início em 19 de agosto de 1855 em Petrópolis. O reverendo Robert Kalley e sua esposa, dona Sara, missionários escoceses da Igreja Congregacional, foram os organizadores desta Escola Dominical. No primeiro domingo compareceram cinco crianças. Com o desenvolvimento do trabalho, organizaram-se classes, em português, alemão e inglês, em razão dos colonos estrangeiros que chegavam a essa região do estado do Rio de Janeiro (D’ALMEIDA, 2015).

Os metodistas registram em suas obras históricas o aparecimento da Escola Dominical em junho de 1836 com o reverendo Justin R. Spaulding e os presbiterianos falam em trabalho pioneiro com o missionário Ashbel Green Simonton em 12 de abril de 1860. Como batistas, por exemplo, não temos registro algum do aparecimento da Escola Bíblica Dominical, mas, em relatório de 12 de dezembro de 1882, o missionário William Buck Bagby fala em tradução de um catecismo batista para crianças e fala também da tradução de uma história batista. Concluiu-se então que a Escola Dominical, se ainda não existia com o aparecimento, em 15 de outubro de 1882, da Primeira Igreja Batista da Bahia, estava prestes a ser implantada (D’ALMEIDA, 2015).

De 1855 até 1911 o trabalho das Escolas Dominicais dependia em grande parte da iniciativa particular das igrejas locais. Em 1911, foi organizada a União de Escolas Dominicais do Brasil. Foi o primeiro esforço para arregimentar os elementos que se interessavam na instrução religiosa por meio das Escolas Dominicais. Em 1928, a União de Escolas Dominicais foi transformada em organismo oficial das igrejas evangélicas com o nome de Conselho

Nacional Evangélico de Educação Religiosa. Em 1931, passou a chamar-se Conselho Evangélico de Educação Religiosa do Brasil. Em 1934, o Conselho foi incorporado à Confederação Evangélica do Brasil, que era o órgão representativo das igrejas congregacionais e cristãs, episcopal, metodista, presbiteriana e presbiteriana independente (D'ALMEIDA, 2015).

A autora destaca que os batistas no Brasil, antes mesmo de se constituírem em Convenção, perceberam logo de início a importância da educação religiosa. No ano de 1900 foi organizada a Casa Editora Batista, tendo como seu diretor o missionário William Edwin Entzminger. A autora descreve que O Jornal Batista, fundado em 10 de janeiro de 1901, começou, já em janeiro de 1903, a publicar *as lições da Escola Dominical* para adultos. Nesse mesmo ano apareceu “O Infantil”, livreto contendo histórias e a lição da Escola Dominical para as crianças. Em 1907, quando os batistas completavam 25 anos de presença no Brasil, surgiu a “Revista de Adultos” e, em 1909, “O Amigo da Juventude”.

A tese de Mendonça compõe-se de três razões que explicam a expansão do protestantismo de missão no Brasil, principalmente de 1859 até o fim do século XIX:

Primeiro, que a inserção do protestantismo na sociedade brasileira deu-se num momento histórico-social propício (e que talvez outro melhor não chegaria a haver); segundo, que a aceitação do protestantismo ocorreu na camada ‘livre e pobre’ da população rural e só ali provavelmente se poderia dar; terceiro, que a expressão do Protestantismo foi facilitada pela expansão do café, ou melhor, seguiu a trilha do café (MENDONÇA, 1984, p.15).

No Brasil da primeira metade do século XIX, havia quem desejasse maior liberdade religiosa. Isso foi motivo de intensos debates na Constituinte de 1823. Muitos parlamentares que portavam ideias liberais propugnavam maior abertura para as nações protestantes. Contudo, havia grande oposição por parte de constituintes como no caso dos dezenove padres que faziam parte da comissão. Finalmente, decidiu-se que a religião católica seria mantida como religião do Estado, mas a tolerância religiosa também seria concedida a outras confissões cristãs (MENDONÇA, 1984, p.26).

Assim foi até 1889/1890, quando houve a separação entre Igreja e Estado. Até este tempo, os protestantes tiveram várias dificuldades, como o reconhecimento dos casamentos, o direito aos registros civis e sepultamentos em cemitérios públicos, sendo que vários nomes lutaram por esses direitos, como por exemplo, Robert Kalley.

A chamada Era Missionária percorreu todo o século XIX, sendo o Brasil alvo de missionários desde a metade desse século. Durante esse período, várias denominações evangélicas se instalaram em solo brasileiro. Quando inicia o século XX, as missões protestantes estão em efervescência. Em 1910, na Conferência Missionária de Edimburgo, na Escócia, é gestada a ideia de um corpo cristão mundial, para o evangelismo dos gentios, que estavam principalmente na Ásia e na África. Isso fez com que os norte-americanos saíssem contrariados, pois para eles os gentios estavam também na América Latina, onde o cristianismo não se integrara ou fora deformado pelos católicos, segundo eles. Em 1916, na Conferência do Panamá, justificariam a presença norte-americana na América Latina, apresentando razões para aqui evangelizar: a Igreja Católica não trouxera Bíblias, não tivera um clero idôneo, introduzira o evangelho de modo deformado. A partir dessas prerrogativas, a América Latina foi incluída no bloco dos “gentios” (LONGUINI NETO, 2002 *apud* JUNGEL, 2004).

Esse tipo de missão vem do tempo do paradigma missionário da Era Iluminista, no qual as igrejas buscavam respostas para um mundo antropocêntrico defendendo-se do racionalismo. Os grandes despertamentos na Europa e nos Estados Unidos trouxeram um forte ímpeto missionário. David Bosch considera o empreendimento missionário do final do século XVIII até o XX um exercício muitíssimo singular. A missão sofreu grande influência do iluminismo, muitas vezes não se podendo separar os sentimentos entre “liberais” e “evangélicos”. Mas é verdade que muitos se deram pela causa na qual acreditavam, morrendo em terras distantes e logo sendo substituídos por outros voluntários (BOSCH, 2009 p. 412, *apud* JUNGEL, 2004).

A teologia utilizada na missão para o Brasil tinha duas vertentes distintas: 1) A teologia calvinista da predestinação, que já estava um tanto enfraquecida. A partir desta teologia foram feitos grandes investimentos em educação, pois se acreditava que as oportunidades do ambiente religioso favoreciam o florescimento dos eleitos. 2) A segunda vertente constitui-se na teologia dominante na Era Missionária norte-americana, que se desenvolveu nos movimentos de reavivamento do período de João Wesley, e provinha de uma variação do calvinismo, ganhando força na Era Metodista. Nessa segunda vertente, entendia-se que a conversão é individual e o convertido passa a adotar novos padrões de conduta. As duas viveram um conflito dissimulado, mas a vertente da conversão individual venceu. O programa educacional aos poucos foi se laicizando, enquanto a vertente conversionista dominou inteiramente a ação missionária. Para os adeptos da vertente conversionista, a salvação se dava quando a pessoa se tornava consciente da sua culpa e num ato voluntário aceitava a Jesus como salvador. A partir daí se está

justificada, e a santificação é um processo que vai ocorrendo durante a vida. A mudança social ocorreria em decorrência da conversão (MENDONÇA,2002, p. 32).

Mas, para abordar melhor a questão dos reavivamentos, iremos descrever no segundo capítulo como, demonstrar o aparecimento também da Escola Dominical no contexto das missões modernas e em seguida, a estratégia dos manuais.

3 A ESTRATÉGIA DOS MANUAIS: UM ENFOQUE NOS MATERIAIS DIDÁTICOS DA ESCOLA DOMINICAL

Este capítulo tem como propósito demonstrar os modelos pedagógicos norte-americanos da Escola Dominical por meio do clássico *Manual da Escola Dominical*, sendo este um dos meios utilizados para a consolidação do protestantismo brasileiro no início da década de 1940. Assim como *As bases da Educação cristã* de Hayward Armstrong, ambos editados pela Casa Publicadora Batista. Além do *Programa de Educação Religiosa* de Cathryn Smith. Para tanto, cabe primeiro dissecar o processo da Escola Dominical na ascensão das missões modernas.

3.1 A ESCOLA DOMINICAL DENTRO DA ASCENSÃO DAS MISSÕES MODERNAS

Como nos esclarece Williston Walker, em sua obra *História da Igreja Cristã* narrando a respeito do *Impacto do Reavivamento Evangélico: o Surgimento das Missões Modernas*, na Inglaterra, relata que este impacto do reavivamento evangélico foi sentido muito além dos limites dos seus arraiais. Exerceu influência sobre os grupos não-conformistas (era um protestante que não "se conformava" com o governo e as práticas da Igreja Anglicana) mais antigos ainda que não de todo uniforme. Tais grupos estavam em situação de decadência na primeira metade do século XVIII. Cabe ressaltar, que seus líderes, não olharam com bons olhos para Wesley e Whitefield, mas à medida que o reavivamento prosseguia, os mais jovens se entusiasmavam com ele (WALKER, 2006, p.718).

No contexto indicado, marcado por crescente fervor sob o impulso do reavivamento, o movimento beneficia mormente os congregacionais. Sua pregação foi vivificada, seu zelo reanimado e seu número alargou-se sobremaneira. Angariaram um número significativo de adesões entre os despertados pelo metodismo, mas que não se adaptaram à disciplina metodista. Por volta de 1800 os congregacionais ocupavam na Inglaterra posição muito diferente daquela de um século antes. Os batistas particulares também usufruíram desse crescimento, assim como os batistas gerais, apesar da considerável influência do pensamento ariano. Em 1770 uma ala evangélica separou-se como Batistas Gerais da Nova Conexão em protesto contra a tendência unitária. Os presbiterianos, por outro lado, quase não foram afetados pelo despertar (WALKER,2006).

O metodismo, guiado pela liderança de Wesley, visava dar auxílio financeiro aos pobres, adquirir empregos, cuidado dos enfermos, estabelecimento de escolas e salas de leitura e elimina a rudeza e a violência das classes inferiores (WALKER,2006, p. 719). Esse despertar de um novo espírito, ao desenvolver seus esforços religiosos, humanos e beneficentes, evangélicos de vários tipos frequentemente trabalhavam juntos em associações voluntárias. O movimento de reavivamento deu grande impulso à difusão de literatura cristã. Wesley publicou constantemente por meio da Sociedade Promotora do Conhecimento Cristão, fundada em 1699. Em 1799 foi formada em Londres uma entidade interdenominacional denominada *Sociedade de Folhetos Religiosos*. O pietismo deu o exemplo de uma publicação ampla e barata da Bíblia por intermédio da fundação do Barão Canstein, em Halle, em 1710. Em 1804 foi fundada em Londres a Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira pelo empenho dos evangélicos. Logo apareceram organizações similares na Irlanda, Escócia e Estados Unidos. Por sua obra foi possível uma grande divulgação das Escrituras (WALKER, 2006).

O referido paradigma protestante de ensino religioso, para as crianças é provavelmente tão velho quanto a religião organizada, e a época da Reforma valorizou sobremaneira a instrução catequética. Ainda que tentativas tenham sido feitas anteriormente, os primeiros esforços sistemáticos e bem-sucedidos, em larga escala, visando a alcançar os pobres e analfabetos com a educação cristã foram por meio das escolas dominicais. Foi seu fundador, em 1780, Robert Raikes, leigo evangélico da igreja oficial (WALKER,2006).

Outro aspecto que merece consideração específica e por isto, far-se-á agora, uma breve digressão, mas que converge na discussão da temática desta dissertação. Em articulação com a pesquisa de Priscila de Araújo Garcez, entramos em contato com seus apontamentos historiográficos sobre as Escolas Dominicais, onde se lê:

A história do protestantismo dos últimos tempos é, por assim dizer, a história da Escola Dominical. É ela que está concorrendo de modo relevante para que o protestantismo realize a sua principal aspiração: pôr a Bíblia aberta nas mãos e no coração dos povos. É ela, já o asseveravam, o “viveiro da igreja”. É por esse poderoso instrumento que a Igreja de Nosso Senhor Jesus Cristo vai libertando as massas do ateísmo, da incredulidade prática, da idolatria, credices e superstição. O seu misterioso poder está no estudo sistemático da Escritura Santa, na sua organização e na possibilidade de moldar-se a métodos estritamente científicos. É um campo de ação que toca as raias do infinito. E, assim sendo, é correta a afirmação de que três quartos das conversões ao Evangelho provêm das suas aulas (Revista de Cultura Religiosa, 1921, p. 201 apud Garcez, 2017, p.97).

A citação em voga marca algumas finalidades da Escola Dominical: libertação das massas do ateísmo, incredulidade, idolatria, credices e superstição, além de uma organização pautada em métodos estritamente científicos. Segundo Garcez (2017) alguns registros da historiografia protestante consideram que a Escola Dominical surgiu em 1780, na cidade de Gloucester, na Inglaterra, através do jornalista anglicano Robert Raikes, que demonstrava grande preocupação com os filhos dos operários ingleses que passavam os domingos ociosos, aprendendo “toda sorte de vícios” e correndo o risco de se tornarem marginais no futuro. Decidiu criar uma escola aos domingos, em sua paróquia, voltada a essas crianças que trabalhavam nas fábricas doze horas diárias, de segunda a sábado. Na parte da manhã, elas aprendiam inglês, aritmética, artes e tudo relacionado à instrução escolar. Na parte da tarde, tinham aulas de catequese, fazendo com que passassem o domingo inteiro com as suas mentes ocupadas. Raikes lançava mão de premiações para atrair o público infantil e evitar a evasão, além de contar com a ajuda de voluntários para dar banho e oferecer roupas limpas, para que as crianças estudassem da melhor maneira possível (ANDERS, 1949 apud GARCEZ, 2017). A referida autora expõe um fato interessante, pois afirma que:

embora Robert Raikes seja considerado o pai da Escola Dominical, uma mulher é ocultada na historiografia protestante no que diz respeito ao pioneirismo com esse tipo de projeto. Para a literatura metodista, em 1769, aos vinte e seis anos, Hannah Ball já havia iniciado um trabalho semelhante na Inglaterra, na cidade de High Wycombe. No ano de 1770, ela relatou algumas de suas atividades a John Wesley: “As crianças se reúnem duas vezes por semana, aos domingos e segundas-feiras. É um grupo meio selvagem, mas parece receptivo à instrução. Trabalho entre eles, com a ânsia de promover os interesses de Cristo” (BALL apud REILY, 1957, p. 7, apud GARCEZ, 2017, p. 98).

Garcez (2017, p. 98) ainda problematiza algumas questões em torno dessa temática do ocultamento do pioneirismo de uma mulher no trabalho com a Escola Dominical, na historiografia protestante geral. Seria pelo fato de Robert Raikes ter criado uma Escola Dominical no sentido lato do termo, ou pelo simples fato de Hannah Ball ser uma mulher? No dizer de, “as mulheres são o poder que se oculta por detrás do trono.” A presença delas ainda é vista sob função coadjuvante, o que, em muitos casos, pretere seu protagonismo, e invisibiliza suas práticas (PERROT, 1988, p. 168 apud GARCEZ, 2017, p. 98).

Regressando ao texto de Walker (2006), afirma que na falta de instrução pública, cuidou em dar aos analfabetos possibilidade de estudarem, e conhecerem os fundamentos cristãos, por intermédio de professores que eram pagos. Isso no único dia que as crianças tinham

livre, o domingo. Ressalta que também era obrigatória a frequência à igreja. A iniciativa se propagou de forma avassaladora. Wesley e os não-conformistas a apoiaram.

Organizou-se na cidade de Londres uma *Sociedade Promotora das Escolas Dominicais*, no ano de 1785. Uma sociedade similar surgiu na Filadélfia, em 1791. Ainda que o crescimento do movimento tenha sido tão rápido quanto permanente, ele não deixou de receber oposição por parte do clero, em parte por ser novidade e, em parte, por causa de sua *profanação* do domingo. A instrução secular logo decresceu e o professor pago deu lugar ao líder voluntário (forma que se tem até hoje nas igrejas batistas, por exemplo). Nenhuma outra instituição cristã chegou a ficar tão amplamente integrada na vida da igreja moderna. Essa afirmação gerou uma questão: afinal de contas, era a profanação do sábado ou domingo? Esse assunto ficará para um tempo oportuno.

Walker (2006) aponta que foram organizadas sociedades voluntárias para a distribuição de bíblias e folhetos, para a promoção de interesses educacionais e escolas dominicais e para a direção de esforços reformistas e beneficentes. Dentre elas se contavam a Sociedade Americana de Educação (fundada em 1815), a Sociedade Bíblica Americana (em 1816), a União Americana de Escolas Dominicais (em 1817-1824), a Sociedade Americana de Folhetos (em 1825). Seu padrão de organização foi influenciado pelo exemplo britânico. Sobre as convenções, Walker explana que:

As Convenções Mundiais de Escolas Dominicais começaram a se reunir com regularidade a partir do ano de 1889. E a Associação Mundial de Escolas Dominicais se formou em 1907. Em 1924 se transformou numa federação de agências nacionais e Interdenominacionais de educação cristã, e, posteriormente, foi rebatizada primeiro como Conselho Mundial de Educação Cristã (1947) e depois como Associação de Escolas Dominicais (1950) (WALKER, 2006, p.804).

A seguir, será relatado de forma breve o início das denominações do Protestantismo de Missão no Brasil, e o que se pode encontrar de métodos pedagógicos expressos nas aulas de EBD. As Escolas Dominicais, por sua vez, foram importantes nessas denominações, sendo trazidas pelos seus missionários (JUNGEL,2004).

O que norteava o roteiro das aulas? O que tinham em comum as Escolas Dominicais do protestantismo de missão no Brasil?

A Conferência Geral Metodista dos Estados Unidos da América considerou a possibilidade de enviar missionários para a América do Sul em 1832, como escreve Buyers, em

seu livro de 1945. Depois de conquistarem independência de Portugal e Espanha, havia um espírito mais liberal e tolerante. Por isso mesmo o tempo era propício para neles se propagar uma forma mais pura do Cristianismo. Sentiram, pois, a obrigação de introduzir as suas instituições nestes países (BUYERS,1945, p.407 apud JUNGEL, 2004, p.27).

Em 1836 vem de Nova York para o Brasil o Reverendo Justin Spaulding, da Igreja Metodista. Ele organizou uma congregação no Rio de Janeiro, e, logo em seguida, abriu ali uma Escola Dominical com 30 alunos. Os alunos brasileiros da Escola Dominical eram ensinados em sua própria língua. Spaulding distribuiu Bíblias cedidas pela Sociedade Bíblica Americana, além de outros livros e folhetos. Os metodistas tiveram esta primeira obra missionária frustrada, e os missionários voltaram para os Estados Unidos. Porém, em 1886, estabeleceram-se definitivamente em solo brasileiro. Porque a primeira tentativa missionária metodista fora frustrada, considera-se a Igreja Congregacional – da qual trataremos em seguida - a primeira denominação que se estabeleceu permanentemente no Brasil. A Escola Dominical na Igreja Metodista, contudo, foi valorizada, pois já por volta de 1880, Ramson, evangelista metodista que visitava e pregava em várias cidades, redigia a literatura da Escola Dominical (BUYERS,1945, p.416 apud JUNGEL,2004, p.27).

Portanto, produzia-se material no Brasil nessa área, já nesse período. A teologia da Igreja Metodista é a arminianowesleyana conversionista dos avivamentos da Inglaterra e dos Estados Unidos. Sendo o wesleyanismo o que forneceu a matriz teológica desses movimentos, assim sendo, a Igreja Metodista no Brasil tornou-se a mais coerente com sua tradição e teologia, segundo Mendonça. No Brasil, as demais igrejas do Protestantismo de Missão também seguiram essa matriz conversionista. (MENDONÇA,2002).

Sobre esta teologia, Jungel (2004) discorre que o arminianismo é uma doutrina que proveio de Jacobus Arminius (1560-1609), um pastor calvinista nos Países Baixos. Ele se opôs à doutrina da predestinação absoluta. Cristo morreu por todos, não só pelos predestinados à vida, portanto o livre arbítrio humano coopera na conversão. Segundo ele, a predestinação é um decreto que fala da vontade graciosa de Deus em Jesus Cristo, que determinou dar fé aos crentes desde a eternidade, porém, a graça não é irresistível. O Sínodo de Dort condenou estas doutrinas em 1618-1619, sendo que os debates foram tão violentos que o Estado holandês interveio, afastando inclusive os seguidores de Arminius dos cargos públicos. Contudo, a partir de 1632, foi concedida tolerância aos arminianos pelo Estado holandês. O arminianismo influenciou John Wesley e o metodismo.

3.2 OS PIONEIROS METODISTAS E A ESCOLA BÍBLICA DOMINICAL: SPAULDING, KIDDER E FLETCHER

De 1835 a 1841 atuaram no Brasil missionários metodistas, numa primeira tentativa para organizar trabalho evangélico de caráter permanente em língua portuguesa; isto, entretanto, só foi conseguido alguns anos mais tarde . Enviado pela Junta de Missões Estrangeiras da Igreja Metodista Episcopal dos Estados Unidos, chegou ao Rio de Janeiro, em 18 de agosto de 1835, o missionário pioneiro do Metodismo na América do Sul, Rev. Fountain E. Pitts, que pouco se demorou no país, mas, enquanto aqui permaneceu, pregou aos seus compatriotas em diversas casas particulares.

O objetivo da sua missão era estudar as possibilidades missionárias na América do Sul, particularmente no Brasil e na Argentina. Bem impressionado, de regresso à Pátria, apresentou animador relatório de suas atividades, levando a Junta a enviar, no ano seguinte (1836), um novo missionário para estabelecer o trabalho evangélico no Brasil. Este foi o Rev. Justin Spaulding que, ao instalar-se no Rio de Janeiro, organizou, à Rua do Catete, uma congregação com quarenta estrangeiros e uma Escola Dominical com trinta alunos, entre os quais algumas crianças brasileiras que recebiam instrução no vernáculo (193) .

Pouco depois, em carta datada de 1 de setembro de 1836 dirigida ao Secretário-Correspondente da Sociedade de Missões da Igreja Metodista Episcopal, publicada em Nova-York e, em tradução, reproduzida no jornal *Pharol do Império* , do Rio de Janeiro, dava o Rev. Spaulding notícias do trabalho, informando que mais de quarenta jovens estavam frequentando a Escola Dominical; que esta funcionava às dezesseis horas e trinta minutos com oito classes, sendo duas de negros; que os cultos dominicais eram bem mais concorridos do que os da semana e as reuniões de oração; e recomendava o envio de auxiliares para que as atividades pudessem ser desenvolvidas, inclusive no setor educativo. Esta recomendação se fez acompanhar das seguintes judiciosas ponderações: estes auxiliares "devem ser homens de caráter profundamente religioso, decisivo e uniforme, cheios do espírito missionário, isto é, cheios de fé e do Espírito Santo; devem ser capazes de fazer oração, pregar e cantar, tanto com o espírito como com o entendimento."

3.3 A ESCOLA DOMINICAL NASCENTE NO CONGREGACIONALISMO DE ROBERT KALLEY E SARAH KALLEY E NO RAMO PRESBITERIANO

Em 1855, Robert Reid Kalley (1809-1888) e sua esposa Sarah Poulton Kalley (1825-1907), missionários escoceses, iniciam sua obra no Brasil, justamente com a Escola Dominical, da qual, mais tarde, resulta a Igreja Evangélica Fluminense, embrião da Igreja Congregacional.

A obra dos Kalley se insere no grupo de igrejas missionárias norte-americanas pela sua natureza teológica, apesar de serem missionários escoceses. A teologia é a mesma dos avivamentos que ocorreram na Inglaterra e se transferiram para os Estados Unidos na passagem do século XVIII para XIX (MENDONÇA,2002). Antes de vir para o Brasil, Sarah já havia sido professora de Escola Dominical bem-sucedida em Torquay, na Inglaterra (HAHN apud JUNGEL). A citação que se segue fala dessa Escola Dominical fundada por Sarah no Rio de Janeiro, ela fundou a Escola Dominical três anos antes da igreja ser organizada:

Tendo, porém, entrado em relações íntimas e muito cordiais com a família do embaixador Webb, foi-lhe facilitado que iniciasse, quanto antes, o funcionamento das aulas dominicais naquela casa. Em virtude dessa concessão, a Sra. Kalley instalou, na tardinha de domingo, 19 DE AGOSTO DE 1855, a Escola Dominical, lecionando aos filhos das famílias Webb e Carpenter. Nesse dia, leram a história de Jonas, no Velho Testamento, cantaram hinos e deram graças ao Senhor, por sua bondade e seu grande amor. Por conseguinte, esta data — 19 DE AGOSTO DE 1855 — é a data da FUNDAÇÃO da nossa escola dominical, da primeira escola dominical, no Brasil, em que as classes foram lecionadas no idioma nacional. A Sra. Kalley sentia-se feliz pela oportunidade, que se lhe deparava, de ensinar, daí em diante, as criancinhas, não só aos domingos, como também algumas vezes nos dias de semana, à noite (ROCHA,1941, p.268).

Aqui podemos perceber de novo a importância que a Escola Dominical teve nessas denominações. O esquema seguido nessa Escola Dominical incluiu a história bíblica, a oração e os cânticos. Chama a atenção a escolha da história de Jonas, que também foi um “missionário” enviado. Hahn ressalta ainda o fato de que a história da igreja fundada pelo casal Kalley foi escrita subordinada à história da Escola Dominical. Em 1930, ano da celebração do aniversário da fundação da Escola Dominical, foi editada uma obra que conta a história da igreja: *Esboço Histórico da Escola Dominical da Igreja Evangélica Fluminense*.

Este fato, isto é, a ideia de celebrar o aniversário da fundação da Escola Dominical e não o da fundação da Igreja, assim como de escrever a história da primeira igreja evangélica subordinada à escola dominical revela a importância que a escola dominical tem tido na história

do trabalho evangélico no Brasil e o respeito que a ela tem sido dado. No Brasil a escola dominical tem costumeiramente vindo antes da igreja e ainda constitui o caráter central de toda igreja local (HAHN, apud JUNGEL, 2004, p.30).

Conforme relata João Gomes da Rocha (1941), acerca do começo da Escola Dominical, descreve que a Sra. Kalley sentia-se feliz pela oportunidade, que se lhe deparava, de ensinar, daí em diante, as criancinhas, não só aos domingos, como também algumas vezes nos dias de semana, à noite.

As classes da Escola Dominical continuaram a funcionar através de muitas dificuldades, tais como: os maus caminhos em ocasiões de grandes chuvas, doenças, distrações sociais, festas religiosas, visitas de amigos e, mais tarde, as ausências da amável professora, quando acompanhava seu marido ao Rio, para animar os irmãos que tinham suas reuniões na Saúde. Não há listas de crianças matriculadas nem estatísticas de frequência, entre os documentos citados por Rocha (1941).

Os apontamentos existentes são poucos. Por exemplo, no Domingo, 11 de maio de 1856, a Sra. Kalley fez uso da língua portuguesa, no ensino dado às crianças. Neste serviço, foi ela auxiliada por duas criadas, Elesabeth Kopp e outra. No domingo, 8 de junho, estiveram presentes dez crianças, entre meninos e meninas. Em 1.º de julho, compareceram 13 alunos. Num domingo, em setembro, reuniram-se 17. Numa quarta-feira, 8 de outubro, foi oferecido um "chá" aos alunos: 19 aceitaram o convite, mas "Lotchen" não pôde ocupar o seu lugar. Tais são os apontamentos referentes à Escola Dominical, durante o ano de 1856 (ROCHA, 1941)

O movimento foi semelhante, durante os anos seguintes, entre 1856 e 1871, em que a Sra. Kalley procurou instruir a mocidade, quer em Petrópolis, quer no Rio de Janeiro. A assistência média, durante muitos meses, oscilou entre 20 e 25 jovens, mas às vezes comparecia maior número. Em 30 de Maio de 1860, o Dr. Kalley mudou-se para uma propriedade mais central, denominada "Eyrie", pertencente ao barão de Lorena e situada na rua Joinville n.º 1. A família Baird, que habitava a casa, deixou-a no dia 28 de abril de 1860 e as chaves foram entregues ao Dr. Kalley, no dia 1.º de maio. Feitos vários reparos e modificações no prédio, o Dr. Kalley e sua esposa despediram-se do "Gernheim" e mudaram-se para o "Eyrie", no dia 30 de maio de 1860. Exatamente um ano depois, em 30 de Maio de 1861, foram tiradas umas vistas estereoscópicas dessa casa, o Dr. Kalley, a Sra. Kalley, Lady Frances Bailey e o Sr. Bailey. São raras as referências acerca dos alunos da Escola Dominical nestes anos, mas existe uma no diário do Dr. Kalley de 15 de julho de 1860, que declara terem comparecido à Escola 20 alunos.

Sabe-se ainda, devido à mesma fonte, que, no dia 22 de maio de 1861', houve um "chá" para os alunos, tendo comparecido 35 crianças. Existe, além disso, uma nota que registra a presença de 30 crianças alemãs, em 9 de fevereiro seguinte. De 18 de Novembro de 1864 em diante, a Escola Dominical reunia-se geralmente na sala de jantar da casa da Ladeira do Barroso. Finda a lição, os alunos desciam a grande escadaria que vinha ter à travessa das Partilhas, para assistirem à conclusão do serviço da tarde. Em 14 de Julho de 1871, foram dados os últimos retoques no plano de reorganização da Escola Dominical, que compreendia toda a congregação, desde o mais velho, de 80 anos, até o mais jovem, de seus 4 anos (ROCHA, 1941).

Finaliza Rocha (1941) que começou a Escola a funcionar, em moldes modernos, no domingo seguinte, 16 de julho às 3 horas da tarde, com 200 alunos de ambos os sexos, distribuídos em 26 classes — cada uma com seu professor. Daí em diante, passou a funcionar todos os domingos, às 3 horas — tomando o lugar do "serviço da tarde" que, até essa época, era feito à mesma hora.

Em conformidade com Leonildo Silveira Campos, numa exposição do canal da Catedral da Igreja Presbiteriana Independente, a reforma religiosa e social implantada no rastro dos reavivamentos religiosos do século XVII, XVIII e XIX produz uma mentalidade missionária nas igrejas. As igrejas do litoral norte devem ficar à disposição ou desenvolver uma série de esforços para compartilhar o evangelho e a leitura da Bíblia com os povos não-cristãos, principalmente do hemisfério sul, começam a ser encaminhados missionários para América Central, América do Sul, África, Ásia, quase sempre missionários europeus e depois missionários norte-americanos. Eles vêm com uma dupla ideia e missão, por um lado pregar o evangelho, e por outro, civilizar, e para isto duas coisas seriam importantes: igreja e escola. Pregar o evangelho e educar as massas. Esta nova forma de ser cristão, chega no Rio de Janeiro, em 1859 com Simonton, e em 1863 na cidade de São Paulo, com a presença do cunhado de Simonton, chamado Blackford, que alugou uma casa, um espaço numa rua que hoje é conhecida como *Líbero Badaró* e ali, surge a primeira Igreja Presbiteriana de São Paulo.

Uma nova forma de ser cristão, protestante e presbiteriana foi introduzida no centro da pequena cidade que era São Paulo, na época com menos de 50 mil habitantes que algumas décadas depois se tornaria nesta grande metrópole. Alexander Blackford, teve uma grande vantagem sobre o seu cunhado, porque, viveu muito mais que Simonton, este morreu com apenas 34 anos e Blackford aos 61 anos no ano de 1890. Contribuindo com essa questão, José Roberto de Souza, afirma que “apesar de ter vivido tão pouco, para a história do protestantismo

de missão, e acima de tudo para o presbiterianismo brasileiro, o seu trabalho é de valor incalculável” (SOUZA, 2013, p.36).

Dentro de São Paulo Blackford viveu pouco tempo, na qual abriu a primeira Igreja Presbiteriana de São Paulo, a atual Igreja Presbiteriana Independente em março de 1865, visitou muitas partes do interior de São Paulo, Sul de Minas junto com Simonton, e posteriormente com o ex-padre José Manuel da Conceição. No Rio de Janeiro, assume a igreja em 1867, logo após a morte do pastor daquela igreja, Simonton, ficando Charmberlain no seu lugar.

Os presbiterianos chegaram ao Brasil em 1859, e fundaram a primeira igreja em 1862, no Rio de Janeiro. Foi a denominação que mais se expandiu no século XIX; seguiu a “trilha do café”, desenvolvendo-se principalmente em São Paulo. Foi favorecida pela pregação do primeiro pastor brasileiro – José Manuel da Conceição, um ex-padre convertido ao presbiterianismo. Duas missões norte-americanas enviaram os missionários: a junta de Nova York e o Comitê de Nashville. Apesar de serem fiéis à doutrina de João Calvino quanto ao governo eclesiástico, sua teologia no Brasil foi a conversionista dos avivamentos (MENDONÇA, 2002). O primeiro missionário presbiteriano no Brasil, Ashbel Green Simonton (1823-1867), anotou em seu diário em 28 de abril de 1860, “O Diário de Simonton”:

Domingo passado, dia 22, dirigi uma Escola Dominical em minha casa. Foi meu primeiro trabalho em português. As crianças dos Eubanks estavam todas presentes, bem como Amália e Mariquinhas Knaack. A Bíblia, o catecismo de história sagrada e o ‘Progresso do Peregrino’, de Bunyan, foram nossos textos (SIMONTON,2002, p.140).

John Bunyan (1628-1688) foi um escritor e pregador puritano, cuja obra mais famosa foi *O Peregrino*. Novamente a Escola Dominical inicia antes mesmo da fundação da igreja. O material de apoio constava da Bíblia, do catecismo e de um livro escrito por John Bunyan, que trata alegoricamente da vida do cristão neste mundo. Simonton tem a pretensão de dar aulas de educação religiosa, antes de 1860. Um ponto peculiar é o fato de o referente mês de abril ser também comemorado pelos batistas brasileiros como o mês da EBD (tendo no último domingo do mês a comemoração maior), semelhante aos presbiterianos, ainda que o trabalho congregacional tenha sido pioneiro da Escola Dominical no Brasil e seja comemorado no mês de agosto, percebemos essas sutis distinções e, que não ocorrem por acaso.

Ao estudar sobre o movimento da Escola Dominical no contexto do presbiterianismo no século XX, Bertinatti assegura que:

No caso das Escolas Dominicais, elas foram estabelecidas para atingir alguns objetivos, entre os quais, primordialmente, o de converter através de estudos da Bíblia. As Escolas Dominicais foram um dos mais eficazes meios de disseminação do Protestantismo no Brasil, pois serviu como a fonte mais segura de conversão dos católicos através da leitura e pregação da Bíblia. Ao ensinar os conhecimentos bíblicos para as crianças e, conseqüentemente, suas crenças e valores, incute-se o conceito de representação. Nesta acepção, Chartier (1990) ratifica que, ao criarem representações, os indivíduos descrevem a realidade tal como pensam que ela é, ou como gostariam que fosse estando diretamente ligada ao poder e à dominação (BERTINATTI, 2009, p.20).

Assim sendo, depreende-se que através da alfabetização, o objetivo era a evangelização, a estratégia era alfabetizar, mas o objetivo era religioso, formar prosélitos, demonstrando que a Escola Dominical foi elemento de inserção do protestantismo no Brasil. Para Bertinatti (2009), “os missionários, que detinham e lutavam por um determinado poder, viam nas Escolas Dominicais uma das maneiras de modificar a sociedade brasileira”.

3.4 A ESCOLA DOMINICAL NO IDEÁRIO PEDAGÓGICO BATISTA

José Reis Pereira, historiador eclesiástico da Convenção Batista Brasileira na metade do século XX (1955), conforme mostra o *Álbum do Brasil Batista*. O autor faz uma narrativa a respeito do missionário pioneiro batista:

O jovem pastor do Estado de Texas, William Buck Bagby, tinha ouvido um dos sermões do pastor Hawthorne e ficou profundamente impressionado. William Bagby estava noivo, e sua noiva, Ann Luther, tinha o ideal missionário. Os dois dialogavam pessoalmente ou por carta, sobre o assunto, e o moço estava orando a respeito da matéria. Não iria entregar-se a uma obra missionária qualquer só para agradar à noiva. E a noiva, por sua vez, não iria deixar o ideal missionário só para agradar o noivo. Era assunto extremamente sério e só Deus poderia resolver o impasse. Estavam as coisas nesse pé, quando William Bagby ouviu Hawthorne (PEREIRA, 1979).

De repente o Brasil assumiu uma extraordinária importância no pensamento do jovem pastor, e ele entendeu que Deus o estava chamando para vir a esta nova terra pregar o evangelho. Conversou com a noiva, e os dois concordaram em se apresentar à Junta de Missões Estrangeiras da Convenção, indicando que o país para onde queriam seguir era o Brasil. A Junta, nesse tempo, estava muito mais interessada em enviar missionários à China, mas, ante a insistência dos dois jovens, acabou por nomeá-los. “E foi num vagaroso navio veleiro que os

dois, logo após o casamento, fizeram sua viagem de núpcias em demanda desta terra desconhecida” (PEREIRA,1979, p.90).

Chegando ao Brasil, desembarcaram no Rio de Janeiro e seguiram para Santa Bárbara, onde pretendiam aprender a língua portuguesa. Na narrativa de Pereira (1979), na cidade de Santa Bárbara tiveram um encontro providencial: lá estava um ex-padre católico, Antônio Teixeira de Albuquerque. Este, que fora vigário em Maceió, “convenceu-se do engano de sua posição, abandonou a batina, casou-se e mudou-se para São Paulo. Aí entrou em contato com os metodistas” (PEREIRA, 1979, p.90). Mas, prosseguindo no seu exame das Escrituras, persuadiu-se de que a posição batista era mais fiel ao Novo Testamento e, buscando os batistas de Santa Bárbara, pediu-lhes o batismo. Foi batizado por um pastor, que era também colono, Robert Thomas, se tornando, assim, o primeiro brasileiro a ser batizado. Albuquerque foi importante ajudante dos Bagby no seu aprendizado da língua e nas informações sobre o Brasil. Menos de um ano decorrido depois que os Bagby aqui chegaram, apareceu em Santa Bárbara um segundo casal de missionários: Zachary e Kate Taylor. Eram agora cinco que se reuniam para estudar e sonhar com o início da obra batista entre os brasileiros. Bagby e Taylor fizeram uma longa viagem pelo Brasil a fim de verificar qual seria o melhor lugar para fincarem as primeiras estacas, e, após essa viagem e como resposta e muitas orações, decidiram-se pela cidade do Salvador, a capital da Bahia, a cidade considerada a mais católica do Brasil. Para lá seguiram as três famílias: os Bagby, os Taylor e os Albuquerque, sendo que a mulher do ex-padre por esse tempo ainda não se havia convertido, assim salienta Pereira (1979).

Conforme relata Pereira (1979) a igreja batista foi fundada com cinco membros, em 15 de outubro de 1882, e então organizada a Primeira Igreja Batista da Bahia e primeira igreja batista brasileira. Os missionários e seu companheiro brasileiro esforçavam-se o máximo para comunicar a Boa-Nova, e dentro em pouco seus esforços foram abençoados, porque pessoas se converteram.

O autor assinala que houve também alguma perseguição. Naqueles tempos do Império, a Igreja Católica era unida ao Estado, e muitas vezes as autoridades, atendendo a exigências de padres e frades entendiam de intervir nas atividades dos pregadores do evangelho. Doutras vezes, justiça lhes seja feita, intervinham para impedir que o povo amotinado pelos padres linchasse os pregadores. Houve na Bahia um incidente que poderia ter sido muito grave com Bagby. Estava ele pregando, quando começou a ser apedrejado. “Uma pedra pontiaguda feriu-

o na testa e ele caiu desmaiado. O atentado não foi, entretanto, além disso, mas durante toda a sua vida Bagby conservou a cicatriz forte daquela terrível pedrada” (PEREIRA, 1979, p.91).

Outros missionários vieram juntar suas forças aos primeiros que aqui chegaram. Alguns, como C. D. Daniel, o fundador da Igreja do Recife e que, por sinal, era de uma das famílias de Santa Bárbara, demoraram pouco tempo. Outros, entretanto, tiveram uma longa, esforçada e gloriosa trajetória no Brasil. Entre esses pioneiros que aqui chegaram ainda no Século XIX, merecem especial referência (PEREIRA, 1979).

Cabe registrar a figura de Salomão L. Ginsburg. Era um judeu, nascido na Polônia e criado na Alemanha e Inglaterra, que se convertera, sendo por isso completamente repudiado por sua família. Sentindo-se chamado para a pregação do evangelho, estudou alguma coisa e, apresentando-se a uma Sociedade Missionária Interdenominacional, foi enviado a Portugal. Além de pregar, Salomão cantava e escrevia. Segundo Pereira, foi dos primeiros a terem a ideia do valor da página impressa para a difusão do evangelho e a edificação dos fiéis. E foi um extraordinário tradutor de hinos. Suas letras, em número de mais de cem, hoje enfeixadas no *Cantor Cristão*, hinário dos batistas brasileiros, agradam imensamente. W. E. Entzinger, homem de cultura, que tinha o grau de doutor pelo Seminário Batista de Louisville, nos Estados Unidos, foi especialmente o homem da página impressa.

Além de escrever vários livros, que tiveram importância muito grande para o preparo dos fiéis naqueles tempos pioneiros, foi ele o fundador de *O Jornal Batista*, em 1901, e da Casa Publicadora Batista, a editora e tipografia batista que hoje é a maior tipografia evangélica da América Latina.

Segundo os dados de Francisco Bonato Pereira (2015), Emma Morton Ginsburg obteve prestígio no meio batista, era esposa de Salomão e foi considerada pioneira do trabalho feminino (1900). Emma Ginsburg foi a pioneira no trabalho missionário feminino em Pernambuco, organizando a Sociedade Auxiliadora de Senhoras (SAS) na PIB Recife (1900), da qual foi eleita presidente. Antes, no Estado do Rio de Janeiro organizara a SAS na IB Niterói (1893), na IB Campos (RJ) e na IB São Fidélis (RJ), sendo a missionária pioneira nessa atividade no Brasil, ela própria enviada ao campo missionário pela União das Mulheres Batistas do Missouri. As mulheres da PIB Recife eram ativas participantes da evangelização externa e nos cultos nos lares. A presença da SAS foi registrada na organização da IB Cordeiro (1905), da IB Gameleira (hoje Imperial, 1905) e da IB Torre (1908) (PEREIRA, 2015, p.43).

Era uma *mulher intelectual*, aprendeu latim aos sete anos, o que a ajudou a aprender a língua portuguesa, tornando-se a primeira mulher a lecionar no Seminário Batista (PE). Emma cuidava da família e auxiliava o marido nas atividades da igreja, tocando órgão e dirigindo o coro da Sociedade Auxiliadora de Senhoras, que exercia atividades externas das mulheres, presentes nas festividades e organização de Igrejas (PEREIRA, 2015).

Acerca do trabalho de Escola Dominical, Pereira (2012), discorre que Emma Ginsburg foi também a missionária pioneira da EBD: quem escreveu os primeiros textos, professora, pedagoga cristã, era uma entusiasta da Escola Dominical e nas igrejas onde ela e o esposo serviam a EBD era uma das primeiras instituições organizadas. Ao chegar ao Brasil e após aprender a língua, Emma recebeu com uma das primeiras tarefas (1893), escrever as lições da Escola Bíblica Dominical, que eram publicadas em um boletim editado pelo missionário William Bagby: “Emma passou por momentos de desânimo quando, embora sentindo que Deus a chamara para uma missão no Brasil, se sentia pouco útil” (PEREIRA, 2012, p. 14). Esse era um sentimento que afligia muitos jovens missionários em início de ministério. Ela enfrentou o problema buscando modos de tornar-se útil, passando a escrever textos para ensino aos convertidos. O referido autor sinaliza que Emma foi uma das primeiras redatoras das lições da Escola Bíblica Dominical (PEREIRA, 2012).

De acordo com J. Reis Pereira (1979), juntaram-se aos primeiros missionários, desde cedo alguns notáveis frutos de seus trabalhos de evangelização. Na Primeira Igreja do Rio, por exemplo, nos anos de 1889 a 1891 converteram-se três jovens, que iriam desempenhar grande papel na história posterior do trabalho batista brasileiro. Um deles foi Tomaz Lourenço da Costa, português de nascimento, que se tornou, no Brasil, além de grande cooperador de igrejas em vários lugares, um dos propulsores da obra de Missões Estrangeiras.

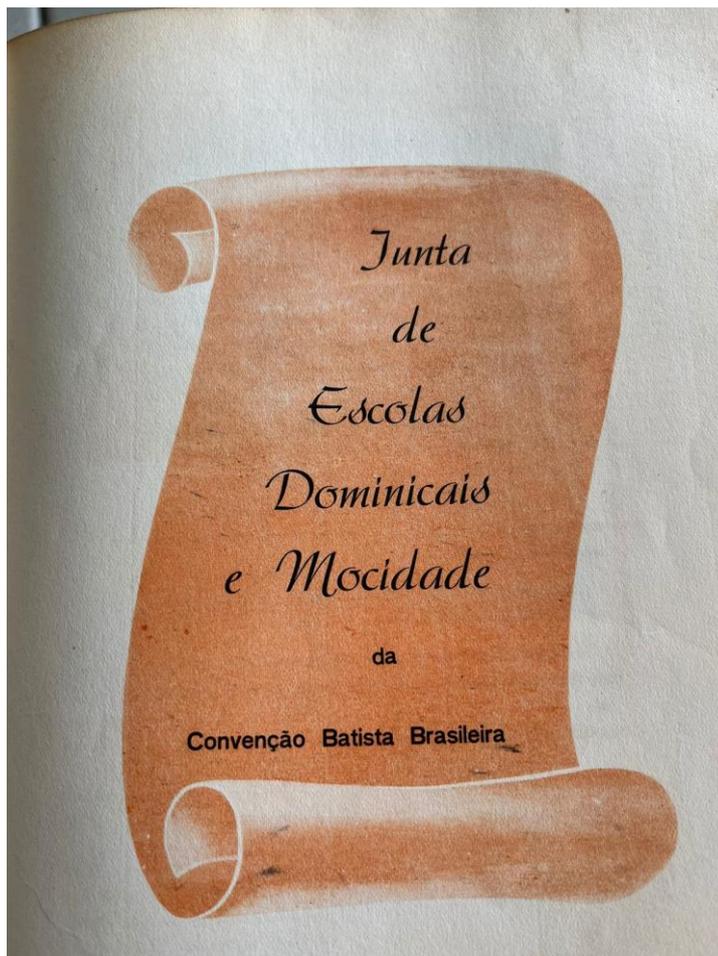
Outro foi Teodoro Rodrigues Teixeira, filho de portugueses, nascido na Espanha e vindo muito jovem para o Brasil. Era uma “pena bem-dotada” e durante mais de quarenta anos serviu primeiro como auxiliar, depois como redator e, finalmente, como redator-chefe de *O JORNAL BATISTA*. Estava a seu cargo uma seção *Perguntas e Respostas*, por meio da qual milhares de batistas brasileiros foram fielmente doutrinados. Esses dois, Tomaz Costa e Teodoro Teixeira, representam bem os chamados leigos que tanta importância tiveram no progresso batista brasileiro.

Um dos segredos do crescimento batista no Brasil está no trabalho desses leigos. Tomaz e Teodoro não eram pregadores. *Mas como diáconos e professores de Escola Bíblica*

Dominical e no exercício de outras funções nas igrejas a que pertenceram e, sobretudo, pelo testemunho sempre presente foram grandes líderes e propulsores do trabalho. Como eles, muitos outros que não nos é possível mencionar nome por nome. O terceiro jovem convertido no Rio naqueles tempos chamava-se Francisco Fulgêncio Soren. Esse revelou logo qualidades para a pregação. Assim, não havendo possibilidade de preparar-se devidamente no Brasil, os missionários o enviaram aos Estados Unidos. Lá estudou durante oito anos e voltou em condições de assumir o pastorado da Primeira Igreja do Rio e de exercer no Brasil uma liderança entre os batistas que durou mais de trinta anos (PEREIRA,1979).

Dito isto, iremos expor alguns achados sobre a Junta de Escolas Dominicais e Mocidade da Convenção Batista Brasileira, um dos redatores do Manual da Escola Dominical e pessoas que estavam relacionadas à literatura da EBD do ano de 1955, 100 anos da chegada do Dr. Robert Kalley ao Brasil.

Figura 1: Junta de Escolas Dominicais e Mocidade da Convenção Batista Brasileira



Fonte: Álbum do Brasil Batista (1955) Acervo de Francisco Bonato Pereira da Silva.

De acordo com o Manual, quanto à Natureza e divisões fundamentais da Escola Dominical, ao definirem o que seria a EBD, os autores a definem como “uma organização da igreja que tem por fim levar seus alunos à aceitação pessoal de Cristo como Salvador e ao seu pleno desenvolvimento na vida cristã por meio do estudo sistemático da palavra de Deus” (KASCHEL; HALLOCK, 1962, p.16-17).

Quanto às características de uma Escola Dominical, compreende três seções:

(1) *Relação com a Igreja.* A Escola Dominical é parte integrante da igreja. É, por assim dizer, a própria igreja. A Escola Dominical é parte integrante. E, por assim dizer, a própria igreja ensinando a Palavra de Deus. Não é uma organização independente, mas deve estar subordinada em tudo à igreja e deve ser sustentada por ela.

(2) *Finalidade.* A Grande Comissão de Jesus encerra o objetivo da Escola Dominical. Jesus disse: "Fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo; ensinando-os a guardar todas as coisas que eu vos tenho mandado." A Escola tem por finalidade levar seus alunos ao conhecimento e aceitação de Cristo como Salvador para depois instruí-los nas doutrinas cristãs. As duas iniciais dessa organização sugerem os dois aspectos de seu trabalho: Evangelismo e Doutrina.

(3) *Elementos essenciais*

a) *Compêndio.* A Bíblia é o livro da Escola Dominical. É preciso notar, porém, que ela funciona na Escola como um meio para se alcançar um fim. Nosso propósito é levar o aluno a uma relação vital com Deus, e alcançamos esse fim ao tornar conhecidos os ensinamentos e a história da Bíblia. Sem dúvida que o conhecimento das verdades da Palavra de Deus é necessário para que o aluno seja levado a uma relação nova com Deus. Esse conhecimento, entretanto, deve ser considerado um elemento auxiliar para se atingir o fim proposto, e não o fim principal em si mesmo. Por isso dissemos em nossa definição que o propósito da Escola Dominical é levar os alunos à aceitação de Cristo e ao desenvolvimento nos deveres cristãos por meio da Palavra de Deus.

b). *Professor.* A igreja dá aos professores da Escola Dominical, a grande responsabilidade de ensinar a Palavra de Deus. As outras organizações da igreja têm alguns dos elementos que a Escola possui, mas não têm professores. É este o elemento que, mais do que qualquer outro, distingue a Escola das outras organizações. A igreja elege os professores, exercendo assim um controle vital sobre a Escola.

c). *Aluno:* é o elemento central no programa da Escola Dominical. Não devemos esquecer-lo dando atenção a outros elementos como sejam: organização, programa, classe etc. O aluno, suas necessidades, seus problemas e suas possibilidades espirituais devem constituir nossa preocupação constante e todos os outros fatores devem existir com o propósito de ajudá-lo em sua vida espiritual. (KASCHEL; HALLOCK, 1962, p.17-18)

Para Kashel e Hallock (1962) há duas divisões que são consideradas como clássicas da Escola Dominical: a divisão em classes e a em departamentos. A unidade fundamental na Escola Dominical é a classe. Pode ser que a Escola tenha uma só classe, ou dezenas. Nas classes são agrupados os alunos, de acordo com certos princípios. O fundamento para a Divisão das

Classes, obedece às divisões naturais da vida. Ainda que a vida seja um todo indivisível podem-se apreciar no seu desenvolvimento certas características que aparecem mais acentuadamente em determinado período.

De acordo com essas divisões naturais formamos os vários grupos de classes, da seguinte forma: Classe *Infância*, do nascimento até três anos- (hoje esta é mais chamada de *Berçário*, *Primeiros Passos*, dependendo da igreja); *Principiantes*, de quatro até cinco anos; *Primários*, de seis até oito anos; *Juniores*, de nove até onze anos; *Intermediários* (atualmente denominada Adolescentes), de doze até quinze anos; *Jovens*, de dezesseis até vinte e quatro anos; *Adultos*, de vinte e cinco anos em diante. Vale destacar que hoje, a classe de adolescentes vai de 12 a 17anos, jovens de 18 a 35 e a classe de adultos de 35 até à terceira idade. É válido afirmar que o modelo de classes surgiu com João Comenius, considerado um método pedagógico moderno, há quem diga que este modelo é ultrapassado, mas destacamos ser um método do período moderno, de uma pedagogia moderna.

Luiz Alencar Libório e Antonio Raimundo Sousa Mota na obra *Psicologia e Religiosidade nas fases evolutivas* afirmam que além da influência dos pais na religiosidade da criança tem muito influxo a instituição religiosa a qual ela pertence através do uso de variáveis educativas, conteúdos teológicos e culturais as metodologias na educação religiosa (catequese), poderíamos aqui, inserir a EBD, também “que vão incidir em sua sensibilidade, favorecendo novas transformações em sua religiosidade em desenvolvimento também, na escola e outros lugares sociais para o crescimento de sua religiosidade infantil” (LIBÓRIO ; MOTA, 2014, p.105).

No que se refere aos *Crêterios para a Formação de Classes* , o principal critério a ser usado na formação de classes na Escola Dominical é o da idade. Os alunos devem ser agrupados conforme as divisões naturais da vida, levando-se em consideração os característicos das pessoas de cada idade. Este critério deve ser usado não apenas para os pequeninos, mas para todos os alunos, até mesmo os adultos mais idosos.

Outro critério é o sexo. Para as classes de Juniores, Intermediários, Jovens e Adultos, o critério da divisão por sexo é muito importante. As vezes será melhor colocar juntos meninos compreendidos entre um maior período de anos do que colocá-los juntamente com as meninas para obedecer ao critério da idade. Assim é que, se tivermos um grupo de oito meninos entre nove e onze anos e um grupo igual de meninas da mesma idade, será preferível formar uma classe de meninos e outra de meninas, ao invés de constituir duas classes mistas dessas crianças

(KASCHEL; HALLOCK, 1962). Notam que as crianças do sexo feminino têm, em geral, um desenvolvimento mais rápido que as do sexo masculino; com isso se estabelece uma diferença de meses e até de um ano entre a idade psicológica do menino e da menina. Este fator deve ser considerado na formação das classes.

Outro ponto é o da congenialidade. A partir da adolescência, o critério da congenialidade deve acompanhar ao da idade. Suponhamos o caso de duas moças, uma solteira com vinte e sete anos e uma casada com vinte e dois anos, com uma criança de colo. Pelas divisões sugeridas a moça de vinte e sete anos deveria ir para a classe das senhoras, enquanto a senhora de vinte e dois anos deveria permanecer na classe de moças. Ambas, neste caso, estão fora do seu ambiente. Daí a necessidade de se considerar em primeiro lugar se a pessoa se sente bem na classe, se os seus interesses e atividades são comuns aos demais membros da classe. Em tudo devemos usar de bom senso, lembrando que *o aluno é o elemento central*, mesmo com os seus problemas e necessidades. Os métodos que usados devem ser aqueles que ajudarão ao aluno na aprendizagem da Palavra de Deus (KASCHEL; HALLOCK, 1962).

O tamanho das classes depende de múltiplos fatores: idade dos alunos, tamanho da sala, número disponível de professores etc. A regra geral diz, entretanto, que as classes menores são as mais eficientes em seu funcionamento e a aprendizagem se torna mais fácil. Na seguinte lista nota-se que para as classes de maior idade o número de matriculados pode ser proporcionalmente maior sem sacrificar a eficiência.

Classe ou Departamento
Infância (até 3 anos)
Principiantes (4 a 5 anos)
Primários (6 a 8 anos)
Juniões (9 a 11 anos)
Intermediários (12 a 15 anos)
Jovens (16 a 24 anos)
Adultos (25 anos em diante)
Matrícula Máxima :
5 alunos por obreiro
6. alunos por obreiro
7 alunos por obreiro
10 alunos por classe
12 alunos por classe
18 alunos por classe
25 alunos por classe

Para as crianças menores é aconselhável não dividir o grupo em classes, mas sim em departamentos com um número suficiente de obreiros.

3.5 OS DEPARTAMENTOS SEGUNDO O MANUAL DA ESCOLA DOMINICAL DE WALTER KASHEL E EDGAR HALLOCK

A unidade fundamental da Escola Dominical é a classe. Nessas classes são agrupados os alunos de acordo com as divisões naturais da vida. Os alunos compreendidos numa certa divisão têm alguns característicos comuns à divisão anterior e à divisão seguinte. Deve existir uma unidade mais ampla do que a de classes em que duas ou mais dessas divisões se agrupem. Esta unidade se chama "departamento". Suponhamos o caso mais simples, de uma Escola dividida em dois departamentos: o das crianças e o dos jovens e adultos. Nesse caso, os alunos até onze anos se reuniriam separadamente para a abertura, enquanto os intermediários, jovens e adultos se reuniriam em outro salão.

Vantagens da Divisão em Departamentos. Há quem pense que a divisão em departamentos complica o funcionamento da Escola. Ainda que isso seja, em parte, verdade, o esforço empregado assegura grandes vantagens para a Escola em geral. Entre elas, mencionaremos as seguintes:

Torna possível reunir grupos congeniais. Grupos congeniais são aqueles que têm interesses em comum. Dividindo a Escola em grupos departamentais estamos com isso assegurando o interesse dos alunos. Com isso se resolve em grande parte o problema da atenção e da reverência, visto que se pode oferecer matéria adequada às necessidades do aluno. Assim é que o hino "*Ao Deus de Abraão louvai*" poderá impressionar um adulto, mas terá pouca significação para a criança. Um coro como "*O Pai Celeste cuida de mim*", porém, prenderá imediatamente a sua atenção.

Atende às necessidades psicológicas do aluno. Sabemos que a atenção das crianças é de pouca duração e depende de ser provocada constantemente por coisas que apelem à sua mente e ao seu coração. Daí a necessidade da variedade e movimento, tanto na abertura do departamento como no período do ensino. Havendo departamentos separados, a abertura poderá ser mais prolongada para as crianças e o período de ensino diminuído. Os adultos quererão ter mais tempo para o estudo da lição, mas a criança não poderá suportar o período de estudo igual ao dos adultos.

C. Aumenta a eficiência da Escola. A Escola se torna melhor no seu ensino, visto que poderá ministrá-lo mais de acordo com as necessidades de cada aluno e o professor encontrará maior facilidade na sua tarefa.

D. Proporciona maior crescimento. A experiência tem mostrado que a divisão, possibilidade de neste caso, significa multiplicação. Grupos menores trabalham mais facilmente e se interessam mais diretamente pelos seus constituintes. As responsabilidades dos oficiais se tornam mais definidas e por isso mais viáveis.

(2) Divisão Departamental Completa. Uma Escola Dominical modelo do ponto de vista de organização departamental, é aquela que possui, além do Departamento do Lar, sete departamentos internos, que correspondem às divisões naturais da vida. Os autores pontuam que era pequeno o número de Escolas no Brasil que dispunham de edifício, equipamento e oficiais para tal organização. De qualquer forma, vale a pena que conheçamos a organização completa, a fim de que possamos gradativamente conduzir nossas Escolas à realização de tão alto e nobre objetivo.

Os sete departamentos internos se dividem como segue:

1. Departamento de Infância, do nascimento até 3 anos.
2. Departamento de Principiantes, de 4 até 5 anos.
3. Departamento de Primários, de 6 até 8 anos.
4. Departamento de Juniores, de 9 até 11 anos.
5. Departamento de Intermediários, de 12 até 15 anos.
6. Departamento de Jovens, de 16 até 24 anos.
7. Departamento de Adultos, de 25 anos em diante.

Nas Divisões Departamentais Incompletas, onde não for possível o funcionamento dos departamentos, como acima indicado, a divisão pode ser planejada com um número menor de departamentos, de acordo com as circunstâncias locais. Apresentamos aqui as seguintes combinações possíveis:

Escolas com cinco ou seis departamentos. Nesse caso poderão ser reunidos num só, dois dos departamentos que tiverem menor número de matrícula- dos: primários e principiantes ou jovens e adultos, etc. Os departamentos restantes funcionarão separadamente.

Escolas com quatro departamentos. Poderão ser formados da seguinte maneira: Departamento de Crianças (4-8 anos); Departamento de Juniores (9-11 anos); Departamento de Intermediários (12-15 anos); e Departamento de Jovens e Adultos.

Escolas com três departamentos. A divisão deverá ser feita, tendo-se em conta o número representado em cada grupo. Em algumas igrejas o número de crianças é bem grande e o de jovens e adultos reduzido. Nesse caso conviria ter um departamento para crianças até

oito anos, outro para crianças até quinze anos e um terceiro para jovens e adultos. Estude-se a situação local e divida-se de modo a conseguir os melhores resultados.

Escolas com dois departamentos. Pode haver um departamento de crianças e outro de intermediários, jovens e adultos. Qualquer Escola no Brasil poderá ter, ao menos, esta divisão. O salão de cultos poderá ser usado para o departamento de jovens e adultos e um salão anexo para as crianças. No caso de não existir tal salão, um galpão ou um puxado poderá ser construído sem grande dispêndio de dinheiro.

Obstáculos à Organização Departamental conforme o Manual da Escola Dominical

A. Edifício inadequado. A preocupação de bom número de igrejas, ao construir um templo, fica limitada quase tão somente ao salão de cultos. Por isso não pode dividir a sua Escola em departamentos, a não ser que cogitem da adaptação do prédio ou da construção de um edifício para a Escola Dominical. Convém que nossas igrejas estudem cuidadosamente este assunto para que não fiquem limitadas em seu desenvolvimento as Escolas Dominicais.

B. Escassez de professores e oficiais. Para que a Escola seja dividida em departamentos precisará de um número maior de oficiais e professores. São poucos os elementos de que dispomos atualmente com o preparo necessário para a tarefa. Daí a necessidade de classes para preparar novos obreiros da Escola, e treinar os que já estão ativos mas se ressentem de um preparo mais sólido

C. Falta de visão. Esta é a razão principal e básica porque muitas Escolas Dominicais ainda não se dividiram em departamentos. No momento em que os oficiais compreenderem o valor dessa divisão, os dois obstáculos já mencionados serão removidos sem grande dificuldade. Com exceção das Escolas filiais ou de Escolas em período de formação, não deveria haver nenhuma igreja que não tivesse ao menos dois departamentos para sua Escola Dominical.

D. Falta de Orientação. Há muitas igrejas que têm prédios que podem ser adaptados, que têm obreiros capazes, que têm desejo de fazer um trabalho mais bem feito, mas por falta de orientação ainda não adotaram o sistema departamental na sua Escola Dominical. Espera-se que este Manual sirva para dar tal orientação.

(5) O Departamento do Lar. Existe um departamento que não exige espaço no prédio, porque não reúne seus membros no domingo. E o Departamento do Lar. Evidentemente, nem todos os membros da igreja podem assistir às classes, por motivos diversos. Alguns são doentes,

outros muito velhos, outros moram a tal distância que não é possível sua assistência, outros trabalham no domingo etc. Por causa disso, o Departamento do Lar foi criado. Uma discussão mais ampla se acha que fornece a informação necessária para a organização deste departamento tão importante.

3.6 BASES DA EDUCAÇÃO CRISTÃ DE HAYWARD ARMSTRONG E O PROGRAMA DE EDUCAÇÃO RELIGIOSA POR CATHRYN SMITH

Hayward Armstrong ao expor sobre o contexto sociocultural da educação cristã compreende a sociedade “como um grupo de pessoas vivendo em conjunto, seja o grupo grande ou pequeno, numa área geográfica limitada ou extensa (ARMSTRONG, 1992, p.83). Ao fazer referência ao Dicionário Larousse, que por sua vez, define sociedade como um “estado dos homens e dos animais que vivem submetidos a leis comuns”. Acerca do conceito de cultura expõe uma definição, que a considera boa para os propósitos de educação cristã: “os hábitos, crenças, sistemas de valor e formas de pensamento de determinado povo em dado período de tempo” (NICHOLAS, p.146 apud ARMSTRONG, 1992, p.83).

Em sua obra “Bases da Educação Cristã” um livro-manual que parece ter sido bastante utilizado na denominação batista, o qual, afirma que referente à educação cristã na América:

Quando os europeus começaram a colonizar o Novo Mundo, trouxeram suas ideias e ideais educacionais para a América. Na América do Norte, os protestantes e evangélicos dominaram a cena religiosa e educacional, enquanto na América do Sul a conquista ibérica trouxe consigo o domínio da Igreja Católica. Por causa da influência católica, a educação cristã, na forma que se conhece hoje nas igrejas evangélicas da América Latina, não veio diretamente da Europa após a Reforma, mas por meio de um desvio, que a levara primeiro à América do Norte. Isso não quer dizer que não houve influência europeia na América Latina. Pelo contrário, muitos dos primeiros missionários evangélicos que chegaram ao continente sul-americanos eram europeus. Mas tudo indica que as influências educacionais se devem mais ao que ocorrera na América do Norte. Portanto, é necessário entender algo da história da educação nos Estados Unidos da América para seguir-se a linha de transmissão à América Latina (ARMSTRONG, 1992, p.69)

Armstrong (1992) continua defendendo que quase toda a educação nos Estados Unidos havia recebido orientação cristã. Tanto na Europa como na América do Norte, a educação secular e a educação cristã se desenvolveram juntas, na concepção do autor, quase inseparáveis. Entretanto, ao chegarem os séculos XVII e XVIII houve um início de desintegração da ênfase cristã, por conta do novo individualismo, cientificismo e modernismo.

Ao discorrer sobre a História da Escola Dominical, no seio da *Educação Cristã na América* pela vertente de Hayward Armstrong (1992, p.73) entende que após a separação entre a educação secular e a educação cristã, “a manifestação mais evidente da educação cristã é a escola dominical”. O autor assevera que houve a existência também de um sistema complexo de colégios, universidades e seminários cristãos, mas pretende construir uma base histórica dos eventos na América do Norte para fazer uma apreciação do que ocorreu na América do Sul. Essa separação entre a educação secular e a educação cristã na América do Norte foi singular, uma vez que nos Estados Unidos não havia uma religião estatal que afetasse o sistema educacional, ao contrário do que havia na América Latina. “Seguindo o exemplo das igrejas evangélicas da América no Norte, os evangélicos dos países sul-americanos têm utilizado a escola dominical como o meio mais eficiente de realizar o ensino religioso” (ARMSTRONG, 1992, p. 73). É evidente que o ensino religioso aqui, delimita-se aos rudimentos da religião cristã e não ao estudo do fenômeno religioso global.

Quanto ao surgimento do conceito, não há certeza sobre quando e como surgiu a primeira escola dominical. Alguns traçam suas raízes até Zinzendorf, o pietista do século XVIII. Outros indicariam como fundadoras do movimento pessoas diversas, entre as quais Wesley, o fundador da Igreja Metodista, e Daughaday, ministro metodista:

Parece que o conceito teve sua origem na Inglaterra, na segunda metade do século XVIII. Em 1780, Robert Raikes, conhecido como o “pai da escola dominical”, começou seu trabalho na área em Gloucester, Inglaterra. Raikes foi um jornalista que promoveu um sistema de aulas para meninos de rua, aos domingos, como meio de tirar a criminalidade. Contratou, por sua conta, um professor, que ensinava crianças que trabalhavam nas fábricas durante seis dias da semana e que aos domingos ficavam perambulando pelas ruas, à beira da delinquência. A ideia se expandiu rapidamente e outras cidades inglesas começaram a criar escolas dominicais. Em 1785, William Fox, batista, fundou a primeira organização para promover escolas dominicais. Os objetivos de sua sociedade eram os seguintes: *Evitar o vício, encorajar a operosidade e as virtudes, debelar as trevas da ignorância, difundir a luz do conhecimento e ajudar o homem a entender seu lugar social no mundo* (ARMSTRONG, 1992, p.73-74).

Salta aos olhos, os objetivos traçados por William Fox, vê-se uma dualidade platônica no campo educacional, “luz e trevas”, “conhecimento e ignorância”. O autor deduz que as escolas se destinavam principalmente as pessoas menos favorecidas e que a ideia era de que elas deviam ser instruídas dentro de seu contexto e nível socioeconômico.

Ainda segundo Armstrong (1992), no ano de 1797 o movimento havia crescido de tal forma que 250.000 crianças já estavam matriculadas na Inglaterra. As crianças aprendiam a ler,

e provavelmente sua cartilha era a Bíblia. A ideia de escolas dominicais foi recebida na América com muito entusiasmo, seguindo mais ou menos a mesma forma e a mesma política das escolas inglesas. O que começou como movimento para ensinar os pobres, tornou-se o braço forte educacional e evangelístico das igrejas protestantes e evangelho. Nos Estados Unidos as escolas dominicais desempenhar relevante papel no avanço evangélico que acompanhou a expansão de suas fronteiras. As sociedades e agências que promoviam o conceito de escolas dominicais também promoviam e às vezes subvencionavam a obra missionária em regiões fronteiriças. A respeito das lições, no ano de 1872 elaborou-se um plano para a adoção de uma série de lições uniformes e internacionais. A Convenção Internacional de Escolas Dominicais, que ensejou o início de algumas convenções denominacionais, proporcionaria a todo o mundo evangélico um ensino uniforme, a ideia era que qualquer igreja em qualquer denominação, estudassem o mesmo texto bíblico. Essas lições eram distribuídas através das organizações missionárias e traduzidas no mundo de língua inglesa em inúmeros idiomas, destacam que no ano de 1990, já haviam sido traduzidas para quarenta idiomas (ARMSTRONG, 1992).

O movimento de lições internacionais prossegue, segundo o autor, “até hoje” (datado de 1992). Nesse sentido, o movimento geral das escolas dominicais foi desenvolvido de vários modos, recebeu influência da educação secular no que concerne à teoria, técnica, filosofia e metodologia. Em algumas grandes denominações a escola dominical sofreu considerável queda. Contudo, nas denominações mais ativas do ponto de vista evangélico, como os Batistas do Sul e os grupos pentecostais, nos Estados Unidos, a matrícula continua a crescer e há sinais de melhoria no processo ensino-aprendizagem (ARMSTRONG, 1992).

Armstrong (1992) discute sobre o movimento missionário rumo à América Latina, no qual, narra a chegada do empreendimento missionário e, que existem boas informações sobre este na América Latina. O autor salienta que está abordando a educação cristã e não o movimento protestante em si, ao tempo em que postula que não se deva subestimar a grande influência dos europeus na evangelização da América Latina. Pontua que os primeiros missionários em muitos países sul-americanos eram europeus, muitos deles emigrando por conta própria e evangelizando em meio a perseguição e oposição. Armstrong (1992, p.76 apud DEIROS, 1985, p.249) observa que “as igrejas protestantes latino-americanas são de “origem europeia pela imigração, mas sobretudo, de origem norte-americana pela obra missionária”. A chegada desse protestantismo missionário americano, trouxe no seu bojo o *transplante* de escolas dominicais e igrejas para o cenário brasileiro da segunda metade do século XIX.

No que se se refere particularmente ao crescimento educacional-escolar, o interesse na educação e no desenvolvimento social foi importante fator no crescimento da obra batista. Construindo, em muitos casos, sobre as bases lançadas por batistas franceses, alemães, ingleses e escoceses, os missionários do sul dos Estados Unidos fundaram escolas batistas porque não havia escolas públicas bom final outras denominações fizeram o mesmo. Em diversas ocasiões o testemunho evangélico assumiu o caráter exclusivo de instituições educacionais fundadas pelos missionários. (ARMSTRONG,1992).

Outra declaração dada é que “as instituições missionárias na América do Sul se multiplicaram conforme cuidaram as igrejas protestantes e as missões tradicionais de evangelizar as classes altas por meio da educação” (ARMONSTRONG,1992, p.76) ,não há menção qual o tipo de educação se teria para essas classes *altas*. Embora se saiba que a grande parte da população brasileira era analfabeta. Sobre essa realidade educacional da época, iremos recorrer ao Dermeval Saviani e Jether Ramalho.

O final do século XIX representa um período de transição da sociedade brasileira, especialmente no que tange à questão educacional. O sistema vigente no país, visto como arcaico foi abalado pela chegada de um outro mais moderno e com nuances mais progressistas introduzido pelos norte-americanos. (RAMALHO,1976).

Concordando com Saviani (2007) de modo geral, o campo da educação brasileira, dispõe de uma periodização de suas respectivas ideias pedagógicas. O segundo período compreende a duas fases distintas. A primeira corresponde à pedagogia pombalina de 1759 a 1827; na segunda fase de 1827 a 1932 há o desenvolvimento da pedagogia leiga: ecletismo, liberalismo e positivismo, o marco desse período é a coexistência entre a vertentes religiosa e leiga da pedagogia tradicional (SAVIANI,2007). Quando os colégios protestantes foram implantados, o Brasil se configurava ainda no caráter de República, pois de 1870 a 1940 é o período de grande extensão da rede de colégios presbiterianos, batistas e metodistas.

Na primeira metade do século XIX, portanto, sob a vigência da Lei das Escolas de Primeiras Letras (1827), a instrução pública caminhava vagarosamente. Os motivos recaíam sobre a insuficiência quantitativa, falta de preparo, pouca remuneração, parca dedicação docente; ineficácia teórico-pedagógica, más condições de ensino e ausência fiscal. Reclamava-se a uma ampla reforma da instrução pública (SAVIANI,2007). Esse era o quadro educacional do Brasil Império. Nesse sentido, Saviani (2007) ao discutir sobre as ideias pedagógicas na Reforma Couto Ferraz (1854), destaca que com essa reforma notou-se ênfase na questão da

inspeção escolar, no regulamento das escolas particulares e na disciplina de professores e diretores, dentre outras mudanças. Nas análises de Saviani (2007), a partir de 1879, é adotada outra Reforma do ensino primário, secundário e superior na Corte, o documento legal ficou conhecido como Reforma Leôncio de Carvalho. Inovando em relação à Reforma Couto Ferraz prevê a fundação de jardins de infância para crianças entre 3 a 7 anos; caixa escolar; bibliotecas e museus escolares, dentre essas inovações, destaca-se a subvenção a ensino particular (SAVIANI,2007).

Na verdade, o decreto de Leôncio de Carvalho e seu ‘ensino livre’ (Almeida Júnior, 1952a apud Saviani, 2007, p.140) culmina no final do Império, a uma tendência que já era manifestante logo após a Independência, em que a Lei de 20 de outubro de 1823 abria porta à iniciativa privada quando tornou livre a instrução, dando permissão à abertura de escolas sem necessidade de aprovação prévia.

Saviani (2007) continua discorrendo que embora a iniciativa privada não suplantou as escolas públicas no campo da instrução elementar, no nível secundário sua supremacia era completa. Nesse caso, poderia se pensar nos colégios originários dos protestantes, ainda que não aderissem ao ensino gratuito, pelo que consta, se situam na iniciativa particular. Ao longo do século XIX, cresceu o movimento pela desoficialização do ensino e aumentadas as iniciativas de abertura de escolas pelas instituições particulares que propunham a oferta do ensino gratuito (SAVIANI, 2007).

É interessante que a esse respeito, Saviani (2007,) tece densamente sobre um caso paradigmático do ensino privado: o Barão de Macahubas, neste, a iniciativa privada se corporificou em matéria de instrução no Segundo Império. Abílio Borges foi um autodidata e fundador de vários Colégios da rede privada, tanto no nordeste quanto no sudeste do Brasil. Ora, Saviani insere a concepção de homem e mundo de Abílio Borges no âmbito católico. Isso é testificado pela posição que ocupa religião na organização curricular de suas escolas e pelos professores serem padres. Tanto professores públicos como particulares eram obrigados a conduzirem seus alunos à missa, ao menos uma vez na semana, tendo penalização caso não fosse cumprida (ALVES,1942, apud SAVIANI,2007). Por essa razão entendia que era necessário ser rigoroso com os estrangeiros, no tocante à religião, questionando se seria conveniente aceitar que um protestante viesse implantar no Brasil ‘uma casa de educação para a mocidade’

À luz do exposto, parece claro o receio de Abílio Borges em relação ao protestantismo e aos seus colégios. No entanto, apesar da oficialização da religião católica no Império e predominância católica do ensino, apesar das resistências, os colégios protestantes se difundiram.

Partindo dessas reflexões, é interessante assinalar sobre o destaque de Ramalho (1976) acerca de algumas características gerais da prática educativa presente no Brasil, no final do século XIX e primeiras décadas do XX, através do olhar dos educadores norte-americanos:

a) A escola tradicional secundária, e também a universitária, é extremamente autoritária e vertical. Ainda persiste o princípio do *magister dixit*. Não se encorajam os estudantes a uma participação crítica nas aulas e a discussão das proposições apresentadas pelo professor. b) A pedagogia é essencialmente memorizadora e as lições, apresentadas de forma monótona, são quase sempre ditadas. Não se dá comumente valor maior aos aspectos de assimilação e elaboração por parte dos alunos. c) A ênfase é dada nas línguas, na literatura, na filosofia e na história. As ciências físicas e naturais são apresentadas quase sem uso de laboratório e experimentação. Restringe-se o ensino das ciências a estudos livrescos, sem trabalho de campo. d) Como os programas são muito influenciados pelos sistemas europeus, principalmente o francês, não guardam muito relacionamento com a realidade brasileira, própria de um país jovem e fruto de um capitalismo, com urgente necessidade de modernização. e) O número de matérias é excessivo e oferecidas ao mesmo tempo, sem o devido relacionamento entre si e sem possibilidades maiores de aprofundamento. São "tanques isolados e rasos". Cultiva-se o "enciclopedismo". f) Não se dá a necessária importância ao preparo profissional do professor. Aceitam-se, para exercer o magistério, pessoas que, portadoras de algum diploma, disponham de horas vagas e precisem de renda adicional. A capacitação específica para a docência secundária é bastante rara. g) A coeducação não é comum. A tradição portuguesa implantada no Brasil encara o relacionamento entre alunos de sexos diferentes com muita rigidez. Há nas escolas secundárias, principalmente as de orientação católica, separação rigorosa de sexos. h) O sentido prático da educação é muito descuidado e o curso secundário é elitista, desvalorizando-se trabalhos manuais e artes industriais. i) A educação física não consta obrigatoriamente dos currículos ou lhe é dada uma atenção muito precária. (RAMALHO, 1976, p. 79-80)

Essas críticas apontam para uma nova pedagogia emergente no Brasil, (pois os colégios de ordem privada como por exemplo, Abílio Borges, apresentava vislumbres educacionais diferentes da pedagogia tradicional) já consolidada nos Estados Unidos, poderia se contextualizar dentro do que se convencionou a chamar de "Movimento da Escola Nova" no Brasil que teve sua expressividade maior de 1932 a 1969. Embora, antes dos anos 30, os colégios protestantes revelassem em suas práticas tanto educativas como pedagógicas, distinções quanto à natureza e finalidade da educação, mais consonantes com a pedagogia nova. Essa temática é sugestiva para ser aprofundada em um estudo posterior.

Dito isto, observa-se que os norte-americanos consideram em primeiro lugar, a escola brasileira como demasiadamente “autoritária e vertical”. Isso advém por conta pedagogia de vertente tradicional religiosa aqui implantada desde 1549, com os inacianos, todavia, os protestantes preferem a relação horizontal entre professor e aluno. Criticam o ensino conteudista e a ausência da atividade reflexiva pelos alunos. Além disso, se referem à pedagogia como apenas memorizadora, o afamado “decoreba”; o ensino é monótono, não há criatividade neste e nem se valoriza o processo de assimilação do educando, o ensino protestante considerava o aluno, não como um depósito de conteúdos, mas percebendo o processo ensino-aprendizagem. Semelhantemente, criticam as aulas de ciências naturais, pois não se utilizavam de laboratórios científicos, portanto, não era prático.

Outro assunto discutido no parecer foi sobre os programas educacionais que, ao ver dos missionários protestantes eram bem influenciados pelo sistema europeu, mormente o francês. Contribuindo com essas reflexões, Saviani (2007) ao descrever sobre a institucionalização da pedagogia jesuítica ou *Ratio Studiorum*, afirma que os primeiros colégios jesuítas seguiam a orientação do método *modus parisiensis*, tido como o melhor “em matéria de repetições, disputas, composições, interrogações e declamações” (FRANÇA, 1952, P. 8 apud SAVIANI, p. 50) a fim que se aprendesse a gramática latina. O *modus parisiensis* era assim chamado porque se refere ao método adotado na capital da França, que introduziu a divisão dos alunos em classe, no caso do Brasil também, através de organização das classes com alunos dos mesmos níveis de instrução, em cada classe havia um professor. Fundamentando-se na Escolástica, os pilares do sistema francês era a leitura, o exame e a repetição (SAVIANI, 2007). Razão pela qual se referiram como um ensino monótono.

Talvez por isso, pode-se inferir que os americanos tenham estranhado o fato dessa metodologia francesa, que data do século XVI, ainda estar presente nas salas de aula das escolas brasileiras no fim do século XIX e início do século XX. Ao perceberem essa realidade, eles foram motivados não só a evangelizar, mas também a mudar o modelo de educação vigente.

Nesse contexto, os pioneiros protestantes no Brasil perceberam que a formação do professor era tida como irrelevante e a formação docente para o ensino secundário era bastante escassa. Conforme assinala Silva (2010), em sua pesquisa sobre as práticas docentes em Recife-Olinda (1851-1890), confirma que a docência nessa referida época ainda não tinha se constituído na sociedade como uma atividade laboral. Praticada ou exercida por indivíduos escolar e socialmente capacitados para exercê-la em seus devidos locais, foi ‘praticada’ por

uma pluralidade de tipos, com e sem formação escolar específica, em diversos locais e com diferentes motivações. Para a autora, a docência era uma atividade laboral aberta em um período no qual os lugares sociais das pessoas no Império do Brasil tinham a tendência de ser bastante particularistas e desiguais seguindo o *modus vivendi* socialmente estratificado característico do Brasil daquela época (CAMPANTE, 2003; FAORO, 1996 apud SILVA, 2010).

Por tudo isso, além de serem os veículos de transmissão da educação cristã batista, serviam de modelo para melhorar a educação secular e diminuir a taxa de analfabetismo, embora tivesse atingido uma pequena parte da população. Nos primeiros anos do século XX, a falta de uma educação pública adequada deu lugar à influência evangélica. Por essa razão, os missionários viam como uma magnífica vocação divina para aquele período de 1900 a 1916. Particularmente a partir de 1919, à medida que os missionários, neste caso os batistas iam chegando, traziam ideias de como instruir os membros na escola dominical e no preparo dos líderes nacionais. Diante das ideias expostas, entende-se que a Escola Dominical no referido período já era concebida como um modo de instrução para as pessoas que estavam nas igrejas, os membros, portanto convertidos ao protestantismo.

Armstrong conclui que a educação cristã nas igrejas batistas latino-americanas (escola dominical, organizações missionárias) é em grande parte um transplante vindo das igrejas norte-americanas, mas admite que nem sempre traz os melhores resultados, “mas não há dúvida de que a escola dominical se firmou como uma das maiores forças do desenvolvimento do cristianismo evangélico na América Latina” (ARMSTRONG, 1992, p. 77).

No seio da literatura batista, encontrou-se outro manual didático, de Cathryn Smith que serviu como *Programa de Educação Religiosa: nova estrutura de educação religiosa para a igreja* da antiga Junta de Educação Religiosa e Publicações da Convenção Batista Brasileira-JUERP no campo eclesiástico. O livro é tratado como indispensável, segundo o Pastor João Falcão Sobrinho:

Este livro é o manual dos manuais de Educação Religiosa. É a base de todos os manuais e de toda a metodologia de Educação Religiosa da Convenção Batista Brasileira. Nas páginas deste livro, estão a filosofia e a prática da Educação Religiosa adotadas pela Convenção, visando ao fortalecimento das igrejas para o fiel desempenho da sua missão no mundo. Programa de Educação Religiosa procura incorporar ao processo pedagógico da igreja, alicerçado na Bíblia, o que de mais moderno e eficiente existe na arte/ciência da Educação, preservando e consolidando a identidade bíblica das igrejas batistas. Nós, os batistas, temos uma identidade bíblica que nos convém preservar, pois a perda da nossa identidade neotestamentária significaria, fatalmente, a perda do poder da nossa mensagem e esperança. Quando o sal

se torna insípido, perde as suas qualidades intrínsecas e para nada mais presta, senão para ser objeto do desprezo dos homens. O magistério da igreja deve ser eficaz para produzir vida abundante, verdadeira adoração e testemunho poderoso para a salvação do mundo. Esse é o escopo deste livro. Nenhum pastor, nenhum líder, em nenhuma igreja, podem desconhecer o conteúdo, se a sua oração e o seu anseio são que todo o processo pedagógico da sua igreja leve cada crente, cada família, a igreja toda, a viver e reproduzir com poder a nova vida em Cristo (SMITH,1995, p.112).

Pelas razões acima descritas, percebemos que o revisador da obra, se arvora a adjetivar o livro como um grande manual, “manual dos manuais”, por isso não se poderia eximir de observar acuradamente as linhas que compõem o referido programa de educação religiosa batista, no intuito de perceber os moldes da Escola Dominical nesta configuração religiosa.

É apontado na apresentação do livro que durante muitos anos, a proposta da Convenção Batista Brasileira para a estrutura de Educação Religiosa era em quatro escolas: 1. Escola Bíblica Dominical; 2. Escola de Treinamento; 3. Escola de Missões; 4. Escola de Música. Com a aprovação da nova estrutura votada pela Convenção, ficou em duas divisões: 1. Divisão de Escola Bíblica Dominical e Divisão de Crescimento Cristão. A finalidade da Divisão de EBD é capacitar os membros da igreja no entendimento da revelação divina, compreender as fundamentações bíblicas do cristianismo, da adoração bíblica, da educação cristã, da evangelização e do serviço cristão, além do incentivo ao crescimento como pessoa nas virtudes da santidade, da mordomia, do amor ao próximo, com fins de amadurecimento e consolidação da fé. (SMITH,1995).

Com relação às *Tarefas da Divisão de Escola Bíblica Dominical*, a EBD é definida como uma organização adaptada à expansão. Mais adiante há a explicação de que foi na 71ª Assembleia da CBB, realizada em Belo Horizonte, em 1990, foi aprovado um parecer sugerindo uma modificação na estrutura da educação religiosa para a igreja local. Segundo Smith e Sobrinho (1995, p.47-48), a Escola Dominical é:

A organização que possui maior responsabilidade no Programa de Educação Religiosa de uma igreja é a Escola Bíblica Dominical, uma vez que o seu livro-texto é a Bíblia, base insubstituível no currículo de todo o Programa de ER. A EBD é a mais antiga e a mais arraigada organização na vida das igrejas. Todas as igrejas possuem a sua EBD, e muitas possuem mais de uma. O número de pessoas arroladas na EBD é maior do que o número de membros de qualquer outra organização da igreja. A EBD funciona com regularidade todos os domingos, sem sofrer as interrupções a que as outras estão sujeitas. As igrejas procuram sempre eleger, como obreiros da EBD, irmãos leais e capazes. A importância da Escola Bíblica Dominical nas igrejas batistas decorre da centralidade da Bíblia como única regra de fé e prática, único documento válido para afirmar nossas convicções. Nenhuma igreja batista

poderá ser forte, não importa o seu tamanho, se não for forte no ensino bíblico, a exemplo da Igreja Primitiva, que permanecia na doutrina dos apóstolos (cf. At 2.42)

Aqui, novamente há um chamamento às antigas origens da Escola Dominical, indica ser um trabalho como já foi citado, com mais 200 anos de história, bem como se faz notar o trabalho de leigos e leigas na escola, o que é um fato interessante, uma vez que quando ocorreu a Reforma Protestante, o acesso à Bíblia foi vulgarizado. Outro ponto é a supremacia das Escrituras Sagradas- A Bíblia, como herança da Reforma Protestante no fulcro do seu conteúdo.

Conforme Smith e Sobrinho (1995) no que diz respeito às tarefas propriamente ditas no Programa são elas: 1. Ensinar a Revelação Bíblica; 2. Alcançar as multidões; 3. Evangelizar; 4. Levar cada membro da igreja a cultuar a Deus na sua vida diária; 5. Prover organização e liderança treinada; 6. Prover informação sobre a igreja e a denominação. No ensino da revelação bíblica, a primordial tarefa da Escola Bíblica Dominical “é ensinar a Bíblia” (...) A EBD é a agência por excelência, na Igreja, para a instrução do povo nas Sagradas Escrituras” (SMITH; SOBRINHO, 1995, p.48). No que tange aos batistas, a Bíblia tem sido o livro-texto desde o lançamento das suas primeiras séries de lições até hoje. Além disso, interpretam e repetem o ideário da Escola Bíblica Dominical como “a agência evangelizadora por excelência na igreja”, sendo uma escola com um diferencial das demais, pois “professores e alunos são igualmente responsáveis pelo recrutamento de novos discípulos”, procurando incutir em seus alunos o conceito neotestamentário do testemunho pessoal, como um processo contínuo (SMITH; Sobrinho,1995, p.53).

Outro manual encontrado foi *A Escola Bíblica de Férias e sua direção* de Charles Wesley Clay (1956), da Biblioteca de Educação Religiosa. um dos objetivos da EBF que deriva da EBD, é além de transmissão de conhecimentos, atitudes, motivos, interesses e ideais, é a formação de hábitos (CLAY, 1956, p,30). O autor elenca alguns exemplos sobre o que entende ser essa formação de hábitos no meio eclesialístico:

Grande parte das atividades de uma pessoa são o resultado de hábitos estabelecidos no passado. Para apreciar a importância de um hábito basta olhar para uma criança, tentando amarrar os seus sapatos, ou comendo com colher pela primeira vez antes de ter estabelecido o hábito de fazer estas coisas; ou então um homem que ainda não está habituado a andar de bicicleta e outro que já estabeleceu o hábito. na esfera moral e espiritual o hábito também exerce papel importante. São estes hábitos de conduta que devem interessar principalmente a professora da Escola Bíblica de Férias. Ela deve levar as crianças a estabelecerem o hábito de participação do culto, por exemplo, para que mais tarde não sejam simples espectadores durante o cântico dos hinos e

outros elementos do culto. A EBF é excelente lugar para formar o hábito de silêncio e de reverência dentro da casa de Deus. O hábito da mentira deve ser quebrado e o hábito da honestidade colocado no seu lugar. Outros hábitos que os dirigentes poderão tentar formar são o hábito da pontualidade, o hábito de terminar o trabalho começado, de cumprir a promessa feita etc. Não é demais acentuar que um hábito se forma pela repetição constante por esta razão a EBF sendo diária, oferece grande vantagem sobre a escola dominical na oportunidade de estabelecer hábitos cristãos nos alunos. Lembrando este fato, as professoras devem sempre formular, com antecedência, os objetivos que desejam atingir na formação de bons hábitos de conduta durante a escola bíblica de férias estes hábitos uma vez formados, durarão muito tempo (CLAY, 1956, p.38-39).

Aos alunos serão ensinados hábitos de bom comportamento. Pensamos ser a formação de um hábito. Para Pierre Bourdieu:

o habitus, sistema de disposições adquiridas pela aprendizagem implícita ou explícita que funciona como um sistema de esquemas geradores, é gerador de estratégias que podem ser objetivamente afins aos interesses objetivos de seus autores sem terem sido expressamente concebidas para este fim (BOURDIEU, 1983, p. 125).

O espaço religioso das Escolas Dominicais é um espaço de práticas educativas com interface religiosa. Segundo Terezinha de Jesus Araújo Magalhães Nogueira, o *habitus* religioso, em seu processo de “inculcação-apropriação-mediação” das ações e inter-relações vem confirmando suas características de ser durável, mas também mutável (NOGUEIRA, 2014).

E como afirma Roger Chartier (1990, apud NOGUEIRA e FERRO, 2015): As percepções do social não são, de forma alguma, discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por ela menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas. As datas comemorativas abordadas e realizadas pelos agentes da Escola Dominical, representam o que denominamos de práticas educativas, classificadas e conceituadas por Nogueira (2014, p. 162, apud NOGUEIRA; FERRO, 2015, p. 8) como:

Prática educativa é um processo de ação histórico-social, intencional de hominização e humanização, em espaço escolar e não escolar, para reprodução/transformação da realidade [...]; Prática educativa escolar é um processo histórico-social intencional, com objetivos de ensino-aprendizagem, desenvolvido por meio da práxis (ações criadora, reflexiva e crítica). Tem-se, neste sentido, a prática que se deseja; Prática educativa cristã é um processo histórico-social, intencional, com propósito de hominização e humanização mediado pelo *habitus* religioso na formação de valores éticos cristãos.

Esse *habitus* religioso é feito por meio da ética cristã, através do ensino da Bíblia apropriados nas salas da Escola Dominical presentes nos manuais aqui já mencionados.

Integradas as práticas educativas à história dos Manuais de EBD, nos leva a reconhecer, nas considerações de Nogueira (2004, p.106), que a prática educativa “[...] desafia a uma interdisciplinaridade [...]”, tendo em vista que frequentemente “[...] a informação sobre essas práticas apresenta-se de forma exclusivamente discursiva e memorialística, de maneira que a sua inteligência constitui-se em um desafio”. Desafio este, que fora também vivenciado nos conteúdos memorialísticos existentes nesses guias pedagógicos com dimensão religiosa protestante, e mesmo sendo considerada obsoleta tais manuais são reproduzidos até hoje nas igrejas batistas, com nova roupagem, mas o fato é que o modelo da Escola Dominical está impregnado de seu passado no presente.

Nesta pesquisa não nos detemos sobre o luteranismo, mas em uma conversa via *Messenger do Facebook* com o Dr. Martin Dreher, o indaguei a respeito de algo sobre a Escola Dominical, alguma indicação de livro, artigo sobre o surgimento da Escola Dominical luterana, eis a resposta:

Olá Rebeca. Grato pelo contato. Na tradição luterana tiveram grande importância as escolas comunitárias. Por exigência feita por Lutero em prol da universalização do ensino. Até as leis de nacionalização de Getúlio Vargas, todas as congregações luteranas tinham sua escola, onde havia aulas especiais de ensino cristão, canto e o estudo do Catecismo Menor de Lutero. Após a perda de suas 1.400 escolas, os luteranos passaram a apostar no "Culto Infantil", aos domingos, e no jornalzinho "O amigo das crianças", ainda hoje publicado. A Escola Dominical no modelo iniciado na Inglaterra, depois levado aos USA e trazido por missionários ao Brasil, principiando com Simonton, no Rio de Janeiro, não teve grande penetração entre os luteranos. Na enciclopédia Religion Past & Present, você pode consultar texto de Christian Grethlein, Children's Church/Sunday School. Espero que estas informações ajudem, Abraço. Oi Rebeca. Quando os luteranos chegaram como imigrantes ao Brasil, no RS só havia uma escola mantida pela Província. Por isso, criaram suas próprias escolas comunitárias que tinham, majoritariamente, cinco a seis anos de ensino. Escrevi a respeito em meu livro "Breve história do ensino privado gaúcho". Hoje sobrevivem poucas dessas escolas, por causa da nacionalização levada a efeito por Getúlio Vargas. Eram escolas eclesiais sim. Pastores e professores luteranos aí ensinavam. Os luteranos chegaram a ter sua própria Escola Normal que continua sob o nome de Instituto Ivoti, em Ivoti/RS (Perguntas feitas por Rebeca Nascimento ao Martin Dreher,2022)

Em se tratando da Escola Dominical como estratégia, quando falamos em estratégia, estamos utilizando o conceito de Michel de Certeau :

Estratégia é o cálculo (ou a manipulação) das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder (uma empresa, um exército, uma cidade, uma instituição científica) pode ser isolado. A estratégia postula um 'lugar' suscetível de ser circunscrito como 'algo próprio' e ser a base de onde se podem gerir as relações com 'uma exterioridade' de alvos ou ameaças (os clientes ou os concorrentes, os inimigos, o campo em torno da cidade, os objetivos e objetos de pesquisa etc. (CERTEAU,1995, p.99)

Este conceito parece mais adequado para discutir a Escola Dominical na busca de se estabelecer enquanto religião e angariar pessoas em seus fins proselitistas.

4 UMA ANÁLISE DOS MANUAIS COMO ESTRATÉGIA DA ESCOLA DOMINICAL

Os manuais criados pelos protestantes buscaram oferecer uma preparação inicial aos professores leigos que já atuavam nas classes dominicais, instrumentalizando-os para o ensino nas igrejas. Nesta pesquisa, a ênfase se deu em três manuais da Escola Dominical Batista. Nestes manuais pedagógicos a serem investigados, traduzidos de autores norte-americanos, é possível identificar os discursos postos para a preparação de professores nas classes de Escola Dominical. Estes discursos não estão desvinculados das práticas dos sujeitos, estando demarcados pela conjuntura do momento e pela identidade denominacional protestante. Os três manuais dispostos nesta pesquisa, são livros estrategicamente preparados para uso em classe pelos professores leigos de EBD. Evidentemente que existem centenas de volumes ainda não foram perscrutados. Há uma carga de pedagogia ativa. Os alunos e alunas da EBD são vistos sob o prisma moral, intelectual, espiritual, partindo de uma perspectiva prática do cotidiano.

Outro documento utilizado é o livro publicado em 1932, intitulado Escola Dominical – Esboço Histórico, também editado pela Igreja Fluminense, que contém um balanço histórico das atividades empreendidas na Escola Dominical entre 1855 e 1932. Deste, só conseguiu-se encontrar a partir da página 161 a 524.

Concordando com a Henriqueta Rosa Fernandes. Braga (1961, p. 19), “os sentimentos religiosos do homem, cuja expressão sonora se convencionou chamar Música Sacra”, originaram diferentes manifestações artístico-musicais motivadas pela diversidade dos credos professados, contando-se, entre as principais correntes da música litúrgica cristã, a católico-romana e a evangélica ou protestante. No caso da evangélica, houve um tempo em que a música nas classes de crianças era fortemente apregoada nos livros de treinamento para obreiros de crianças de 6 a 8 anos - Departamento de Principiantes (1963) e Departamento de Primários (1965) para crianças de 4 e 5 anos. Ambos foram traduzidos, adaptados e ampliados para o português pela Sra. Edna Harrington. Esses livros devem ser escrutinados em pesquisa posterior.

Henriqueta Braga, ao discutir sobre as Convenções Regionais de Educação Cristã versa aborda a comemoração do Centenário da Escola Dominical no Brasil (1855-1955), no qual se programou o Conselho de Educação Religiosa da Confederação Evangélica do Brasil uma série de quinze Convenções Regionais para os anos de 1952 a 1954, a se realizarem no Rio de Janeiro DF, Assis SP, Campinas SP, Curitiba PR, Porto Alegre RS, Vitória ES, Salvador

BA, Recife PE, Fortaleza CE, Belém PA, Lavras MG, Belo-Horizonte MG, Goiânia GO, Ribeirão Preto SP e Uberaba MG, com a duração de quatro dias cada uma, processando-se, pela manhã, os estudos em grupo; à tarde, as sessões plenárias; e, à noite, as conferências e preleções (BRAGA, 1961).

Segundo Braga (1961) a primeira dessas Convenções reuniu-se no Rio de Janeiro DF, no período de 20 a 25 de maio de 1952, congregando elementos evangélicos cariocas e fluminenses, num total de cento e um delegados. A segunda estendeu suas atividades de 8 a 13 de julho de 1952 na Cidade de Assis SP, com a presença de setenta e quatro delegados entre os quais vinte e um Ministros do Evangelho. Braga relata sobre as duas Convenções foram apresentados e discutidos os seguintes temas: *Organização e Funcionamento da Escola Dominical; Os Obreiros da E.D.; A Literatura da E. D.; A Evangelização pela E.D.; Método Audiovisual; A Música como Fator Educativo*. A apresentação deste último assunto, na Convenção de Assis SP, esteve a cargo do Prof. Nicanor Luciano Gomes; e, na Convenção do Rio de Janeiro DF, de Henriqueta Rosa Fernandes Braga, que desenvolveu os temas: O poder da música e a sua importância educativa e a música como fator de educação religiosa precedendo-as de uma breve Introdução recordando, a propósito do Centenário da Escola Dominical, as *consagradas figuras do Sr. e Sra. Dr. Roberto Reid Kalley que, em 1855, inauguraram no Brasil a primeira Escola Dominical de caráter permanente, em vernáculo, e foram os organizadores do primeiro hinário evangélico brasileiro — Salmos e Hinos*.

No decorrer da segunda parte, considerou a música como fator de educação religiosa a) entre os hebreus e os cristãos dos tempos apostólicos; b) ao tempo dos Reformadores e na época dos grandes Revivalistas ; c) em nossos dias, na Escola Dominical e na Igreja, procurando, tanto quanto possível, imprimir cunho prático aos esclarecimentos e ressaltando a necessidade de tornar a música uma expressão de fé, com o conseqüente dever de utilizar sempre hinos apropriados à circunstância, com textos plenamente compreensíveis aos alunos e músicas verdadeiramente sacras, em tessitura conveniente e execução convicta e melodiosa. Recomendou, finalmente, o preparo de coletâneas adequadas ao uso da Escola Dominical (BRAGA, 1961).

A respeito dos congregacionais e a música nos cento e cinco anos decorridos desde esse memorável domingo até a presente data que Henriqueta escrevera seu livro, jamais deixaram os hinos sacros de desempenhar papel de relevância nas numerosas e sempre crescentes Escolas Dominicais que, desde então e pela graça de Deus, se vêm organizando por

todo o Brasil. Dois ou três domingos mais tarde já funcionava em *Gernheim*, além da classe das crianças, dirigida pela Sra. Kalley, a classe dos adultos, a cargo do Dr. Kalley e frequentada por pessoas de cor (BRAGA, 1961).

Os primeiros hinos evangélicos cantados no Brasil, em língua portuguesa, foram provavelmente aqueles entoados nessa incipiente Escola Dominical. Havia sido escritos pelo Dr. Kalley na Ilha da Madeira, alguns anos antes. São eles : Louve-vos todos ao Pai do Céu, cronologicamente o primeiro, escrito em julho de 1842; Todos que na terra moram (1842), com música do Saltério Genehrino, sendo a melodia uma adaptação de Luís Bourgeois e, a harmonização, de Cláudio Goudimel (213) ; o meu fiel Pastor, escrito em agosto de 1842; Jesus Cristo já morreu e Alma! escuta ao bom Senhor! escritos entre 1842 e 1846; Cá sofremos aflição, que data do período 1843-1846; e Tem compaixão de mim, Senhor! preparado em 1844, com música de Roberto Wainwright escrita em 1774. A estes se pode acrescentar Andávamos longe de Deus, escrito em 1853 por ocasião de sua visita aos madeirenses refugiados no Illinois, Estados Unidos (214) e cantado com música de Jorge Frederico Haendel (1685-1759).

D. Sara Kalley, senhora culta, bem-nascida e dotada de marcados pendores poético-musicais, aos quais se acrescentavam outros dons artísticos , foi a fiel colaboradora de seu Esposo, dando-lhe mão forte no trabalho, traduzindo novos hinos e escrevendo cânticos originais. Esta produção é que, pouco a pouco enriquecida, iria permitir-lhes em breves anos publicar o primeiro hinário evangélico brasileiro: Salmos e Hinos (BRAGA, 1961)

Para Braga (1961), em 1856, a Escola Dominical passou a funcionar em português, inglês e alemão. Nas reuniões em inglês eram usados hinos ingleses e americanos, e, naquelas em alemão, alguns dos belos corais luteranos. Ainda existe um exemplar do *Liederhuch für die Jugend* (Cancioneiro para a Juventude) usado na classe alemã e oferecido pela Sra. Kalley como prêmio, em abril de 1859, à aluna Christina Faulhaber (mais tarde Christina Fernandes Braga), que começara a frequentar as aulas dominicais em Petrópolis em 1856, quando apenas contava sete anos de idade. Esta coleção inclui cento e sessenta corais com a indicação das respectivas músicas, e um apêndice com dezenove melodias. Um pouco mais tarde (1860) mudou-se o casal Kalley para o Eyrie, propriedade do Barão de Lorena situada à Rua Joinville, 1, hoje Avenida Ipiranga. Apesar de residir em Petrópolis, procurou o Dr. Kalley iniciar trabalho evangélico na Corte. Isto começou a ser feito à Rua da Boavista, 45, hoje Conselheiro Zacarias, 52, no Morro da Saúde, a partir de 10 de agosto de 1856. Dois anos depois, em 11 de julho de 1858, foi a igreja organizada nesse mesmo local com o nome de Igreja Evangélica (no sistema

congregacional) .O acréscimo Fluminense surgiu, em 1863, da necessidade de distingui-la, nos documentos civis, da congregação presbiteriana fundada por Simonton .Então, transferiu-se a Igreja, em fins de 1858, para a Rua do Propósito, 64 e 66, antigo 52, onde permaneceu até agosto de 1864. Entre outros convertidos e batizados pelo Dr. Kalley no Rio de Janeiro e em Petrópolis, em 1859, figuram João Manoel Gonçalves DOS Santos que veio a estudar Teologia em Londres e sucedeu ao Dr. Kalley no pastorado da Igreja Evangélica Fluminense quando este se retirou para a Inglaterra, e duas senhoras de alta posição social: D. Gabriela Augusta Carneiro Leão, irmã do Marquês do Paraná, Ministro do Império, e do Barão de Santa Maria, e sua filha D. Henriqueta Soares do Couto. Em 15 de junho de 1860, estando ainda a Igreja instalada à Rua do Propósito, o Dr. Kalley escapou de ser alcançado por uma pedra atirada por mão fanática no momento em que a congregação, reunida para o culto, às vinte e uma horas, entoava o hino: "*Guia-me, benigno Senhor; Sou fraco, mas tens vigor*".

Nesse engajamento Priscila Garcez (2022) afirma que os manuais protestantes utilizados na preparação dos professores das Escolas Dominicais podem ser considerados suportes que contém a materialidade das ideias, do praticado ou do que se pretendia praticar. Diante do exposto, uma das prescrições postas no capítulo intitulado "O aluno" do manual Preparação de Professores, dos quais Henriqueta se apropriou, preconiza que é inútil ao professor iniciar seus ensinamentos nas classes dominicais sem a atenção do discente, uma vez que o interesse é indispensável para uma boa aula. A música na Escola Dominical corresponde à produção intelectual e práticas pedagógicas de Henriqueta, ressignificadas por uma mulher em articulação aos seus itinerários formativos, redes de sociabilidade e vinculação às práticas de leitura do grupo protestante, com vistas à atenção do aluno.

Por sua vez, o *Manual Normal da Escola Dominical de 1938* (será o mesmo de 1918?), utilizado pela Igreja Batista, versa sobre a figura do organista e do musicista como integrantes do quadro de obreiros da Escola Dominical, nesse sentido, a música foi um aspecto diferencial deste manual em relação ao último aqui apresentado. Existia uma admiração dos batistas pela música de Henriqueta e essa relação de admiração era recíproca. Adiante, tocar-se-á nestas temáticas que guardam tons normalísticos no referido Manual.

No último capítulo de seu livro, Henriqueta discorreu sobre os programas radiofônicos evangélicos, dando destaque ao "Escola Bíblica no Ar", programa dirigido pela Igreja Batista, que teve grande alcance nacional e de alguns países latinoamericanos como Argentina, Bolívia e Paraguai, com estudos bíblicos, concertos musicais e pregações.

Assim, apoiado nos pressupostos de Garcez (2022) que toma como objeto de estudo da parte dos batistas, O Jornal Batista de 26 de abril de 1981, 03 de maio de 1981 e 10 de maio de 1981 publicou uma reportagem dividida em três partes intitulada “*Magistra Dixit*”, que significa “a mestra disse”, destacando Henriqueta como um grande ícone da música sacra no Brasil. Por ocasião de sua morte, a manchete desse mesmo jornal assinalou em 17 de julho de 1983: [...] sua caminhada entre nós foi interrompida pela morte (que não tem som, mas ruído). O trânsito de Henriqueta por outras denominações, em suas redes de sociabilidade, aproximou-se da fluidez da música sacra, sempre presente em sua vida desde a mais tenra idade. Nesse sentido, a música é uma personagem que ganhou vida nos itinerários percorridos por Henriqueta dentro e fora da igreja, dando sentido à sua atuação como uma professora da Escola Dominical egressa do Curso Normal Modelo (GARCEZ, 2002)

Diante do exposto, Garcez (2022) indaga se é possível considerar que o trabalho com a música na denominação batista, *posto no conteúdo diferenciado do manual por eles utilizado*, tenha influenciado indiretamente na produção intelectual de Henriqueta para as Escolas Dominicais?

Pensando na importância do congregacionalismo e a EBD, Edjaelson Pedro da Silva (2016) afirma que o padrão utilizado para iniciar a evangelização foi o do ensino da Bíblia na Escola Dominical. Coadunando com Cardoso (2001, p. 112) se percebe a influência de Sarah Kalley no ministério do marido, uma vez que a tradição de Escola Bíblica Dominical é mais forte na Inglaterra que na Escócia. Algumas semanas depois, Kalley inaugura uma classe de escola dominical para homens negros. Chama a atenção que a 33 anos da abolição da escravidão, vê-se Kalley rompendo com uma estrutura preconceituosa e socialmente aceita, para receber homens de cor em sua casa. Uma pequena congregação é formada a partir do casal Kalley, um jardineiro português e duas crianças (CARDOSO, 2001, p. 114 apud SILVA, 2016, p. 72)

O sr. Fortunato Luz foi um reverendo, ex- pastor das Igrejas Evangélicas de Niterói, Santista e Paulistana, foi pastor de Passa Três e outras; secretário executivo da União Congregacional do Brasil e de Portugal. Em 11 de outubro de 1931, assumiu o pastorado da Igreja Evangélica Fluminense.

Luz conta que na Escola se havia instituído, desde o tempo do Dr. Kalley, como base de ensino, a “reunião de professores”, em um dia semanal com o objetivo de estudo da lição a ser ministrada no domingo seguinte. Estas reuniões eram presididas pelo Superintendente ou

pelo Pastor da Igreja. O Superintendente, Sr José Braga Junior, manteve essas reuniões por algum tempo. Mais tarde, porém elas foram abolidas por terem sido adotadas, no ensino das diversas classes para uso das escolas dominicais publicadas em folhetos todos os trimestres (LUZ, 1932, p. 161). O superintendente era considerado a alma da Educação Religiosa das igrejas, pois era responsável pela administração da Escola Dominical. Ele deveria trabalhar ao lado do pastor, ter a mente aberta, ser simpático, acessível e entusiasta da obra da Escola Dominical. (ANDERS, 1949).

A Escola Dominical (I.E., Fluminense) passou a se dividir em departamentos no ano de 1914, isso sucedeu por conta do seu desenvolvimento, “em 3 de maio de 1914”.

Sobre a reorganização da escola dominical, concordando com as sugestões do superintendente e de outras pessoas interessadas, o secretário da Escola Dominical, o senhor Eurípedes Tavares de Mello, formulou um projeto de reorganização dela, que foi aceite posto em execução em fevereiro de 1920. Em virtude da nova organização ficou a Escola seccionada em 9 departamentos:

1. Departamento do Berço
2. Departamento Primário
3. Departamento Intermediário
4. Departamento número 4 ou Departamento dos Moços
5. Departamento das Moças
6. Departamento número 6 ou departamento dos Homens
7. Departamento das senhoras
8. Departamento vespertino
9. Departamento do Lar

(ESBOÇO HISTÓRICO DA E.D. DA, I.E., FLUMINENSE, 1932)

Através da narrativa de Luz (1932), a Escola tem ainda duas instituições de ensino que não devem figurar nesta hierarquia, mas sim ao lado dela a Classe de Catecúmenos e o Grupo de Escoteiros; assim como tem ainda o dispensário, que não atendendo propriamente ao ensino prover sobre as necessidades de alunos muito pobres ou de outras pessoas igualmente necessitadas.

Na sessão dos Departamentos da Igreja Evangélica Fluminense, O Departamento do Berço se lê: “A Escola Dominical é para todas as idades: deve, portanto, acompanhar o homem, desde o berço até o túmulo” (LUZ, 1932, p.167). O teor da questão espiritual no ensino é veemente. A respeito da base e objetivos das classes, a Bíblia deve ser, em qualquer circunstância a companheira do homem; quando este não puder ir ao encontro da Bíblia, esta deve vir ao encontro do homem, onde quer que ele esteja – daí a criação do Departamento do Berço e do Departamento do Lar. O berçário é destinado a arrolar crianças, desde o nascimento até completarem 4 anos. As crianças matriculadas neste departamento eram visitadas e recebiam cartões de felicitação, nos aniversários eram objeto de oração de suas dirigentes. O referido Departamento, organizado em 19 de fevereiro de 1908, tinha uma superintendente, uma secretária e várias visitadoras. O que movia essas pessoas era a felicidade eterna de seus alunos e não apenas o bem atual. (LUZ, 1932).

Ainda sobre os Departamentos dessa igreja, no dia 4 de setembro de 1918, a Escola resolveu criar o Departamento de Menores, antiga classe 16, depois Departamento Primário, este, por sua vez, teve como primeira superintendente d. Christina Braga de Oliveira e primeira secretária a Mrs. Telford.

As comemorações e dias notáveis observados pela Escola Dominical da Igreja Fluminense – 1. *Dia do Rumo à Escola Dominical*, com o propósito de “lotar” de crianças nessas escolas. Foi observado no dia 4 de agosto de 1918. Outra data comemorativa era o *Dia Da Promoção*, cujo objetivo era estimular os alunos a conceber a Escola Dominical como uma *verdadeira escola*. Comemoravam também: Dia da decisão, Dia das Mães e o Dia do Departamento do Berço(LUZ, 1932, p. 231).

O “Curso Normal”, foi organizado no mês de abril de 1915 para preparar professores para a Escola Dominical, sendo adotado, no ensino: o compêndio intitulado *Preparação de Professores* de Charles A. Oliver e tendo como primeiro professor Alexandre Telford. Na figura abaixo, é apresentada a imagem do quadro da Primeira Turma de Professores diplomados pelo Curso Normal.

Figura 6: Primeira turma de professores diplomados pelo Curso Normal, 1917



Fonte: Escola Dominical – Histórico da E.D. da Igreja Evangélica Fluminense (1855-1932), p. 225.

Segundo relata o “Esboço Histórico”, as classes normais da Igreja Evangélica Fluminense funcionaram num espaço planejado e assim como as demais, deveriam seguir as sugestões de organização espacial para aparelhamento adequado, com salas amplas, ventiladas, grandes janelas, conforme os padrões higiênicos da época, em ambientes convenientes a cada faixa etária, além de provisionar Bíblias, hinários, revistas para o estudo das lições, quadro negro, esboços, mapas, uma biblioteca geral e outra especialmente escolhida para os professores. Diante de tais exigências, a Igreja Evangélica Fluminense, após quinze anos de intensos esforços em favor da arrecadação de dinheiro para a construção do Edifício Modelo (conforme supracitado, a ideia inicial foi cogitada em 1916), que contou com a ajuda de personalidades importantes do meio protestante, por intermédio de campanhas, quermesses,

levantamento de ofertas, doações generosas de membros em melhor situação econômica, concertos, festas, bazares, dentre outras iniciativas, em 16 de julho de 1931 lançou a pedra fundamental, com a presença de “representantes de várias igrejas, jornais evangélicos e seculares, etc.” (IGREJA EVANGÉLICA FLUMINENSE, 1932, p. 266). A cerimônia também marcou o 60º aniversário da Escola Dominical da igreja. Além de abrigar classes normais, o Edifício também alojou: [...] o Departamento Primário e o Intermediário, a Escola Diária, um departamento de maiores, um salão de conferências com capacidade para 500 pessoas, bibliotheca, arquivo, sala de leitura, abrigo para escoteiros, área para jogos, ambulatório, secretarias, instalações sanitarias e cabine para aparelho cinematographico. (IGREJA EVANGÉLICA FLUMINENSE, 1932, p. 264)

De acordo com Luz, há a ênfase de recursos para o aperfeiçoamento do ensino e provocar estímulo nos alunos. Através de Lições Graduadas, Botões e Certificados.

4.1 *MANUAL DA ESCOLA DOMINICAL DA CASA PUBLICADORA BATISTA (1946) PERTENCENTE À CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA*

Diante das pistas apresentadas nos livros dispostos, considera-se que a passagem dos missionários norte-americanos pelo Brasil, em fins do século XIX e início do século XX, resultou, na criação de um padrão pedagógico para as Escolas Dominicais brasileiras, através da escrita de diversos manuais de Escola Dominical. Mediante Cathryn Smith (1977) o primeiro *Manual Normal da Escola Dominical*, foi uma tradução do inglês, de 1918. Isso se deu pela organização da Convenção Batista Brasileira em 1907, bem como a Junta de Escolas Dominicais, foi nesse contexto que o referido Manual emergiu. Esse manual, dividido em três partes: organização, aluno e estudo bíblico – “contribuiu grandemente para o desenvolvimento das Escolas Dominicais, pois por muitos anos, praticamente, o único compêndio de orientação pedagógica para os nossos professores” (SMITH, 1977, p. 1)

Na nota prefaciadora sobre outro livro mencionado por Cathryn Smith, intitulado de: *Manual da Escola Bíblica Dominical (Edição para líderes)* datado de 1977, no qual contém informações que narram a história das impressões dos manuais batistas utilizados na EBD. A vitalidade da obra batista no Brasil deve-se em grande parte, à ênfase que tem caracterizado desde os dias dos pioneiros, isto é, evangelização e ensino bíblico, quer através dos púlpitos, testemunhos individuais, através do ensino bíblico em organizações da igreja e distribuição da Bíblia (SMITH, 1977). Aponta para a fundação da *Casa Editora Batista* em 1900. Em 1903

ocorreu o princípio da publicação de lições da Escola Dominical no *Jornal Batista*; vindo também a surgir *O Infantil* evidentemente para o público das crianças, com história e lições; em 1907, surgiu a *Revista de Adultos* e em 1909, *O Amigo da Juventude* (SMITH, 1977).

Smith (1977) versa que no ano de 1922, a *Junta de Escolas Dominicais* teve seu nome modificado para *Junta de Escolas Dominicais e Mocidade*, no mesmo ano criou-se o Departamento de Escolas Dominicais. Outra mudança de termos é ressaltada pela autora, que seguem em diante. A Escola Dominical mudou seu nome para Escola Bíblica Dominical. Isso sucedeu em abril de 1966, por recomendação da I Conferência de Educação Religiosa, realizada em janeiro de 1966, na cidade de São Paulo. No ano seguinte, a *Junta de Escolas Dominicais e Mocidade* passou a denominar-se *Junta de Educação Religiosa e Publicações – JUERP*.

Outra fonte encontrada, foi publicada no ano de 1946. Esta obra, *Manual da Escola Dominical* composta e impressa pela antiga *Casa Publicadora Batista*, no Rio de Janeiro, ainda “o Estado da Guanabara”. Posteriormente se constituiu na chamada de Junta de Educação Religiosa e Publicações da Convenção Batista Brasileira - JUERP, que em 2012 modificou-se para Editora Convicção. O *Manual* tem como autores os pastores Walter Kashel e Edgar Hallock, apontam para um modelo moderno de educação, a divisão em classes ou departamentos advindos do paradigma da educação comeniana. A obra foi prefaciada por Fred Lee Hawkins o qual, na época, era o diretor do Departamento de Escolas Dominicais da Junta de Escolas Dominicais e Mocidade da Convenção Batista Brasileira, que introduz a obra, da seguinte forma:

uma causa do **maravilhoso progresso** e desenvolvimento da denominação Batista no Brasil é a ênfase constante que se dá ao ensino e estudo da Palavra de Deus. A organização que tem a maior responsabilidade neste mister é a própria Escola Dominical, organização para tal fim. É algo de admirável visitar as igrejas espalhadas pelo Brasil a fora e verificar a unidade que existe entre elas quanto ao programa de trabalho, objetivo, métodos, oficiais etc. Facilmente se verifica que a orientação tem sido a mesma por toda a parte. Para o trabalho de Escolas Dominicais esta orientação se acha no Manual da Escola Dominical. **Há mais de vinte anos** o Manual da Escola Dominical foi escrito pelos Pastores Walter Kaschel e Edgar Hallock. Os anos têm trazido modificações ao trabalho, e com elas a necessidade de uma revisão detalhada no Manual, para a 6ª edição. Tentamos atualizar a terminologia, os métodos que as escolas estão usando, os materiais que têm sido modificados e, além disso, apresentar algumas ideias novas que ainda não estão sendo usadas pela maioria das escolas. O compêndio que agora está nas suas mãos é o resultado deste esforço. Creio que esta nova revisão do Manual da Escola Dominical servirá de orientação para as nossas escolas por muitos anos, até que, pela evolução natural do trabalho, haja necessidade de uma outra revisão. Que Deus continue abençoando este livro e as igrejas batistas do Brasil (Fred Lee Hawkins- MANUAL DA ESCOLA DOMINICAL, 1962).

Pelo texto acima, é possível apreender que o Manual foi traduzido na década de 1940, mais precisamente em 1946, como já assinalado e tendo como autoria dois homens, americanos e ligados ao ministério pastoral. Como era o Brasil na década de 40? O manual supracitado se incorpora em nove capítulos e contém 120 páginas. Discorre sobre a Origem e Desenvolvimento da Escola Dominical, com resgate ao ambiente religioso da época, à figura imprescindível de Roberto Raikes e sua popularização da EBD, relata sobre a obra da Escola Dominical no Brasil com ênfase para o trabalho batista em seus primórdios. Ao fim de cada capítulo há perguntas para revisão e exame.

O capítulo III, denota as características do professorado da Escola Dominical, enfoca o tipo de pessoal que deve estar preparado- “os obreiros”. Verificou-se uma corrente ideia do progresso na introdução do livro. Seria, porventura, a influência positivista da “ordem”, mesmo que de modo sutil presente no supracitado manual? Que ordem seria essa? Que progresso? O progresso da denominação batista, mas se poderia pensar o que por trás deste discurso de progresso. A palavra se repete no *Melhor ensino na Escola Dominical*” outro manual batista.

Ao analisar os dados bibliográficos registrados no Manual da Escola Dominical (1946) foi possível observar que existe um forte elemento pragmático por aqueles e aquelas que irão fazer a obra no chão da escola dominical. Observou-se que para entrar no corpo docente, era imprescindível que esses obreiros, termo cunhado no manual, detivessem características bem peculiares para o serviço cristão. A questão da eficiência é elencada: “uma boa organização torna-se essencial em qualquer Escola que deseja realizar um trabalho eficiente. A divisão das responsabilidades constitui um dos primeiros elementos na Escola progressista” (KASCHEL; HALLOCK, 1962, p.27). É nítida a concepção do progresso, ou uma espécie de enraizamento de um modelo de pedagogia do progresso.

Segundo o historiador, Francisco Bonato Pereira (2012, p.14): “a Escola Dominical foi uma instituição adotada por todas as denominações protestantes e herdeiras da Reforma, inclusive pelos batistas na Europa e na América do Norte e do Brasil”. A experiência sólida no trabalho desenvolvido com a Escola Dominical pelos batistas desde 1893 demonstra que, com a chegada de Emma Morton Ginsburg ao Brasil e após o aprendizado da língua, além disso Emma recebeu como uma das primeiras tarefas, escrever as lições da Escola Dominical, que eram publicadas no boletim coordenado pelo missionário William Bagby. A esse respeito, não há registros de como eram essas lições da professora Emma, o que ficaria interessante para pesquisar adiante: quais as características do corpo das lições escritas por Emma Ginsburg?

A EBD entre os batistas em Pernambuco foi instituída na Primeira Igreja do Recife, no pastorado do missionário William Edwin Entzminger (1892-1900) onde ele e a esposa Maggie Griffit, doutrinavam os convertidos, ensinando a Bíblia Sagrada que foi ampliada e dinamizada com a chegada do casal Emma e Salomão (1900-1909). De modo geral, as igrejas batistas possuem uma história de singularidade e vivência comum a essa agência de ensino – EBD.

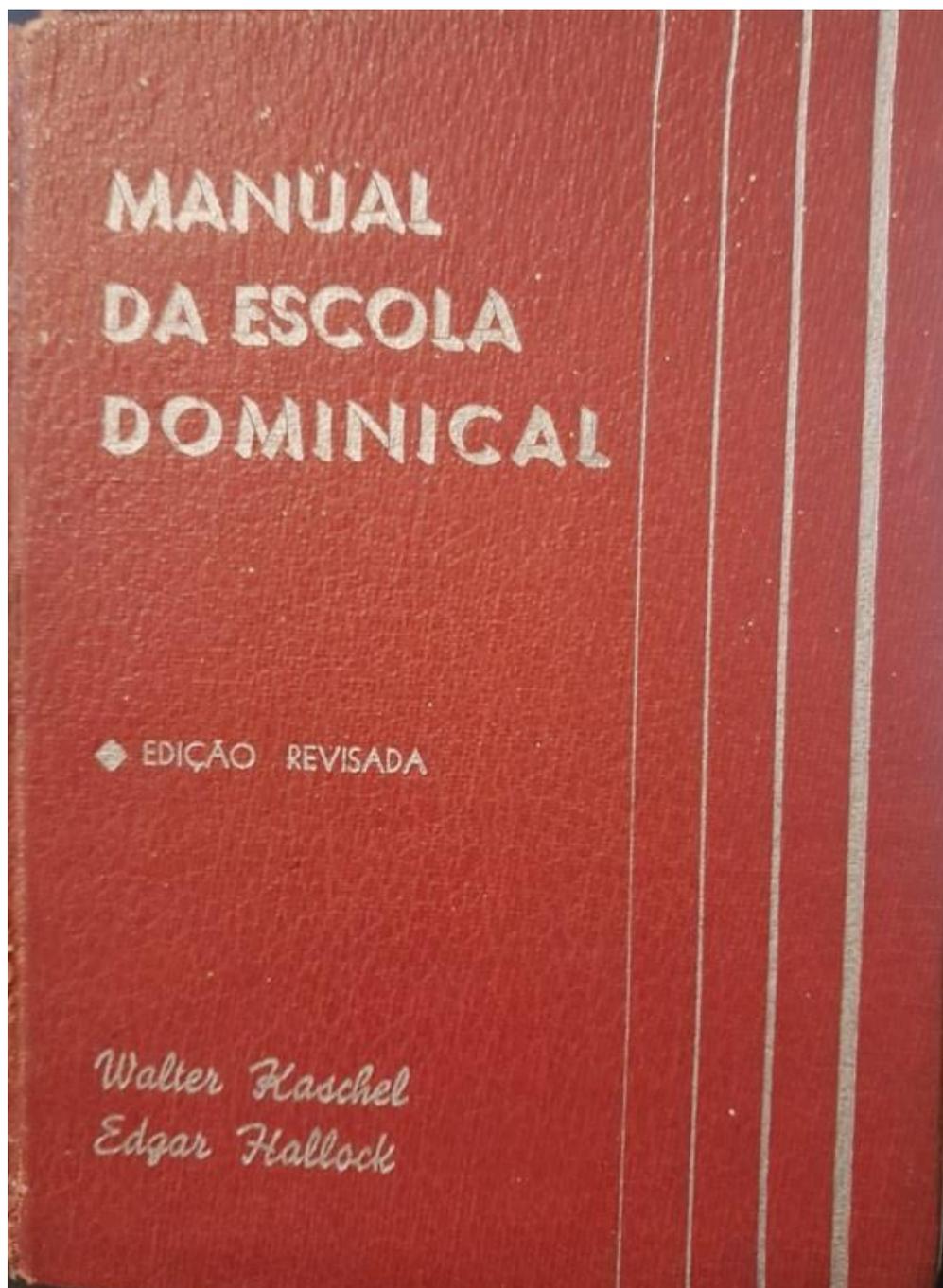
Nesse sentido, Garcez (2022) assevera que na tradição protestante, há uma preocupação em dar destaque ao “primeiro pastor”, “primeira igreja”, “primeira missionária”, “primeira mulher”, “primeiro impresso”, dentre outros, no trabalho realizado em âmbito eclesial e na sociedade, de modo geral. Elias (1987, p. 27 apud Garcez, 2022, p. 103) nos auxilia a problematizar o “mito de origem” quando discorre sobre a peculiaridade da criação, inclusive, ao citar o exemplo bíblico que utiliza o termo “no princípio” para se referir a uma única pessoa que surgiu pela primeira vez na Terra e juntou-se a outras, posteriormente. Adão, enquanto “pai originário” evoca no imaginário dos indivíduos um único ser humano que era adulto e originou os demais. Dessa maneira, no meio religioso, ou mesmo científico, as pessoas se sentem compelidas a imaginar um começo, o que nos sujeita a revermos o mito tradicional. Ainda, para o autor, não “há saltos vindos do nada”, assim como não é necessária a existência de um mito de origem para a compreensão da “relacionabilidade social primeva dos indivíduos.” (ibidem, 1987, p.27).

No *Manual da Escola Dominical*, da edição de 1962, o conceito de preparação de professores, não se manifesta de forma explícita no título do manual. Por sinal, tomando por base Silva (2003 apud Garcez, 2022) , de que os manuais são textos disseminados entre professores em início de formação, de que se constituem também em corpus documentais que sugerem processos de elaboração e divulgação de saberes que respondem à necessidade de um primeiro contato com as questões educacionais, considera-se que o livro em destaque constitui-se em um manual pedagógico, fonte para a investigação histórico-educativa, tendo o seu uso didático-pedagógico circunscrito a um projeto protestante maior para a instrumentalização dos professores leigos das Escolas Dominicais.

A dimensão pedagógica já se inicia pela capa, cujo título denota que se trata de um material próprio para os docentes. Desse modo, antes de qualquer coisa, o sujeito a quem o impresso se dirigia e a sua aplicabilidade já se apresentam como informações perceptíveis sobre uma intencionalidade pedagógica relacionada à preparação de professores. No sentido colocado

por Bourdieu (2004, p. 142), a leitura e o texto lido na história da produção e da transmissão culturais, oferecem a possibilidade de “contornar não só a relação do leitor com o seu objeto, mas também a relação com o objeto que foi investido nesse objeto.”

Figura 7: Capa do livro *Manual da Escola Dominical*, 1946



Fonte: Acervo da Biblioteca Professor Merval Rosa, Seminário Teológico Batista do Norte do Brasil, Recife (PE).

4.2 O *HABITUS* RELIGIOSO NOS MANUAIS DE ESCOLA DOMINICAL

Caminhando para uma análise desta pesquisa, percebeu-se que as Escolas Dominicais auxiliaram a construir um novo *habitus* e a conquistar um novo campo. O *habitus* para Pierre Bourdieu (1992, p. 101), significa uma subjetividade socializada, é um modo de ver o mundo. O *habitus* pedagógico, segundo Terezinha Nogueira (2014, p.156) “é o conjunto dessas ações intencionais, com objetivos específicos de inculcação/apropriação/produção de um processo de ensino e aprendizagem, para aplicação/atuação/intervenção na realidade”. Para a autora, isso significa dizer que o *habitus* “integra presente/passado possibilitando sua funcionalidade a partir de percepções, apreciações, o que oportuniza a realização de atividades, de ações diferenciadas” (NOGUEIRA, 2014, p. 155). A autora se compromete com a dimensão religiosa do *habitus*, desenvolvendo a partir de Bourdieu, o conceito de *Habitus* religioso como um:

Processo/produto de um conjunto de estruturas subjetivas, abertas, mediadas por valores e ética cristã, pela apropriação em sociedade e nas ideias adquiridas nas experiências cotidianas. Entende-se neste estudo que as opções éticas, de algum modo, influenciam as ações e escolhas dos protagonistas das instituições educativas confessionais que, por estudarem nessas instituições, cujas práticas educativas e pedagógicas são mediadas pelo que se denominou *Habitus* religioso, desenvolvem uma ética cristã, presente na história das instituições (NOGUEIRA, 2014, p. 155).

Nesse sentido, o espaço religioso se configura num espaço de prática educativa, de hominização, pois a prática educativa cristã é um processo histórico-social, intencional com propósito de hominização e humanização mediado pelo *habitus* religioso na formação de valores éticos cristãos, na Escola Dominical.

Compreende-se que, para Bourdieu, o *habitus* apresenta-se/constitui-se por meio de dois componentes: *hexis* e *ethos*. O *ethos* (jeito de ser do indivíduo), corresponde aos valores interiorizados que direcionarão a conduta do agente (sujeito), representado pelos princípios e valores em estado prático; e a *hexis*, ligada à linguagem e à postura corporal, corresponde à postura e às disposições do corpo. Assim, nesta inter-relação *ethos* e *hexis* (*habitus*), forma-se a estrutura de leitura através da qual os sujeitos (agentes) se percebem e percebem, julgam e agem no mundo social em que vivem (NOGUEIRA, 2014).

Para Bourdieu (2007 a, p.57), o *habitus* religioso caracteriza-se por ser o “... princípio gerador de todos os pensamentos, percepções e ações, segundo as normas de uma representação religiosa”. A partir do conceito de *habitus* religioso, Bourdieu demonstra a influência dos

princípios religiosos na formação da identidade dos agentes. Dessa forma, com a incorporação do *habitus* religioso, observa-se nos agentes uma disposição (tendência) para o desenvolvimento de práticas que são orientadas por princípios de determinada denominação religiosa. Importante esclarecer que o *habitus* religioso, não é entendido como único elemento influenciador das escolhas e ações a serem desenvolvidas pelos agentes. É necessário observar que sua influência não ocorre isolada de outros fatores.

Ao valorizar princípios religiosos como elementos definidores de regras e comportamentos, a religião passa a ser considerada como um dos elementos-chave para o estabelecimento/reconhecimento da ordem social (BOURDIEU, 2007a). O *habitus* religioso possibilita aos agentes ter o sentimento de pertencer a determinada ordem religiosa. Munido desse sentimento de pertença, o agente passa a reconhecer e compreender símbolos, práticas, pensamentos, condutas e regras que são próprias desse grupo. A incorporação de um *habitus* religioso acaba por "... modificar em bases duradouras as representações e as práticas dos leigos" (Bourdieu, 2007a, p. 57).

A família, ao realizar ações de inculcação do *habitus* religioso, demonstra a intenção de que seus filhos estabeleçam e vivenciem uma relação com o sobrenatural, resultando na incorporação de ações que revelam o pertencimento a determinadas denominações religiosas. A escola confessional passa a ser, portanto, uma alternativa para que os filhos continuem em contato com essas práticas e crenças mesmo fora do ambiente familiar. Uma escolha que desencoraja "... as relações socialmente discordantes" (BOURDIEU, 2007b, p. 228).

Voltando para o aspecto dos manuais de EBD, alguns anos antes de 1940, encontrou-se ao longo da pesquisa pontos relevantes para essa área de produção de lições didáticas dominicais. Assim, de acordo com Garcez (2022) a busca pela articulação e conciliação de Erasmo Braga. Ele era pastor, professor, missionário, poliglota, tradutor, escritor e músico, tocava órgão e piano com excelência. Filho de João Ribeiro de Carvalho, também pastor, convertido após ler uma bíblia que havia sido vendida como papel de embrulho em 1871 e Alexandrina Teixeira da Silva Braga. Estudou na Escola Americana e foi ordenado pastor em 5 de setembro de 1898. Em 1899 fundou a revista O Puritano como alternativa a O Estandarte, junto com Álvaro Reis. Líder do Período de Cooperação da implantação da Igreja Presbiteriana do Brasil, Erasmo Braga foi um dos maiores influenciadores evangélicos do seu tempo, por sua capacidade de dialogar, respeitar as diferenças e crença na colaboração entre religiões.

Refletiu-se na escrita dos materiais que produziu, entre eles, nas Lições Bíblicas para as Escolas Dominicais - Livro do Professor, baseadas nas Lições Internacionais da Escola Dominical. Os materiais que publicou ao longo de sua vida para a preparação de professores, de forma conjunta com o Comitê Brasileiro de Cooperação e a União Brasileira de Escolas Dominicais eram “teologicamente equilibrados, não sectários e adotavam os métodos pedagógicos mais avançados da época.” (MATOS, 2008, p. 236 apud GARCEZ, 2022). E hoje, o que se tem de avançado? A Escola Dominical enfrenta muitos desafios. Ainda na modernidade, a questão do individualismo religioso permeia a instituição, corroborando para uma queda na frequência. Elas existem para o ensino e doutrinação dos membros e não mais como evangelização.

Garcez (2022) retoma em sua tese sobre *Lições Bíblicas para as Escolas Dominicais - Livro do Professor* o qual recebeu notas de comentário na Revista de Cultura Religiosa, que vale ser destacado aqui, pois segundo a autora, é um periódico articulado por intelectuais protestantes que tiveram o intuito de disseminar a cultura religiosa no Brasil, especialmente nas décadas de 1920, 1930, 1940 e 1950, constituindo-se em um espaço de encontro de uma geração. Erasmo Braga foi o colaborador fixo desse periódico, tecendo comentários e notas críticas a respeito da literatura protestante em circulação naquele período. (LIMA, 2008 apud Garcez, 2022) salienta uma nota sobre o livro de Erasmo Braga que foi escrita pelo Rev. H.S. Harris e contém os seguintes comentários, na ortografia da época:

Nas Escolas Dominicais brasileiras não há professor que ensine as lições internacionais que possa dispensar o uso constante do “Livro do Professor” no seu preparo para o ensino de seus alumnos. Estes têm direito aos melhores esforços e estudos por parte de seu professor no sentido de lhes dar o mestre o âmago dos ensinamentos de cada lição na forma mais proveitosa, para o crescimento na ciência e na prática da verdadeira religião cristã. O “Livro do Professor” foi preparado especialmente para dar aos professores dos departamentos Superior, Intermediario e Primario, precisamente os pontos de ensino mais propios e necessários para os discipulos dos respectivos departamentos, consultando-se sempre as caracteristicos, interesses e necessidades moraes e espirituaes destes discipulos nas suas varias idades, afim de lhes proporcionar desenvolvida alimentação e direção espiritual. [...] cada lição tem até duas ou mais paginas de Indicações Pedagógicas. Em todo o livro há 90 paginas deste importantissimo material dividido para cada lição em tres secções, agrupando-se as indicações ao redor de um “ponto central” escolhido para nuclear o ensinamento principal da lição do dia e mais proprio para a cultura espiritual do alumno do respectivo departamento Superior, Intermediario ou Primario. As lições do Curso Superior foram preparadas tendo-se em vista não tanto os discipulos que precisam somente do “leite simples” da Palavra, mas especialmente os alumnos maiores e os professores que precisam de um alimento “solido” para os fortalecer e os preparar afim de serem elles robustos e efficientes servos na Seara do reino do seu Senhor.

Porém, nas “indicações pedagógicas”, que somente se acham no “Livro do Professor”, elle encontrará o methodo que o habilitara a proporcionar com intelligencia a cada um de seus alumnos o alimento, quer leite, quer solido, de que elle precisa para ser um christão exemplar adulto, juvenil ou infantil, segundo seu desdobramento intellectual ou espiritual. A Igreja Evangelica em todo o mundo está hoje muito agitada em consequencia de suas evidentes falhas no passado, no departamento do ensino religioso, e muito compenetrada da presente necessidade de se tornar mais uma igreja que ensine, se não menos uma igreja que préga. Por isso, e em vista da premente e triste necessidade moral e espiritual em que se acha a nova geração brasileira, compete ás auctoridades da igreja dar logar proeminente a esta função do ensino e ao professorado da Escola Dominical que a exerce, em beneficio do futuro mesmo da igreja, como do caracter da cidadania patria. E’ demais dizer que uma obra escripta pelo auctor do “Livro do Professor” será sempre clara quanto aos seus ensinamentos positivos do christianismo evangelico, e tambem sã e leal á interpretação bíblica geralmente acceita pelos evangelicos brasileiros. E’, pois, na esperanza de que este livro, com suas valiosas lições pedagogicas para os professores das Escolas Dominicaes, sirva aos altos interesses do reino de Deus no ambiente da nossa vida nacional, que se offerece ao publico evangelico do Brasil. - H.S. Harris (REVISTA DE CULTURA RELIGIOSA, 1922, p. 381; 382; 383 apud GARCEZ,2002, p.101;102).

Conforme Priscila Garcez , os comentários autorizados sobre a obra e autoria de Erasmo Braga, dizem respeito não apenas da sua obra, mas do seu engajamento no meio religioso protestante e fora dele. No meio secular, seu itinerário mais notório tem relação com a sua participação na diretoria da Associação Brasileira de Educação, integrando a comissão que deu sugestões ao governo brasileiro sobre a reforma educacional que estava sendo estudada em 1930 e nos livros didáticos da série Braga, adotados nas escolas públicas do Distrito Federal. (MATOS, 2008 apud GARCEZ, 2022).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

À guisa de considerações finais, no repertório pedagógico dentro de uma dimensão religiosa, Manfredo Carlos Wachs (2009) considera a expressão educação cristã, como forma de caracterizar uma determinada perspectiva educacional, pois a educação, em si, é mais ampla e está presente de feitos mais diversos em todas as culturas. Portanto, o qualitativo cristão é uma perspectiva de análise e compreensão (WACHS, 2009).

Na esteira da Escola Dominical como prática educativa e sua inter-relação com a cidadania, Janylle Torres Viana Vieira De Alencar Leite Lima (2022) abraçou a compreensão de “prática educativa como espaço de formação para a cidadania”. Segundo Lima (2022), dissertando sobre as Escolas Dominicais presbiterianas, afirma que sua história, organização,

funcionamento, currículo, com ênfase nas contribuições da educação fornecida nessas Escolas para o exercício da cidadania. A autora destaca que:

Ao discorrer sobre as práticas educativas do mestre-escola Miguel Guarani, Pinheiro (2017, p. 224) registra que, naquele contexto, “ensinar não implicava apenas em transmitir conhecimento escolar, mas em formar o cidadão para o exercício da vida como um todo. A isso se chama prática educativa para a cidadania”. No caso das Escolas Dominicais presbiterianas, observou-se que as práticas educativas mediadoras do conteúdo educativo subscrito pelo grupo estudado implicavam não apenas em transmitir um conjunto de doutrinas religiosas que norteiam a cosmovisão de um determinado segmento protestante, mas também visavam formar o cidadão para o exercício da vida como um todo (PINHEIRO, 2017, p. 224, apud Lima, 2022, p.338).

Isso posto, assinala que no Brasil, ao realizarem a obra missionária, os presbiterianos deram notoriedade ao livro e ao folheto, usavam-nos, como aos periódicos, para consolidar a igreja mediante doutrinação e motivação dos fiéis para atenderem às novas formas de comportamento; integrando-os em um todo coeso no País e no mundo (a religião Reformada); “para manter alto seu moral, mediante a convicção da Apostolicidade da religião evangélica” (RIBEIRO, 1981, p. 107 apud LIMA,2022, p.338). Assim, o presbiterianismo colocava nos usos e costumes até das mais rústicas famílias do sertão o hábito de ler” (RIBEIRO, 1981, p. 108).

De igual modo, até os dias atuais, os presbiterianos, através de suas Escolas Dominicais, estimulam o hábito da leitura entre seus alunos, habilitando-os para o pleno exercício da cidadania, através do ensinamento de valores e condutas morais e éticas cristãs, mas também desenvolvendo sua habilidade leitora e de interpretação textual (LIMA, 2022).

Silas de Oliveira (2009), afirma que a Educação Religiosa dos Grupos Protestantes chegou no fim do século XIX, no Brasil. Todo o processo dialético-pedagógico foi desenvolvido através de uma temática anticatólica, altamente apologética. “Do indivíduo ao ser educado nos princípios protestantes, era exigida uma postura contra o catolicismo, ou seja, ser protestante era ser anticatólico” (OLIVEIRA,2009, p.337); agindo assim estaria evidenciando consistência em sua fé. Segundo o autor: “A educação religiosa cristã tomou como base dois grandes métodos pedagógicos que marcaram a história da Igreja Protestante em todo seu processo de ensino” (OLIVEIRA, 2009, p. 337). Ainda para Oliveira (2009), a Escola Bíblica Dominical é elencada como a primeira implantação desse processo de ensino.

Atualmente as Igrejas têm buscado novas alternativas de formação, mesmo com as formas tradicionais de ensino, exemplifica com a catequese predominante no ensino católico,

o ensino confirmatório da Igreja Luterana, a Escola Dominical que tem sua identidade entre as igrejas Metodista, Presbiteriana e Episcopal Anglicana. Oliveira se esquece de expor os Congregacionais que como viu-se foram os fundadores da EBD no Brasil e dos Batistas.

Shirley Maria dos Santos Proença (2008) ao abordar a Escola Dominical no Brasil, assinala que todas as denominações protestantes que chegaram ao Brasil organizaram a escola dominical e, para atender os objetivos de tal modalidade de ensino, iniciou-se o processo de publicação de material didático. Cada igreja procurou publicar material próprio.

No século XX, no início da década de 20, a publicação de lições para escola dominical contou com a cooperação de diversas igrejas protestantes através do Conselho Evangélico de Educação Religiosa do Brasil, que em 1934 foi integrado a Confederação evangélica do Brasil, no departamento denominado conselho de educação religiosa.

Com a produção própria de material didático, por algumas igrejas, na década de 60, o sistema de cooperação não sobreviveu, o que colaborou juntamente com as questões político eclesiais, para a extinção da Confederação evangélica do Brasil. As que ainda não produziam material didático utilizavam as publicações de igrejas com as quais comungavam princípios bíblico- teológicos. Em se tratando da literatura da igreja Batista, a antiga Casa Publicadora Batista, existe desde 1900, havendo algumas modificações ao longo do tempo - JUERP, mas ainda hoje apesar de ter mudado o título da editora, ainda existe e é vendido o material para as igrejas utilizarem na EBD.

A instituição escola dominical conta, desde seus primórdios, com a participação dos leigos e das leigas. Há ênfase no ensino para crianças, ainda que tenha em sua organização classes para as diversas faixas etárias.

Geralmente o planejamento se pauta na discussão sobre novas metodologias recursos didáticos mais modernos mudança na forma da organização adequação do horário de funcionamento e racionalização do espaço físico. Cada denominação procura convence alunos e alunos a respeito da importância da educação para a fé e a ética cristã. Ainda que se pretenda realizar mudanças talvez ainda não profundas, a muita resistência por parte da maioria das igrejas na tentativa de se preservar a organização da instituição nos moldes em que nasceu e se solidificou no século 18. Iniciativas para a elaboração de currículos, diversificação de recursos didáticos e preparação de recursos humanos não têm garantido a participação dos membros das igrejas nas milhares de escolas dominicais espalhadas pelo Brasil. Este processo de esvaziamento precisa ser levado a sério e deve ser o motivador para se discutir o significado

desta instituição para o desenvolvimento das igrejas e preparo dos alunos e alunas para o exercício da fé cristã.

Convém tocar em algumas correntes de pensamento que interessam a esta pesquisa, mormente as questões de análise do presente capítulo. Ora, no que concerne à *Educação confessional presbiteriana: do pragmatismo protestante ao calvinismo, um longo caminho* de Antonio Maspoli de Araujo Gomes (2017), a palavra pragmatismo protestante de modo significativo chamou a atenção. A partir da análise da literatura batista de Escola Dominical, percebeu-se traços ou indícios do pragmatismo nos manuais encontrados. Gomes esboça a história do sistema Mackenzie de Ensino surgido em 1870 com o nascimento da Escola Americana, uma instituição paroquial, calvinista confessional (GOMES,2017, p 644). A confessionalidade, contudo, é implantada somente pela reforma dos Estatutos da Universidade, segundo ele apenas em 1999, quando o nome Universidade Mackenzie é mudado para Universidade Presbiteriana Mackenzie. Gomes (2017) analisa o processo de transformação da educação presbiteriana, na Universidade Presbiteriana Mackenzie, de educação pragmática para educação confessional. O que chamou a atenção e interessa na leitura desse artigo foi a escolha terminológica *educação pragmática*, não interessa para a análise desta dissertação os rumos que a universidade citada trilhou, mas o que ecoa é o pragmatismo presente no protestantismo. Verificou-se que este pragmatismo também é recorrente nos manuais didáticos usados nas igrejas batistas.

As estratégias educacionais missionárias de Escolas Dominicais, de padrão norte-americano, no Brasil, não podem ser dissociadas do próprio projeto norte-americano de expansão: o destino manifesto de meados do século XIX, já abordado nessa dissertação. As Escolas Dominicais fundadas no Brasil dessa época, nascem vinculadas ao idealismo missionário dos congregacionais, presbiterianos e batistas de evangelização do Brasil.

No caso dos batistas, sob a direção da Junta de Educação Religiosa e Publicações da Convenção Batista Brasileira, assumem uma postura pragmática, própria da sociedade norte-americana, voltando-se para a formação da mentalidade tanto dos professores de EBD como das igrejas, por meio dos diversos livros para O Departamento da Infância, Principiantes; O Departamento de Primários, O Departamento de Juniores, O Departamento de Adolescentes, O Departamento de Jovens e O Departamento de Adultos.

Contribuindo para essas reflexões, Maira Ignacio da Silva (2014) considera o século XIX um período de transição para o mundo ocidental. Com mudanças proporcionadas pelo

desenvolvimento de ideias religiosas, filosóficas e científicas. Mas, mesmo em um período em que a razão predominava, paradoxalmente, o protestantismo conseguiu, em seu favor, conciliar ideias antagônicas, pragmatismo e evolucionismo, divulgando a salvação individual por meio da experiência religiosa (SANTOS, 2009 apud SILVA, 2014, p. 76)

Nesse sentido, no protestantismo do século XIX, vale a experiência pessoal e sua influência na vida prática *como instrumento de uma sociedade renovada e progressista*. Por essa razão, o século XIX foi o século protestante por excelência, o século da expansão missionária, a Era Protestante. (SANTOS, 2009, p. 12 apud SILVA, 2014, p. 76). Nesse cenário favorável à inserção do protestantismo, missionários presbiterianos norte-americanos vieram ao Brasil para divulgar sua religião e encontraram na imprensa religiosa um veículo para a evangelização e a educação.

A inserção e difusão da educação protestante na sociedade brasileira foram concomitantes à pregação dos primeiros norte-americanos missionários que chegaram ao país. Nascimento (2007, p 42 apud SILVA, 2014, p. 77.), referindo-se aos estudos de Barbanti (1977), diz que para as vertentes reformadas estabelecidas no Brasil, a ideia de que a instrução é um ato de fidelidade a Deus e de que o progresso da civilização se confunde com a conquista da verdade teológica, representava “a cunha que abriria caminho para suas atividades de proselitismo”. Já para as elites progressistas “não comprometidas com o Império ou a Igreja Oficial” que asseguraram a maior parte de sua clientela escolar durante suas primeiras décadas de funcionamento, aquelas escolas protestantes norte-americanas “representariam a ponta de lança que abriria caminho para as atividades de renovação das mentalidades e das práticas dentro dos quadros pedagógicos, e por extensão, da sociedade brasileira.

A atuação protestante no âmbito educacional atingiu dois níveis de interesse. De um lado, os interesses dos protestantes presbiterianos, que, mais das vezes, pensavam a instrução e a religião como instâncias indissociáveis e interligadas, e viam no trabalho educativo um meio para o exercício de atividades de proselitismo. De outro lado, os interesses dos setores progressistas, para os quais a atuação destas escolas representava a possibilidade de alcançar a modernidade. (NASCIMENTO, 2007 apud SILVA, 2014).

O Protestantismo norte-americano, inclusive o difundido no Brasil, é caracterizado por seu pragmatismo ético. Pregam a leitura da Bíblia, a abstenção do álcool e o tabaco, o descanso aos domingos, a proibição dos jogos de azar. Essa formação, se difundida em novos estratos sociais, em uma sociedade em expansão, considerava-se, implicaria na elevação moral da vida

individual, forjando indivíduos aptos a viver em uma sociedade democrática. Das estratégias norte-americanas de intervenção no contexto educacional e religioso, destacam-se as missões estrangeiras (SILVA,2014).

As missões eram organizações administrativas, normalmente, denominadas de Juntas, pertencentes a um conjunto de comunidades religiosas que se constituíam em sociedades, com o propósito de divulgar a fé protestante no estrangeiro e no país. Organizavam-se em quatro grupos: missões americanas, incluindo também as do Canadá), britânicas, australianas e europeias. Nos países latinos, a metodologia de evangelização adotada pelas missões era assim classificada: Agências das Sociedades bíblicas, Escolas, Assistência a Enfermos, YMCA (Associações Cristãs de Moços), YWCA (Associações Cristãs de Moças) e Igrejas. Essas missões propunham o desenvolvimento de sociedades religiosas que promovessem a difusão da Bíblia, a elevação das condições morais e materiais dos povos e a educação das massas (NASCIMENTO, 2007 apud SILVA, 2014). Vale ressaltar que o modelo de juntas ainda predomina nas denominações batistas da Convenção Batista Brasileira, por exemplo.

O século XVIII é o momento no qual se inaugura uma nova concepção do conhecimento, ou seja, a ideia de que o conhecimento só tinha validade se ele tivesse uma aplicação útil- o que é chamado de pragmatismo cientificista do século XVIII. Esse pragmatismo chegou nos EUA. O pragmatismo: é uma escola filosófica que se guia pelo que funciona, não se norteia pelo certo, porém se guia pelo que produz os resultados esperados. Nesse sentido, deparou-se com um questionamento: O que a EBD produz? Tendo em vista que ela obtém um caráter pragmático a partir dos manuais analisados nesta pesquisa. A EBD traz identidade doutrinária, unidade moral, prepara os obreiros para o trabalho da igreja local, consolida os novos convertidos e fomenta a fidelidade financeira dos membros da igreja. Percebe-se que a Escola Dominical de hoje não preservou os princípios de outrora, no sentido da evangelização. A EBD preconiza a questão da transmissão dos padrões morais da denominação para os membros da igreja, moldando o perfil religioso dos protestantes brasileiros. Por ser uma escola informal, é mais aberta, dialógica e não é um monólogo como por exemplo, ocorre no culto dominical.

Todavia, quem são as pessoas que estão hoje inseridas no ensino da EBD? Há um reclame de que a EBD tenha se engessado no tempo, tornando-se, portanto, obsoleta. Ainda que leigos e leigas sejam na maioria das vezes as pessoas envolvidas no ensino, há um questionamento sobre a falta de atualidade da EBD em termos de se viver no mundo eivado

pela tecnologia da informação, a facilidade de cursos bíblicos online, pregações, estudos bíblicos que podem ser feitos via internet etc. A questão do individualismo religioso atravessa esse cenário no que tange à área de ensino, ministério de ensino das igrejas. E em alguns casos, as pessoas imbricadas não têm preparo que atenda às demandas do século XXI. Mesmo que se mencione a existência EBD online através da rádio, Youtube, Escola Bíblica do Ar, ecoa-se o questionamento de que as igrejas no geral, reproduzem este modelo do século XIX sem ter uma reflexão crítica do seu currículo e práxis de ensino para os tempos hodiernos.

REFERÊNCIAS

- ARMSTRONG, Hayward. **Bases da educação cristã**. Tradução de Merval de Souza Rosa. Rio de Janeiro, 1992.
- BOURDIEU, Pierre. **Questões de Sociologia**. Editora Marco Zero Limitada, Rio de Janeiro, 1983.
- BOURDIEU, Pierre. **Razões Práticas Sobre a teoria da ação**. São Paulo: Papyrus, 1996.
- BOURDIEU, Pierre. **Os usos sociais da ciência, por uma sociologia clínica do campo científico**. São Paulo: UNESP, 2004.
- CLAY, Charles Wesley. **A Escola Bíblica de Férias e sua direção**. Biblioteca de Educação Religiosa, Editora EDIPRÉS, Recife.1956.
- LEONARD, Émile-G. **O Protestantismo Brasileiro: Estudo de eclesiologia e de história social**. São Paulo e Rio de Janeiro, ASTE/JUERP, 1981.
- LUZ, Fortunato. **Esboço histórico da Escola Dominical da Igreja Evangélica Fluminense. Rio de Janeiro: Fluminense, 1932.**
- LELIÈVRE, Mateo. **João Wesley: sua vida e obra**. Editora Vida, 1997.
- MENDONÇA, Antonio Gouvêa. **O celeste porvir: a inserção do protestantismo no Brasil**. 2.ed. São Paulo, 1984.
- MANACORDA, Mario Alighiero. **História da educação: da Antiguidade aos nossos dias**. 3d. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1992.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense,2006. Coleção primeiros passos.
- KASCHEL, Walter. HALLOCK, Edgar. **Manual da Escola Dominical**. 1962.
- THOMPSON, E.P. **A formação da classe operária inglesa – a maldição de Adão**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- REILY, Duncan Alexander. **História Documental do Protestantismo**.1984
- <http://portal.metodista.br/metodista.br/fateo/noticias/igreja-metodista-celebra-dia-da-escola-dominical#closeModal2022>
- <https://www.metodista.org.br/a-historia-da-escola-dominical>
- GARCEZ, Priscila de Araujo. **A fé pelas palavras: trajetória de Judith Tranjan na educação metodista**. Dissertação (mestrado em Educação). Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2017.
- POWER, John Carroll, **The Rise And Progress Of Sunday Schools: A Biography Of Robert Raikes And William Fox**, New York: Sheldon &Company , 335 Broadway Boston Gould & Lincoln MDCCCLXIII 1863
- BARRETO, Raylane. **A Educação das Mulheres no Brasil: Sobre o Capítulo dos Acessos à Escolarização**. In: GAZOLA, Kênia et al(org.). **Educação e Nação no Bicentenário da Independência** Belo Horizonte: KMA,2022. (p.99-112).
- MENDONÇA, Antonio. G.; VELASQUES FILHO, Prócoro. **Introdução ao Protestantismo no Brasil**. São Paulo, Loyola, 2002.

SANTOS, João Marcos Leitão. Religião e Educação contribuição protestante à Educação Brasileira 1860-1911. *Tóp. Educ.*, Recife, v. 17, n. 1-3, p. 113-151, 2007.

NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. **A escola de Baden-Powell**: cultura escoteira, associação voluntária e escotismo de Estado no Brasil. Rio de Janeiro: Imago, 2008.

NASCIMENTO, Ester. CABRAL, Newton. SOUZA, José Roberto (org.). **Lideranças protestantes no Brasil**: ensaios biográficos [recurso eletrônico]. – Recife: Editora UFPE, 2015.

<https://www.youtube.com/watch?v=0wIMiteRJAY&t=2162s> A Herança de Ação Social Reformada – Rev. Leonildo Silveira Campos

REIS, José Pereira. **Uma breve História dos Batistas**. Edição da Junta de Educação Religiosa e Publicações da Convenção Batista Brasileira Casa Publicadora Batista – Rio de Janeiro 2ª edição 1979.

SOUZA, José Roberto. A reação da Igreja Presbiteriana do Brasil ao advento do pentecostalismo em Pernambuco (1920/1930). UNICAP, 2013.

LIBÓRIO, Luiz Alencar; MOTA, Antonio Raimundo Sousa. **Psicologia e Religiosidade nas fases evolutivas**. Editora FASA, Recife 2014.

CERTEAU, Michel. **A Invenção do cotidiano**: artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

HACK, Osvaldo Henrique. **Ciências Divinas E Ciências Da Religião: Uma Experiência No Contexto Histórico Mackenzista**. Ciências Da Religião História E Sociedade Ano 1 • N. 1 • 2003.

NOGUEIRA, T. de J. A. **Instituições confessionais em Corrente/Piauí – história e memória**: práticas educativas e formação de professores. 2014. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Piauí, Teresina: EDUFPI, 2014.

NOGUEIRA, T. de J. A.; FERRO, Maria do Amparo Borges. **Práticas Educativas Cívicas Em Instituição Confessional**: Histórias De Vida De Ex-Alunos Na Construção Da Consciência Étnica (UFPI)https://www.nordeste2015.historiaoral.org.br/resources/anais/11/1438653072_ARQUIVO_PRATICASEDUCATIVASCIVICASEMINSTITUICAOCONFESSIONAL.docESTE.pdf

PEREIRA, Francisco Bonato. Emma Ginsburg e a EBD. **O Jornal Batista**. Rio de Janeiro, ano CXII, ed. 17, abr. 2012. Disponível em: <https://www.yumpu.com/pt/document/read/12733948/jornal-batista-convencao-batista-brasileira>. Acesso em: 28 nov. 2022.

O Jornal Batista– domingo, 26/04/15, pg. 2 Acesso em 15.03. 23

Siepierski Paulo D. **A evangelização no Brasil**: o caso Pernambuco, Editora Sepal, 1986.

FREITAS, Jorge Wagner de Campos. **Adolescência, Escola Dominical e Educação**: perspectivas de um novo processo. Dissertação (Mestrado) – Universidade Metodista de São Paulo. Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Filosofia e Ciências da Religião. São Bernardo do Campo, 2006.

MENDONÇA, Antônio Gouvêa, **O Celeste Porvir**: A Inserção do Protestantismo no Brasil, São Paulo: EDUSP, 2008.

MENDONÇA, A. G. Protestantismo no Brasil: um caso de religião e cultura. Revista USP, [S. l.], n. 74, p. 160-173, 2007. DOI: 10.11606/issn.2316-9036.v0i74p160-173. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13610>. Acesso em: 5 mar. 2021.

MORAES, Rute Bertoldo Vieira. **EDUCAÇÃO NÃO-FORMAL E O MOVIMENTO METODISTA: UMA DISCUSSÃO A PARTIR DA ESCOLA DOMINICAL!** 2012. 94 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2012.

RAMALHO, Jether Pereira. **Prática Educativa e Sociedade: um estudo de Sociologia da Educação.** Rio de Janeiro. Zahar Editores, 1976.

RAMOS, André Luiz. **Escola dominical: história e situação atual.** 2013. 134 f. Dissertação (Mestrado em Religião) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2013.

SILVA, A. V. A. **“[...] Será essa prática de leitura e escrita relacionada aos conhecimentos da Bíblia? [...]”**: características e contribuições do letramento religioso na Escola Bíblica Dominical Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, UNISINOS, Brasil, 2020.

SILVA, Adriana M.P. **Práticas docentes em Recife - Olinda (1851 -1890).** Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2010.

SILVA, Maira Ignacio da. **O jardim da infância da Escola Americana, São Paulo: continuidades e rupturas em sua trajetória histórica (1870-1942).** Itatiba, 2014.

GOMES, A. M. A. Rev. Pistis Prax., Teol. Pastor., Curitiba, v. 9, n. 3, 644-665, set./dez. 2017 https://pt.wikipedia.org/wiki/Erasmus_de_Carvalho_Braga